



Thiago Pereira dos Santos Marcelino

**A letra mata:
raízes e consolidação de um discurso anti-intelectual no
protestantismo popular brasileiro**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Dr. Luís Corrêa Lima

Rio de Janeiro
Julho de 2021



Thiago Pereira dos Santos Marcelino

A letra mata: raízes e consolidação de um discurso anti-intelectual no protestantismo popular brasileiro

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Prof. Luís Corrêa Lima

Orientador

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Profa. Francilaide de Queiroz Ronsi

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Elildes Junio Macharete Fonseca

(SMBL)

Rio de Janeiro, 22 de Julho de 2021

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade

Thiago Pereira dos Santos Marcelino

Graduou-se em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro em 2019. Foi consagrado ao Ministério Pastoral Batista em Outubro de 2019. Atua como Pastor de juventude na Primeira Igreja Batista em Mesquita, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Suas áreas de interesse acadêmico são: História da Igreja, Protestantismo, Relação entre Fé e Ciência e Educação Cristã.

Ficha Catalográfica

Marcelino, Thiago Pereira dos Santos

A letra mata: raízes e consolidação de um discurso anti-intelectual no protestantismo popular brasileiro / Thiago Pereira dos Santos Marcelino ; orientador: Luís Corrêa Lima. – 2021.

104 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2021.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Protestantismo. 3. Dualismo. 4. Anti-intelectualismo. 5. Fé. 6. Razão. I. Lima, Luís Corrêa. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Para meus pais Marcelo e Rute, minhas
maiores referências.

Agradecimentos

A Deus, por ter me sustentado até aqui.

À Minha amada esposa Stephanie Marcelino, pela paciência e total apoio.

Aos meus pais Marcelo da Silva Marcelino e Rute Pereira dos Santos Marcelino, pela educação, incentivo e amor.

Aos meus irmãos Lucas Pereira dos Santos Marcelino e Matheus Pereira dos Santos Marcelino, pela camaradagem e força.

À minha vó, Raimunda marques da silva, pelas orações e palavras de carinho.

Ao meu orientador Professor Luís Corrêa Lima, pela disponibilidade, incentivo e todo conhecimento compartilhado. Suas pontuações foram essenciais para a conclusão deste trabalho.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação e funcionários do departamento de Teologia da PUC-Rio.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Aos meus colegas da PUC-Rio. O companheirismo de vocês fez com que a caminhada se tornasse mais agradável.

Aos amigos Dian Henriques, Pablo Guedes, Vitor Rezende, Rodrigo Santana, Mateus Lopes, Anderson Possebon, Marco Pereira, Felipe Marins, Jaison de Oliveira, Júnior Almeida, Ramon Oliveira, Vitor Hugo, Ronan Lima, Letícia Duarte, Fernando Barcellos, José Luís, Natasha Ribeiro e Chrystiano Ferraz. Obrigado por fazerem parte da minha jornada teológica e pastoral e por me inspirarem com suas vidas.

À Primeira Igreja Batista de Mesquita, pelas orações e suporte.

Ao Pastor Renato Reis de Oliveira, pelo total apoio e amizade.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Marcelino, Thiago Pereira dos Santos; Lima, Luís Corrêa (Orientador). **A letra mata: Raízes e consolidação de um discurso anti-intelectual no protestantismo popular brasileiro**. Rio de Janeiro. 2021. 104p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O protestantismo brasileiro, de uma forma geral, orgulha-se de ser contracultural. Orgulha-se de estar dentro de um cativeiro cultural impossibilitado de dialogar com outras áreas do saber e principalmente com a ciência moderna. Este trabalho quer mostrar as raízes e o desenvolvimento de um discurso anti-intelectual marcante no protestantismo brasileiro que o impede de ser relevante diante das demandas do tempo presente. Ao olhar para a antiga modernidade, pode-se identificar o mergulho que a humanidade fez em direção ao racionalismo, ao cientificismo exagerado, que guiado pelo viés positivista fez com que o homem se enxergasse totalmente separado de tudo e de todos. No meio religioso se evidencia a briga entre Fé e razão. Porém um dos contornos nítidos do paradigma atual é que a briga entre a religião e a ciência, entre a Fé e a Razão merece morrer. Infelizmente, dentro do protestantismo brasileiro ainda se escuta ecos fortes desse conflito que a modernidade fez explodir. E dentro do protestantismo, no lugar da denúncia do indevido uso da Razão, aconteceu a exclusão completa da mesma. No Brasil, um protestantismo guiado por um emocionalismo puro e por uma espiritualidade que não enxerga o mundo e suas mudanças, persiste em fazer morada dentro das diversas igrejas protestantes. Um olhar para o passado tentando entender as origens e o desenvolvimento desse problema é essencial para a superação do mesmo. É exatamente nisto que esta pesquisa propõe-se a ajudar.

Palavras-chave

Protestantismo; dualismo; anti-intelectualismo; fé; razão.

Abstract

Marcelino, Thiago Pereira dos Santos; Lima, Luís Corrêa (Orientador). **The letter kills: roots and consolidation of an anti-intellectual discourse in Brazilian popular Protestantism.** Rio de Janeiro. 2021. 104p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Brazilian Protestantism, in general, prides itself on being countercultural. It prides itself on being in a cultural captivity unable to dialogue with other areas of knowledge and especially with modern science. This work intends to show the roots and the development of a striking anti-intellectual discourse in Brazilian Protestantism that prevents it from being relevant in face of the demands of the present time. When looking at the ancient modernity, one can identify the plunge that humanity made towards rationalism, to exaggerated scientism, which, guided by the positivist bias, made man see himself totally separated from everything and everyone. In the religious milieu, the fight between Faith and reason is evident. However, one of the clear contours of the current paradigm is that the fight between religion and science, between Faith and Reason, deserves to die. Unfortunately, within Brazilian Protestantism, one can still hear strong echoes of this conflict that modernity has caused to explode. And within Protestantism, instead of denouncing the misuse of Reason, it was completely excluded. In Brazil, a Protestantism guided by pure emotionalism and a spirituality that does not see the world and its changes, persists in making a home within the various Protestant churches. A look at the past trying to understand the origins and development of this problem is essential to overcome it. This is exactly where this research is intended to help.

Keywords

Protestantism; dualism; anti-intellectualism; faith; reason.

Sumário

1. Introdução	10
2. Elementos contribuintes para a aversão ao saber no protestantismo	14
2.1. Dualismos e dicotomias na história do cristianismo	14
2.1.1. Pensadores de Alexandria	17
2.1.2. Agostinho de Hipona – importância no processo	20
2.1.3. Tomás de Aquino – superação do dualismo	21
2.2. Movimentos ascéticos dentro do protestantismo	23
2.2.1. Anabatismo	24
2.2.2. Puritanismo	25
2.2.3. Pietismo	27
2.2.4. Metodismo	29
2.2.5. Pentecostalismo	31
2.3. Fundamentalismo x Liberalismo	34
2.3.1. Deísmo e Liberalismo teológico	34
2.3.2. Fundamentalismo	37
2.4. Biblicismo	39
3. O Protestantismo no Brasil – manutenção da teologia dos avivamentos	42
3.1. Teologia das primeiras denominações	42
3.1.1. O casal Kalley (Congregacionalismo)	43
3.1.2. Ashbel Green Simonton (Presbiterianismo)	47
3.1.3. Metodistas e Batistas (Landmarkismo)	50
3.2. Teologia do pentecostalismo pioneiro	52
3.3. Educação Cristã Protestante – uma ferramenta poderosa	57
3.3.1. EBD – como tudo começou	57
3.3.2. Objetivo e conteúdo	59
3.3.3. Consequência de uma educação dualista	63
4. Hermenêutica protestante- anticientificismo	66
4.1. Confissões – apelo a uma hermenêutica fundamentalista	66
4.1.2. Anulação do tempo e da história	70
4.1.3. Anulação das dúvidas	71
4.1.4. Anulação dos símbolos	72
4.2. Rejeição do Método Histórico-crítico	73
4.3. Algumas considerações sobre Fé e ciência	75
4.3.1. “Ciência” e “Religião” ontem e hoje	77
4.3.2. A “origem” fantasiosa da ciência	79
4.3.3. Ciência como dádiva de Deus	81
4.4 Ondas de um protestantismo intelectual	82
4.4.1 Os pioneiros – “Os Liberais”	83
4.4.2 Os herdeiros - “Evangelho Social”	87
4.5. Mudanças de paradigma	92
5. Conclusão	95
6. Referências bibliográficas	99

Siglas e abreviaturas

CEB – Confederação Evangélica Brasileira

CMI – Conselho Mundial de Igrejas

EBD – Escola Bíblica Dominical

IPB – Igreja Presbiteriana do Brasil

IPI – Igreja Presbiteriana Independente

ISAL – Igreja e Sociedade na América Latina

MHC – Método histórico-crítico

ULAJE – União Latino-americana de Juventudes Evangélicas

“Peço a Deus uma Fé inteligente e
uma inteligência cheia de Fé”.
(Ed René Kivitz)

1 Introdução

É comum ouvir dentro das Igrejas evangélicas brasileiras que a letra mata. Parte do versículo, totalmente deslocado de seu contexto e muito mal compreendido é usado pra justificar uma aversão ao saber. Trata-se do medo do conhecimento. O medo da Ciência. O medo da teologia. O medo da perda da Fé. Como se fé e razão ocupassem espaços totalmente diferentes. Mas de onde será que isso vem? Isto é extremamente nocivo para a missão cristã. É claro, os problemas na igreja e na sociedade não são meramente intelectuais, mas não dá pra negar que o anti-intelectualismo é um problema.

Pode-se dizer que o anti-intelectualismo sempre esteve presente no protestantismo brasileiro. É claro que tivemos algumas ondas de um protestantismo mais intelectual, mas essas ondas nunca foram fortes o suficiente para erradicar de vez o discurso anti-intelectual presente no protestantismo brasileiro.

Dentro do protestantismo brasileiro o discurso de aversão ao saber humano está por todo lado. Nos jornais denominacionais, nos programas de televisão evangélicos, nas rádios, nas literaturas protestantes, nas pregações dentro das diversas denominações. Em todos esses canais é possível identificar o anti-intelectualismo. A consequência disso é a promoção de cristãos alienados deslocados do mundo e da realidade que os cercam.

É importante dizer que esta pesquisa nasce de uma angustia pessoal. Nascido e criado dentro de uma denominação protestante, passei por todo o processo de educação cristã que a mesma pode oferecer para um indivíduo desde sua infância até a fase adulta. Como sempre fui muito questionador, minha angústia em relação a minha tradição de fé começou logo que comecei a perceber que para as minhas perguntas a igreja não tinha respostas, ou melhor, tinha respostas prontas que não respondiam meus questionamentos. Sempre me incomodou bastante a forma que as informações bíblicas eram passadas: Acredita nisso porque é assim e pronto.

Dentro da faculdade de Teologia encontrei bastante respostas, porém muito mais perguntas apareceram, mas não eram mais problemas já que a teologia havia me ensinado que as dúvidas poderiam fazer parte da minha caminhada de fé tranquilamente. Mas o que incomodava bastante era o fato das minhas dúvidas não terem espaços para serem vividas dentro da minha comunidade de fé.

A igreja protestante é um lugar de certezas, de verdades absolutas e de respostas prontas para tudo. As angústias da existência humana não são levadas em consideração. Dúvida é sinônimo de falta de fé.

Já terminando a formação em teologia, ingresso em uma faculdade federal com a finalidade de cursar Letras - Literatura. Bastou o primeiro semestre para perceber o quanto a Igreja negligencia uma educação cristã que faça sentido diante das demandas do tempo presente.

Nas aulas de Teoria da literatura, não eram raras as críticas ao cristianismo e mais especificamente com a forma que o texto bíblico era tratado pelos cristãos. Devido a formação em Teologia, conseguia identificar falhas nas colocações dos professores e também identificar quando suas colocações realmente faziam algum sentido. Mas o que me chamava mais a atenção era como os amigos de classe, que se diziam cristãos, se sentiam totalmente incomodados e até mesmo atacados por algumas colocações dos professores.

A verdade é que, diferente de mim que possuía uma formação teológica, meus amigos não possuíam nenhuma ferramenta para ajudá-los a lidar com as informações que estavam sendo passadas para eles. E não estou falando de ferramentas apologéticas, estou falando de ferramentas para se entender a própria fé diante da realidade presente.

Diante disso, algumas perguntas são pertinentes: Porque dentro da Igreja essas ferramentas não são passadas? Porque é tão difícil inserir no currículo da educação cristã protestante, um estudo teológico e filosófico mais profundo? Porque o diálogo com outras áreas do saber humano não pode ocorrer dentro das comunidades de fé?

O objetivo desse trabalho é identificar as raízes e como se deu o processo de consolidação desse discurso de aversão ao saber humano dentro do protestantismo brasileiro. Entender as raízes do problema é essencial para a superação do mesmo.

Para tentar entender este processo este trabalho foi dividido em três partes. Na primeira parte foram evidenciados elementos que ao longo da história da Igreja foram essências para que o protestantismo tivesse justamente as características anti-intelectuais que possui hoje.

O protestante em geral possui características sectárias, de separação do mundo. O protestante coloca-se como contra-cultural. Isto é uma herança da influência que a filosofia grega, mais especificamente do dualismo platônico,

exerceu sobre o Cristianismo em sua Gênese. A inserção do dualismo contribuiu para que o protestantismo desenvolvesse características que mais tarde o colocariam dentro de um cativo cultural. Cativo este que o faz desejar o espiritual em detrimento do material. Num segundo momento, ainda dentro do primeiro capítulo, será mostrado como essa ideia dualística de enxergar o mundo foi conservada ao longo da história protestante. Inúmeros movimentos e eventos dentro da história do protestantismo, na Europa e depois nos Estados Unidos, caminho percorrido pelo protestantismo que mais tarde chegaria e marcaria o solo brasileiro, foram responsáveis pela consolidação e perpetuação de uma visão de mundo dualística.

Na segunda parte, será analisado o protestantismo já em terras brasileiras e como, no Brasil, foi se consolidando uma teologia que havia sido moldada em quase 250 anos dentro da Europa e Estados Unidos. É importante destacar que este trabalho se propôs em analisar o protestantismo que aqui chegou através dos missionários estrangeiros no final do século XIX e início do século XX. Trata-se do protestantismo de missão, pois foi ele, que em território brasileiro, causou maior impacto, e, portanto, foi o grande responsável por moldar o pensamento popular protestante brasileiro.

Além de evidenciar alguns missionários que foram cruciais na importação para o Brasil de um protestantismo norte-americano, nesta segunda parte será evidenciado também a teologia que rege este protestantismo. Uma teologia ensinada e propagada principalmente através do sistema de educação cristão desenvolvido dentro das igrejas. Entender as características teológicas das denominações que aqui chegaram através dos missionários é essencial para a compreensão do anti-intelectualismo bastante vivo dentro das denominações protestantes brasileiras ainda nos tempos atuais.

No terceiro e último capítulo o foco está em mostrar como muitos dos problemas do protestantismo com as inúmeras áreas do saber humano partem da maneira como o texto bíblico é interpretado. Entender a linha hermenêutica adotada pelas denominações responsáveis por moldarem o pensamento popular protestante, ajuda a entender o discurso anti-intelectual e anticientífico presente dentro das igrejas.

Para melhor compreender como se dá a leitura do texto bíblico pelos protestantes, foram expostos trechos dos documentos oficiais responsáveis por

passarem o conjunto de doutrinas de algumas denominações. A análise de algumas confissões de Fé, alguns catecismos e sermões de caráter pedagógico-doutrinários das denominações estudadas nessa pesquisa permitirá a identificação de um forte apelo à uma hermenêutica que reivindica uma leitura literalista do texto. Leitura essa que torna difícil qualquer diálogo do protestantismo brasileiro com algumas áreas do saber humano, principalmente com a ciência moderna.

Numa segunda parte do capítulo é evidenciado que ao longo da trajetória do protestantismo no Brasil aconteceram tentativas de implantação de uma hermenêutica diferente da proposta dos documentos doutrinários.

Houve sim um grupo de protestantes brasileiros que ousando romper com a influência puritano-pietista Norte-americana olharam para a teologia moderna produzida na Europa e sonharam em estabelecer em terras brasileiras um protestantismo que tinha como objetivo o diálogo. Diálogo com as classes intelectuais brasileiras, diálogo com as ciências e, posteriormente, um interesse ecumênico em prol de juntar forças para atender as demandas da sociedade. As ondas de um protestantismo mais intelectual nunca conseguiram vencer a rigidez do conservadorismo em terras brasileiras. Com a ajuda do governo militar, os intelectuais protestantes foram caçados e a teologia das certezas frias continuou se fortalecendo e se consolidando.

É justamente, devido ainda ser forte no meio protestante brasileiro uma luta contra a razão, que diagnoses, como esta pesquisa, fazem-se necessárias. É preciso olhar para o passado, identificar os erros, lutar para corrigi-los e não mais cometê-los.

2 Elementos contribuintes para a aversão ao saber no protestantismo

Ao longo da história da Igreja e do pensamento cristão, podem ser identificados elementos que contribuíram demasiadamente para a configuração atual do discurso anti-intelectual encontrado dentro do protestantismo brasileiro. Estes elementos serão expostos ao longo do texto. É preciso realizar uma diagnose clara para melhor entender todas as nuances históricas e teológicas que ao longo do tempo foram moldando e preparando o terreno para o cenário anti-intelectual presente no protestantismo brasileiro hoje.

2.1 Dualismos e dicotomias na história do cristianismo

Para início dessa diagnose é preciso voltar à Igreja primitiva para entender todo o processo de entrada de um dos elementos que contribuiu bastante para a formação desse pensamento de aversão ao conhecimento humano dentro da Igreja. Trata-se do dualismo.

Desde sua origem o cristianismo foi influenciado por vários dualismos e dicotomias. É preciso trazer a memória a Igreja primitiva em seu encontro com o mundo grego. A Igreja encontrava-se rodeada por uma cultura estrangeira que possuía uma literatura muito rica, um idioma muito bem aceito, instituições bem fundamentadas e uma tradição intelectual muito forte oriunda da filosofia grega.

A Igreja precisava de coragem pra sair do estreito mundo palestino desprendendo-se do que não formava parte do conteúdo do anúncio da mensagem de Cristo e ir ao encontro de um mundo muito mais rico culturalmente como era o universo greco-romano.¹ No período apostólico é notório o que se pode chamar de primeiro estágio do helenismo cristão no uso da linguagem grega encontrada no Novo Testamento, e que continua até o período dos Pais Apostólicos.² A linguagem foi importante demais nesse processo. Werner Jaeger diz que “com a linguagem

¹ RUBIO, A. G. Unidade na Pluralidade, p.241.

² JAEGER, W. Cristianismo primitivo e paideia grega, p.12.

grega todo o mundo de conceitos, categorias de pensamento, metáforas herdadas e conotações sutis entram no pensamento cristão”.³

Pensadores clássicos Gregos transmitiram muitos ensinamentos bons que foram achados apropriados pelos pensadores cristãos que queriam dar expressão filosófica à fé bíblica que tinham. Muitos mestres cristãos expressaram cosmovisões mais em comum com os filósofos gregos (como Platão) do que com o que ensinou o próprio Jesus.

Um exemplo de pensamento clássico que influenciou o cristianismo foi justamente a dicotomia rígida entre matéria e espírito, característica presente na gnose e particularmente forte em Platão. O filósofo clássico Platão foi o que mais impactou os pensadores cristãos no período da patrística e na idade média. Segundo Rubio, mesmo “situados no Brasil no início do século XXI, continuamos precisando nos referir a Platão quando tentamos falar significativamente sobre o homem, mesmo que se trate do homem à luz da fé bíblico-cristã”.⁴

Vale lembrar que antes de Platão já existia a visão dicotômica do ser humano. Afonso García Rubio diz que numa perspectiva teológica esta visão encontra-se já presente na Índia e na Pérsia antigas, anteriores da filosofia grega. Mas é com Platão que acontece uma formulação teórica, no campo metafísico.⁵

Segundo Platão as coisas estão presente no mundo sensível, caracterizado como mutável, caduco. Já as ideias pertencem a um outro mundo, caracterizado como o da realidade divina, o imutável e eterno. Os dois mundos estão presente no homem: na alma (mundo das ideias) e no corpo (mundo sensível).⁶

Fica claro que a característica dominante no pensamento de Platão é o dualismo: ser em si e coisas que participam do ser, inteligível e sensível, alma e corpo, etc. O filósofo, de maneira genial, usou este dualismo para dar um sentido transcendente, um movimento vertical um valor perene para todas as atividades humanas.⁷

Pode-se afirmar que a porta de entrada do dualismo platônico na teologia cristã foi o gnosticismo. O movimento gnóstico é bem anterior ao cristianismo. Nas

³ JAEGER, W. Cristianismo primitivo e paideia grega, p. 13.

⁴ RUBIO, A. G. Unidade na Pluralidade, p. 97.

⁵ RUBIO, A. G. Unidade na Pluralidade, p. 97.

⁶ RUBIO, A. G. Unidade na Pluralidade, p. 98.

⁷ MONDIN, B. Curso de filosofia (1), p. 79.

palavras de Rubio “deita as suas raízes mais distantes na antiga tradição religiosa hindu e no cosmos irânico-persa”.⁸ No Séc. I d.C., a gnose já se encontrava bastante desenvolvida em ambientes helênicos e tentou reinterpretar a mensagem cristã no horizonte da compreensão da antropologia dualista. A salvação para o gnóstico consiste na libertação da alma em relação ao corpo. A alma é uma prisioneira do corpo. Com o dualismo sendo um dos seus principais fundamentos, o gnosticismo entrava em choque com princípios importantes para a Fé Cristã, como por exemplo a Criação do mundo por Deus e a divindade de Cristo. Sobre isso Cairns escreve:

Os gnósticos defendiam uma separação entre os mundos material e espiritual, porque para eles a matéria estava sempre identificada com o mal e o espírito com o bem. Por isto, Deus não poderia ter criado este mundo material.

O vazio entre Deus e o mundo da matéria era preenchido pela ideia de um demiurgo que era uma de uma série de emanções do bem supremo do gnosticismo. Estas emanções eram seres com pouco espírito e muita matéria. O demiurgo, como uma dessas emanções, tinha bastante de espírito em si para ter um poder criativo e o bastante de matéria para criar o mundo material. Os gnósticos identificavam o demiurgo com a Javé do Velho Testamento, por quem nutriam antipatia.

Para interpretar Cristo, eles adotaram a doutrina conhecida como Docetismo. A palavra veio de um termo grego, dokeo, que significa parecer. Como a matéria era má, Cristo não podia ter um corpo humano apesar de a Bíblia dizer o contrário. Como bem espiritual absoluto, Cristo não se misturava com a matéria.⁹

O gnosticismo penetrou em certos círculos cristãos, pois os cristãos nem sempre perceberam o perigo que ele representava.¹⁰

É importante perceber que dentro da linguagem do Novo Testamento pode já ser encontrado um certo dualismo. O grande apóstolo Paulo, era um homem muito culto. Foi um grande conhecedor do direito Romano, dominava muito bem a religião Judaica e também um grande conhecedor da filosofia grega. Em suas cartas neo-testamentárias é possível ver uma certa influência do pensamento grego.

Paulo enfrentou a rivalidade de outros sistemas de religião. As religiões de mistério subjetivistas de Mitra, Cibele e Ísis pediam a associação de muitos outros no Império. E além das religiões, Paulo também enfrentou os intelectuais Romanos de seu tempo. Estes intelectuais aceitavam os sistemas filosóficos, como por exemplo o Estoicismo, que sugeria a contemplação filosófica como caminho da salvação.¹¹

⁸ RUBIO, A. G. Unidade na Pluralidade, p. 330.

⁹ CAIRNS, E. E. O cristianismo através dos séculos, p.79.

¹⁰ RUBIO, A. G. Unidade na Pluralidade, p. 331.

¹¹ CAIRNS, E. E. O cristianismo através dos séculos, p.51.

É quase paradoxal pensar que Paulo mesmo lutando contra o gnosticismo e contra os sábios de seu tempo, que tinham uma estrutura dualística no pensamento, também sofreu influências da filosofia grega e acabou desenvolvendo também argumentos em que coloca como superior uma sabedoria que vem de Deus em relação ao conhecimento dos homens. Veja este comentário do professor Luís Corrêa:

No novo testamento, Paulo não coloca diretamente o problema da ciência, mas da evangelização e das resistências enfrentadas. Para ele: ‘a ciência infla, mas o amor edifica’ (1 Cor 8,1); e ‘mesmo que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e toda a ciência... se me falta o amor, eu nada sou’ (1 Cor 13,2). A oposição entre a ‘loucura da cruz’ e a ‘sabedoria do mundo’ está no coração do ensinamento de Paulo, que enfrentou a rejeição do evangelho pelos sábios gregos. Os ensinamentos do apóstolo não são estimulantes para a ciência.¹²

Devido as influências desse dualismo no cristianismo, o mundo material era tratado como menos valioso que o mundo espiritual. A salvação estava relacionada com exercícios ascéticos que tinham como objetivo a libertação do espírito do mundo material para que pudesse subir a Deus.

É importante ressaltar que entre os primeiros pensadores cristãos, existiam aqueles que defendiam um diálogo com o pensamento filosófico da época e motivavam a inserção na sociedade, mas também existiam aqueles, que motivados principalmente pelo combate ao pensamento gnóstico, pregavam em favor de um total afastamento da sociedade e cultura.¹³ Porém, tanto os que rejeitaram, quanto os que estabeleceram um diálogo, todos de certa forma acabaram sendo influenciados pelo dualismo platônico.¹⁴ Dentro de muitos pensadores é importante para nossa pesquisa evidenciar alguns que foram peças chaves para a entrada e sistematização desse dualismo na teologia cristã.

2.1.1 Pensadores de Alexandria.

O helenismo forneceu o pano de fundo político e cultural que possibilitou a aproximação entre filosofia grega e cultura judaica, o que mais tarde tornou possível

¹² LIMA, L. C. Bíblia e Ciência, p.2.

¹³ ROSA, W. O dualismo na teologia cristã, p. 18.

¹⁴ ROSA, W. O dualismo na teologia cristã, p. 19.

o surgimento da filosofia cristã. E foi na cidade de Alexandria que aconteceu as primeiras iniciativas nessa direção.¹⁵

A tradição vai dizer que o primeiro filósofo cristão foi Justino (mártir em Roma em c.167, nascido na Samaria e educado em Éfeso). Isto se dá por ele ter sido um filósofo que se converteu ao cristianismo passando a considerá-lo como verdadeira filosofia. Mas os primeiros representantes importantes dessa filosofia cristã são pertencentes da chamada escola neoplatônica cristã de Alexandria, onde se desenvolve a síntese entre platonismo e cristianismo.¹⁶

Pode-se dizer que o primeiro pensador representante dessa tradição foi o judeu helenizado Fílon de Alexandria (25 a.c – 50 d.c).¹⁷

Os estudiosos atuais são unânimes em caracterizar Fílon como o fundador da filosofia religiosa, pois foi o primeiro a sintetizar a sagrada escritura com a filosofia de Platão. Na síntese feita por Fílon, o universo apresenta uma estrutura piramidal. A parte superior é ocupada por seres espirituais na seguinte ordem: Deus, logos, Potências, ideias. Já a parte inferior é ocupada pelas coisas corpóreas. O homem está situado na zona limítrofe entre as duas partes, mas para o homem existe a possibilidade de separar-se do mundo corpóreo, desapegando-se dos sentidos o homem pode subir mais alto ao logos e ao próprio Deus.¹⁸

Fílon era um Judeu, mas Danilo Marcondes destaca que pode-se “considerar que Fílon, embora sem ser cristão, abre o caminho para a síntese entre cristianismo e filosofia grega, que ocorre ao longo dos três primeiros séculos da religião cristã”.¹⁹

Clemente de Alexandria (150-215) é considerado o primeiro pensador cristão a fazer uma síntese dos elementos da revelação cristã com a filosofia grega, ou seja o mesmo que Fílon fizera em relação ao judaísmo.²⁰ Clemente se esforçou para criar pontes entre teologia e filosofia, mas sem deixar de ser um crítico das ideias gnósticas.²¹

O que chama atenção é justamente a postura de que ao mesmo tempo que era simpático com a cultura e erudição secular filosófica, como bem destaca Mondin, “Clemente, evita decididamente, na estrutura do seu universo religioso, qualquer

¹⁵ MARCONDES, D. Iniciação à história da filosofia, p. 107.

¹⁶ MARCONDES, D. Iniciação à história da filosofia, p. 109.

¹⁷ MARCONDES, D. Iniciação à história da filosofia, p. 107.

¹⁸ MONDIN, B. Curso de filosofia (1), p. 122

¹⁹ MARCONDES, D. Iniciação à história da filosofia, p. 108.

²⁰ MONDIN, B. Curso de filosofia (1), p. 122.

²¹ ROSA, W. O dualismo na teologia cristã, p. 22.

sincretismo de elementos platônicos com elementos cristãos”. Clemente via na filosofia uma função propedêutica a fé cristã, ou seja, para ele a filosofia que antes da vinda de Cristo era indispensável aos gregos para conduzi-los à justiça; agora é útil para conduzi-los ao culto de Deus.²²

Diante disso pode-se dizer que Clemente não via a Fé cristã como uma recusa das coisas do mundo, pelo contrário ele se esforçou pra conciliar o conteúdo da Fé cristã e a filosofia e cultura de sua época.²³

Com esta atitude, Clemente correu um risco de descaracterizar a Fé cristã com elementos estranhos ao seu conteúdo original, o que de fato ocorreu, pois sua crítica às ideias gnósticas não foi suficiente para impedir as influências dualistas no pensamento cristão.²⁴

O teólogo Wanderley Rosa ressalta que “em Clemente não temos ainda uma plena absorção da filosofia helenista pela teologia cristã. O que temos é o instrumental grego para a elaboração da teologia” e que a radicalização da representação dualística do ser humano acontece em Orígenes.²⁵

Orígenes de Alexandria (184-254) foi um grande teólogo e exegeta. Suas interpretações alegóricas da Sagrada Escritura eram notáveis. A tentativa de dar uma interpretação filosófica à doutrina cristã da origem e do fim das coisas é o aspecto mais importante e original da especulação de Orígenes; baseando-se para isso principalmente da filosofia dos estoicos e de Platão.²⁶

Werner Jaeger comenta que Orígenes “muito embora vivesse a vida de um cristão, ele mantinha o ponto de vista helênico sobre todas as coisas, incluindo Deus, e deu a todo mito estrangeiro um significado grego”.²⁷

Diante disso pode-se dizer que em Orígenes concretiza-se a influência helênica na teologia, mas será com Agostinho que a mesma ganhará uma sistematização.

²² MONDIN, B. Curso de filosofia, p. 123

²³ ROSA, W. O dualismo na teologia cristã, p. 23.

²⁴ ROSA, W. O dualismo na teologia cristã, pp. 22-23.

²⁵ ROSA, W. O dualismo na teologia cristã, p. 25.

²⁶ MONDIN, B. Curso de filosofia (1), p. 125.

²⁷ JAEGER, W. Cristianismo primitivo e paideia grega, p. 67.

2.1.2

Agostinho de Hipona - Importância no processo.

Os pensadores já apresentados neste capítulo tiveram uma grande importância no processo de inserção das ideias dualísticas no pensamento cristão. Mas a entrada definitiva do dualismo platônico na teologia cristã aconteceu com Agostinho de Hipona. Semelhante aos pensadores cristãos do segundo e terceiro séculos, ele lutou contra a infiltração de ideias heterogêneas no pensamento cristão, mas teve, sem o perceber, sua teologia influenciada pelo neoplatonismo.²⁸

Nas palavras de Mondin, Agostinho foi “o autor de uma síntese filosófica-religiosa de extraordinária força e beleza, que exerceu uma influência incalculável em todo o pensamento filosófico e teológico posterior”.²⁹ Ele é considerado um dos maiores gênios de todos os tempos e também o maior filósofo dentro do período que separa Aristóteles de Tomás de Aquino.

Primeiramente, Agostinho foi atraído pelo maniqueísmo, depois tornou-se platônico, por fim, converteu-se ao cristianismo, mas nunca abandonou por completo os elementos platônicos.

Mesmo sem a intenção de uma elaboração de um completo sistema filosófico, Agostinho conseguiu estruturar sobre uma base racional, marcada pelo platonismo, doutrinas reveladas pelo cristianismo e acessíveis a razão.³⁰

O platonismo foi visto por agostinho, na linha da Escola de Alexandria, como antecipando o cristianismo que para ele era a “verdadeira filosofia”. A Teologia era a verdadeira e legítima ciência, logo era a seus ensinamentos que homem deveria se dedicar, pois preparam sua alma para a salvação. Esta posição de Agostinho, posteriormente no início do período medieval, foi interpretada como uma desvalorização do conhecimento do mundo, inclusive a ciência, o que, em parte, explica o desinteresse do cristianismo pela ciência natural no início da Idade Média.³¹

Um dos pontos que Agostinho reteve do platonismo foi a noção de criação dupla, ensinando que Deus fez, primeiramente, formas platônicas inteligíveis e depois o mundo material das formas. Esta visão dualística da criação gerou também

²⁸ CARVALHO, C. M. Uma pedagogia para a Educação Cristã, p. 119.

²⁹ MONDIN, B. Curso de filosofia (1), p. 135.

³⁰ MONDIN, B. Curso de filosofia (1), p. 137.

³¹ MARCONDES, D. Iniciação à história da filosofia, p. 113.

uma visão dualística da vida cristã.³² Nas palavras da professora Pearcey, “Agostinho adotou os princípios da ética do asceticismo, baseando-se na suposição de que o mundo físico e as funções físicas eram por natureza inferiores, uma causa do pecado”.³³

Mondin diz que “os méritos e as deficiências da obra de Agostinho encontram-se precisamente na síntese elaborada por ele entre cristianismo e filosofia platônica”.³⁴ A síntese não era difícil, pois platonismo e cristianismo se encontram em muitos pontos. Mas justamente pela facilidade da síntese, Agostinho caiu na tentação de aceitar doutrinas de Platão que teria sido melhor rejeitar.³⁵

Através de Agostinho o dualismo matéria-espírito instalou-se definitivamente no pensamento teológico cristão. Agostinho deixou uma teologia do corpo gnóstica e dualística como legado teológico.³⁶

É importante destacar que foi devido à participação do pensamento cristão primitivo nas questões gerais da cultura greco-romana que o dualismo corpo/alma foi concebido na teologia Cristã, mas não se trata um entendimento essencial da imagem cristã do homem.³⁷

O Teólogo Wolfhart Pannenberg afirma que a visão bíblica da unidade do corpo e alma não foi alcançada plenamente na patrística e que dentre os princípios da filosofia antiga, somente o aristotelismo pôde ajudar neste ponto.³⁸

2.1.3 Tomás de Aquino - superação do Dualismo?

Pode-se dizer que em Tomás de Aquino acontece a primeira elaboração consistente que visava a superação do dualismo platônico.³⁹ O historiador Martin N. Dreher diz que “Tomás foi, acima de tudo, teólogo. Só foi filósofo enquanto a filosofia era necessária para a teologia. Não foi o primeiro teólogo a ocupar-se com

³² PEARCEY, N. Verdade absoluta, p. 87.

³³ PEARCEY, N. Verdade absoluta, p. 87

³⁴ ROSA, W. O dualismo na teologia cristã, p. 149.

³⁵ ROSA, W. O dualismo na teologia cristã, p. 150.

³⁶ CARVALHO, C. M. Uma pedagogia para a educação cristã, p. 119.

³⁷ PANNENBERG, W. Teologia Sistemática. Volume 2, p. 267.

³⁸ PANNENBERG, W. Teologia Sistemática. Volume 2, p. 269.

³⁹ ROSA, W. O dualismo na teologia cristã, p. 35.

Aristóteles, mas o primeiro a usar seus escritos lógicos, metafísicos e aqueles dedicados às ciências naturais”.⁴⁰

Aquino se esforçou muito para “cristianizar” a filosofia de Aristóteles rejeitando o que entrava em contradição com as Escrituras e procurando reinterpretar o restante de uma maneira compatível com o cristianismo.⁴¹ Um grande exemplo disso foi a postura de Aquino com relação a criação.

Segundo Aristóteles os processos naturais são bons, pois é o meio que as coisas chegam ao seu ideal. Servindo desse argumento Tomás de Aquino vai contra a ideia platônica que o mundo material é por natureza inferior, pois para ele a criação (natureza) é boa, porque é obra de um Criador bom. Através dessa posição Aquino recupera uma visão mais bíblica da criação. Isto significou um grande golpe contra o asceticismo negador do mundo, doutrina muito comum na Idade Média e o resultado disso foi um incentivo ao estudo da natureza, preparando o terreno para a revolução científica.⁴²

Apesar de toda essa visão da realidade do mundo e do homem levantada por Aquino ter uma proximidade com a visão bíblica e ir de encontro ao dualismo platônico, encontra-se um deslocamento de ênfase em sua visão.⁴³

A visão aristotélico-tomista, “mesmo sendo de uma perspectiva antropológica inclinada à unidade do ser humano, ainda não abarcava a concepção bíblica sobre o assunto e mostrou-se incapaz de eclipsar o dualismo neoplatônico”.⁴⁴ Isto porque a visão de natureza que Tomás de Aquino herdou de Aristóteles definia a “natureza” como imanente no mundo, ou seja, o mundo não precisava de Deus, mas era capaz de atingir seu potencial sozinho. Tratando-se dos seres humanos, isto era bastante problemático. Tomás de Aquino sabia que a Bíblia ensinava que toda criação é ordenada em direção a ter uma relação com Deus. Mas diante do seu conceito de natureza essa verdade bíblica não tinha espaço.⁴⁵

Pearcey diz que a solução que Aquino encontrou foi restringir o conceito aristotélico de natureza no pavimento de baixo e no pavimento de cima ele adicionou a graça sobrenatural de Deus. Pearcey conclui dizendo:

⁴⁰ DREHER, M. N. História do povo de Jesus, p. 182.

⁴¹ PEARCEY, N. Verdade Absoluta, p. 87.

⁴² PEARCEY, N. Verdade Absoluta, p. 89.

⁴³ PANNEMBERG, W. Teologia Sistemática volume 2, p.270.

⁴⁴ CARVALHO, C. M. Uma pedagogia para a educação cristã, p.121.

⁴⁵ PEARCEY, N. Verdade Absoluta, p. 89

O impacto prático deste dualismo natureza/gracia foi reforçar a espiritualidade medieval de duas camadas: os leigos só podiam atingir fins naturais e terrenos, os quais era de forma clara inferiores, ao passo que as elites religiosas podiam atingir a perfeição espiritual, definida principalmente em termos de executar rituais e cerimônias. Assim os profissionais religiosos assumiram os deveres espirituais desses julgados incapazes de cumpri-los sozinhos – fazer orações, assistir à missa, fazer penitência, peregrinações e atos de caridade em nome do povo comum.⁴⁶

Rubio comenta que “o dualismo apesar de Tomás, continuará predominando em Ockham e, de maneira mais radical, em Descartes, Kant e no idealismo alemão”. Rubio ainda chama atenção para o fato de que na teologia católica, o dualismo agostiniano esteve presente até meados do século XX, mas ainda assim é possível notar que o dualismo é sempre abrandado pelos pensadores cristãos, pois não se perde a memória da perspectiva bíblica de uma visão unitária de homem.⁴⁷

A Teologia dualística sistematizada por Agostinho continuará influenciando a Igreja tanto no universo católico, quanto no protestante. No caso específico deste trabalho, que trata de um aspecto do protestantismo brasileiro, é importante destacar alguns movimentos protestantes de caráter ascéticos na gênese do protestantismo que podem ser considerados como grandes responsáveis pela manutenção da estrutura do pensamento do dualismo agostiniano.

2.2 Movimentos ascéticos dentro do protestantismo

Surgida na Europa no século XVI, a Reforma Protestante espalha-se pelo mundo, mas com múltiplas formas. É pertinente destacar o caminho do protestantismo que chega ao Brasil. Depois das tentativas fracassadas dos franceses e holandeses, a tradição protestante vai se inserir no Brasil no começo do século XIX. Primeiramente com uma natureza de imigração, porém a sociedade brasileira só foi diretamente afetada com o protestantismo de missão do final do século XIX.⁴⁸

Sobre esse protestantismo de missão, Gouvêa Mendonça destaca o protestantismo missionário brasileiro não veio da Europa. Ele parte da Europa é remodelado na Inglaterra, recebe influências puritano-pietistas, é novamente remodulado nos Estados Unidos e então chega ao Brasil.⁴⁹

⁴⁶ PEARCEY, N. Verdade absoluta, p. 90.

⁴⁷ RUBIO, A. G. Unidade na pluralidade, p. 337.

⁴⁸ MENDONÇA, A. G.; VELASQUEZ FILHO, P. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p. 12.

⁴⁹ MENDONÇA, A. G.; VELASQUEZ FILHO, P. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p. 17.

Seguindo esta trajetória, esta pesquisa primeiramente olhará para a Europa, pois é nela que se encontra a raízes do protestantismo que foi moldado no Estados Unidos antes de chegar em terras brasileiras.

Será evidenciado alguns movimentos de características ascéticas que tiveram papéis importantes para a manutenção de um dualismo agostiniano dentro do protestantismo. Dualismo este que prepara o terreno para a consolidação de um discurso de demonização da ciência e do saber humano.

2.2.1 Anabatismo

Os anabatistas são considerados por muitos historiadores como aqueles que queriam a reforma da reforma. Eram extremamente radicais e diferente da reforma luterana e do emergente calvinismo, rejeitavam qualquer ligação entre a Igreja e o estado e entre a comunidade e burguesia.

Também eram totalmente contra o batismo infantil. Partindo da ideia que as crianças eram incapazes de entenderem de forma racional a fé, os anabatistas defendiam que o batismo só era válido quando realizado na idade da razão e de forma voluntária. Igreja devia ser entendida como uma comunidade voluntária e não como uma sociedade dentro da qual as pessoas nasciam. Diante disso, começou-se a batizar as pessoas de forma voluntária sustentando a ideia que deveriam fundar a verdadeira Igreja composta por verdadeiros crentes. Exatamente por isso foram chamados de anabatistas, que significa rebatizadores.⁵⁰

O anabatismo não foi um movimento uniforme e pode-se dizer que houve muitos movimentos anabatistas em diferentes lugares da Europa com particularidades distintas. O historiador Martin N. Dreher destaca que os primórdios do anabatismo pode ser localizado no início da segunda década do século XVI, coincidindo com o “crescimento anárquico” da Reforma. Tratava-se de um tempo de grande agitação anticlerical, onde muitos movimentos de reformas apareciam com seus objetivos não muito claros, mas que tinham como objetivo comum os ataques ao que eles chamavam de abusos eclesiásticos que para eles afetavam a credibilidade da Fé cristã.⁵¹

⁵⁰ GONZÁLEZ, J. L. A era dos reformadores, p. 98

⁵¹ DREHER, M. N. História do povo de Jesus, p. 266.

Earle E. Cairns destaca que é difícil sistematizar as crenças anabatistas, devido ter existido muitos grupos anabatistas diferentes, mas, ainda assim, é possível identificar algumas doutrinas em que todos os anabatistas estavam de acordo.⁵² O anabatismo não possui uma única matriz teológica e sim diversas. Mas de uma forma geral, pode-se dizer que os anabatistas pregavam uma separação total do mundo. Tratava-se de um movimento tão ascético que consideravam os seguidores de Lutero, de Calvino e Zwinglio como mundanos.⁵³ Para eles existiam o Reino de luz e um reino das trevas, portanto as pessoas que vivem no reino de luz nada tinham a ver com as trevas. Isso implicava numa rigorosa separação do mundo.

Muitos defendiam uma leitura literal da Bíblia. A Bíblia era seguida com muito rigor a ponto de rejeitarem qualquer elemento litúrgico que não pudesse ser encontrados nas páginas bíblicas. Pregavam até mesmo a remoção de símbolos como cruzes, sinos e velas do seio da igreja. Mais tarde na Inglaterra, atitudes como esta seria comum dentro do movimento chamado de puritanismo.

Os ideais anabatistas mesclavam-se com elementos procedentes do neoplatonismo, que haviam entrado no cristianismo séculos antes. Wanderley Rosa destaca que, devido este ascetismo exagerado, o movimento dos anabatistas, de uma forma geral, “ajudou a pavimentar o longo caminho que o protestantismo percorrerá nos séculos seguintes em direção a uma defesa de vida cristã baseada em uma moral platônica”.⁵⁴

2.2.2 Puritanismo

É importante um destaque para o puritanismo, movimento que surge dentro do processo da reforma da igreja na Inglaterra, pois é justamente uma parte do protestantismo inglês com todas as suas formulações que mais tarde chegaria aos Estados Unidos e depois saltaria para o Brasil.

A Reforma da Igreja na Inglaterra não começa de forma religiosa mas sim política. Na medida que alguns eventos que giravam em torno da sucessão do Reino inglês vão se desdobrando, paralelamente vai crescendo o espírito protestante dentro da Inglaterra.

⁵² CAIRNS, E. E. O Cristianismo através dos séculos, p. 250.

⁵³ ROSA, W. O dualismo na teologia cristã, p. 71.

⁵⁴ ROSA, W. O dualismo na teologia cristã, p. 72.

Em 1558, quando assumia o trono a Rainha Elizabeth I, a Igreja Anglicana assumia também sua característica de uma igreja nem católica e nem reformada.⁵⁵

A Rainha desejava uma Igreja unificada e não queria que a reforma da Igreja trouxesse um abalo muito grande ao ponto de gerar descontentamento para muitas pessoas, com isso, embora a teologia fosse reformada a Igreja Anglicana manteve o governo hierarquizado normal e as antigas formas de culto.⁵⁶

É justamente como forma de reação à Reforma Anglicana da Rainha Elizabeth I que começaram a ganhar força os puritanos, pessoas de convicções reformadas ou calvinistas, que receberam esse nome porque insistiam que a restauração das práticas e doutrinas do Novo Testamento em toda sua pureza era uma necessidade.⁵⁷ O que os puritanos queriam era a “purificação” da Igreja e para isso lutavam até mesmo contra elementos do culto tradicional católico que permaneciam no seio da Igreja Anglicana.

Para nossa pesquisa é importante destacar o caráter ascético que movimento herdou do calvinismo e radicalizou. Para o professor Antônio Gouvêa Mendonça a teologia ascética puritana encontra-se muito bem expressa nos dois grandes nomes literários do puritanismo, trata-se de João Bunyan e João Milton.⁵⁸

Na obra com o título de *O Peregrino* de Bunyan é alegorizado o caminho de renúncias e afastamento aos prazeres do mundo que o cristão deve ter para poder alcançar o céu.

Ainda sobre esses dois grandes nomes da literatura Puritana, Gonzales escreve:

A história do puritanismo, não obstante, não ficaria completa se não nos referíssemos, mesmo que brevemente, as suas duas grandes figuras literárias: João Bunyan e João Milton. A mais importante obra do primeiro, geralmente conhecida sob o título *O Peregrino* converteu-se em um dos livros de devoção mais lidos e, portanto, serviu para levar a semente puritana aos mais afastados rincões. Milton, por sua vez, é considerado um dos mais notáveis poetas da literatura inglesa e seu *Paraíso perdido* conta-se entre as obras mestras dessa literatura. Ambos, Bunyan e Milton, continuaram proclamando a mensagem puritana através das gerações.⁵⁹

O que deve ser destacado é que muito mais do que um conjunto de crenças teológicas, o puritanismo tratava-se de uma maneira de se viver, um estilo de vida

⁵⁵ SHELLEY, B. I. História do Cristianismo, p. 292

⁵⁶ MENDONÇA, A. G. O Celeste Porvir, p.35.

⁵⁷ GONZÁLEZ, J. L. A era dos reformadores, p.135.

⁵⁸ MENDONÇA, A. G. O Celeste Porvir, p.38.

⁵⁹ GONZÁLEZ, J. L. A era dos dogmas e das dúvidas, p.80.

com um ascetismo austero e uma piedade bíblica. Características que até hoje marcam a maneira de se viver de muitos protestantes.

Devido as perseguições políticos-religiosas, entre 1620 e 1640 houve uma grande emigração de puritanos para a América. Por volta de 1640 já havia nos Estados Unidos por volta de 15.000 puritanos. E sobre eles, pode-se afirmar que marcaram profundamente o espírito do protestantismo americano.⁶⁰

2.2.3 Pietismo

O pietismo também foi um movimento na história do protestantismo de forte tendência ascética, na linha de um dualismo. Passado um século da reforma, para alguns o protestantismo encontrava-se mergulhado num dogmatismo frio e em discussões doutrinárias que pareciam abstratas e sem vida. A este período foi dado a nome de “escolástica protestante”. Sobre este período Shelley vai dizer que “não mais sendo vista como um ato de entrega à misericórdia de Deus revelada em Cristo, a fé era agora uma aprovação formal das verdades doutrinárias estabelecidas pelos acadêmicos.”⁶¹ O pietismo é justamente um movimento de reação e protesto contra o tom da intelectualidade fria que parecia dominar a vida religiosa. Como bem destaca Gonzales, o pietismo fazia oposição ao dogmatismo dos teólogos e pregadores e ao racionalismo dos filósofos.⁶²

Grande parte dos historiadores defendem que o pietismo nasce no seio da Igreja luterana no século XVII, como movimento de reação à intelectualização da mesma. Para Max Weber antes mesmo de ingressar no Luteranismo, o Pietismo teria passado por algumas transformações ao longo do tempo, depois de ter brotado de início no solo do calvinismo Inglês.⁶³

Não é tão simples situar a origem do pietismo e sobre isso o professor Antônio Gouvêa Mendonça diz que “a busca das origens do pietismo não é fácil porque ele se manifesta em toda a extensão da história do cristianismo como uma de suas facetas, como uma posição dialética face ao intelectualismo e ao clericalismo.”⁶⁴

⁶⁰ MENDONÇA, A. G. O Celeste Porvir, p.44.

⁶¹ SHELLEY, B. I. História do Cristianismo, p.352.

⁶² GONZÁLEZ, J. L. A era dos dogmas e das dúvidas, p.156

⁶³ WEBER, M. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo, p.87.

⁶⁴ MENDONÇA, A. G. O Celeste Porvir, p.67.

Nomes como os de Philip Jacob Spener e Nikolaus von Zinzendorf foram marcantes na história do pietismo. O primeiro considerado como o pai do movimento pietista dentro do Luteranismo. Spener foi um dos maiores críticos do que ele julgava ser uma frieza intelectual e dogmática que se instalava no protestantismo. Em 1670 fundou seus “colégios de piedade” que eram grupos que se dedicavam a devoção e ao estudo cuidadoso da Bíblia. Anos depois, Spener escreveu sua obra *Pia Desideria - Desejos piedosos* - obra que se tornou a carta fundamental do pietismo, inclusive deu nome ao movimento.⁶⁵ Sobre a teologia de Spener, Mendonça escreve:

A teologia de Spener, bem na tradição mística, era negativa face à vida neste mundo. O cristão deve morrer para o mundo, isto é, abster-se de tudo o que é mundano, dos prazeres e diversões. Embora a vida perfeita dos cristãos não seja possível nesse mundo, há alguns que conseguem libertar-se dos pecados intencionais. Como resultado, o pietismo, principalmente o de Spener, produziu uma ética mais ou menos ambivalente: exigências mais rigorosas feitas aos cristãos do que aos homens em geral.⁶⁶

É importante para este trabalho destacar, assim como no puritanismo, a característica ascética que tal movimento possuía. Para os pietistas o progresso espiritual implicava num isolamento do mundo. Para eles, até mesmo a Igreja e o clero encontravam-se “mundanizados”. Exatamente por isso que os pietistas formavam dentro das igrejas grupos que buscavam a santificação. Dentro desse grupos, a interpretação da Bíblia tinha um sentido literal, espiritual e místico.⁶⁷

Outro ponto importante é que no geral, na religiosidade pietista, a emoção tinha um papel tão importante que a razão ficou comprometida. Como bem destaca Shelley, a transmissão do significado da fé era de responsabilidade dos sentimentos. A consequência disso é que o pietismo não tinha muito a dizer sobre o lugar de Deus na natureza ou na história humana.⁶⁸

Nicolau Luís Zinzendorf, outro grande nome dentro do pietismo, quando em contato com o racionalismo, chegou à conclusão que o homem possui uma inclinação ao ateísmo e defendia que qualquer tentativa de comprovar a religião através de um “teologia natural” seria uma grande falha. Para ele o cristianismo é a

⁶⁵ GONZÁLEZ, J. L. A era dos dogmas e das dúvidas, p.158.

⁶⁶ MENDONÇA, A. G. O Celeste Porvir, p.70.

⁶⁷ MENDONÇA, A. G. e VELASQUEZ FILHO, P. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p. 96.

⁶⁸ SHELLEY, B. I. História do Cristianismo, p. 356.

religião do coração e não pode se basear na razão, mas na relação pessoal com o Salvador.⁶⁹

Com relação ao uso da razão, existe uma ambiguidade muito interessante no movimento petista que deve ser exposta aqui. Como diz Paul Tillich, o movimento petista “é a reação do lado subjetivo da religião contra o lado objetivo”.⁷⁰ Wanderley Rosa nos ajuda a entender essa ambiguidade evidenciando que a subjetividade pietista colocava em xeque a autoridade da igreja. E foi exatamente um rompimento dessa autoridade da Igreja que fortaleceu os pensadores do século XVIII inaugurando o Iluminismo. Sobre esta curiosidade ele comenta:

Se os petistas estavam sendo iluminados pela “luz interior” do Espírito, os filósofos do século XVIII estavam sendo iluminados pela “luz interior” da razão. Esta é uma curiosa ambiguidade do movimento pietista: levantaram-se contra aquilo que eles consideravam um excesso de confiança na razão no labor teológico dos ortodoxos, mas com sua forte ênfase na subjetividade, ajudaram a dar à luz ao racionalismo iluminista.⁷¹

Deve-se destacar que o movimento petista conquistou milhões de cristãos, pois nele era visto um retorno à fé do Novo Testamento e dos reformadores. Também deram início ao movimento missionário dentro da história do protestantismo. Tillich destaca que “homens como Zinzendorf e Wesley olharam para a América enquanto a ortodoxia se confinava às próprias igrejas territoriais”.⁷²

2.2.4 Metodismo

Por mais que não seja interessante para esta pesquisa explorar detalhes da história do Metodismo e de seu fundador João Wesley, é importante destacar as características gerais do movimento, já que o mesmo teve um papel importante na história do protestantismo norte-americano. Protestantismo este que posteriormente chegaria ao Brasil.

Na segunda metade do século XVII, a Igreja Anglicana encontrava-se em declínio por excesso de formalismo. A igreja tinha dificuldades de alcançar as

⁶⁹ DREHER, M. N. História do povo de Jesus, p. 421.

⁷⁰ TILLICH, P. História do Pensamento Cristão, p. 279.

⁷¹ ROSA, W. O dualismo na teologia cristã, p. 81.

⁷² TILLICH, P. História do Pensamento Cristão, p. 280.

massas e crescia nas cidades, os vícios sociais como alcoolismo e jogos de azar. É nesse contexto que se inicia na Inglaterra o avivamento de João Wesley.⁷³

Como ministro da igreja anglicana, João Wesley não tinha a intenção de fundar uma nova igreja, mas sua maneira de pregar, orar e a importância que dava a experiência pessoal de conversão o afastava da Igreja Anglicana. Essa forma diferente de agir dentro da religião pode ser explicada por suas experiências marcantes dentro e fora da Inglaterra. Experiências que foram moldando sua teologia e sua maneira de viver a religião. Nos pensamentos de Wesley podem ser encontrados pontos da teologia reformada e puritana, pontos do arminianismo e também do pietismo.⁷⁴

Pode-se dizer que a síntese dessas correntes fez com que o Metodismo tivesse um importante papel de influência tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos. Sobre isso, Antônio Gouvêa Mendonça escreve o seguinte:

O misticismo e o pietismo fazem, portanto parte da herança religiosa de Wesley, assim como isto também é verdade em relação ao puritanismo. Ocorre que Wesley soube fazer uma produtiva síntese dessas três correntes, o que valeu ao seu movimento religioso e social um extraordinário crescimento na Inglaterra e ainda mais extraordinário na América. Apelo para a conversão e mudança de vida, a ação social no sentido da moralidade e o emocionalismo lembram, respectivamente, a pregação arminiana da responsabilidade pessoal, o puritanismo e o pietismo. O sentimento de conhecer a Deus através da união íntima com ele lembra o misticismo que, por sua vez, deve ter influído no pietismo.⁷⁵

Com raízes puritanas e petistas o movimento metodista entra para lista dos movimentos protestantes de características ascéticas que ajudaram na manutenção do dualismo platônico sistematizado dentro da teologia cristã por Agostinho.

O nome “metodismo” vem justamente de uma sistematização “metódica” de uma conduta de vida que tinha como objetivo a certeza da salvação.⁷⁶ E esta certeza da salvação era alcançada pela renúncia dos prazeres do mundo. O cristão verdadeiro era medido pela sua capacidade de se desviar de tudo quanto é tipo de prazer mundano. Essa moralidade ascética metodista exerceu grande influência no protestantismo da América e nas suas áreas de missão.⁷⁷

⁷³ MENDONÇA, A. G. e VELASQUEZ FILHO, P. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p.174.

⁷⁴ MENDONÇA, A. G. O Celeste Porvir, p. 41.

⁷⁵ MENDONÇA, A. G. O Celeste Porvir, p.42

⁷⁶ WEBER, M. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo, p.127

⁷⁷ MENDONÇA, A. G. O Celeste Porvir.p.50.

Os movimentos de reavivamento tornaram-se frequentes tanto na Inglaterra quanto na América. Nos estados Unidos os grandes reavivamentos ganharam intensidade. Além de Wesley, grandes nomes como os de Jonathan Edwards e George Whitefield foram importantes para expansão do movimento. Nas palavras do professor Antônio Gouvêa Mendonça “os reavivamentos atingindo todas as denominações americanas, avançaram pelo século XIX, até a sua primeira metade, marcando ciclos de altos e baixos na religião nacional.”⁷⁸ Até mesmo o pentecostalismo que surgiu no início do século XX tem influência do modo de pensar wesleyano.

Entre convergências e divergências, ao longo do tempo foi surgindo no Estados Unidos uma pluralidade de grupos e cada um desses grupos absorvia um pouco do outro o que tornou o protestantismo americano complexo o bastante para confundir qualquer um que queira estudá-lo. Como bem destaca o professor Antônio Gouvêa Mendonça, quando este protestantismo americano chega ao Brasil, dois grandes grupos acabaram predominando no cenário brasileiro e até se sobrepondo um ao outro: Eram eles os avivalistas, carregando toda a teologia wesleyana e os fundamentalistas⁷⁹ Esses últimos, como será visto mais a frente, possuem um papel de destaque na difusão de ideias anti-intelectuais dentro do protestantismo.

2.2.5 Pentecostalismo

Conforme o tempo foi passando o protestantismo foi se afastando cada vez mais do místico. Os Anabatistas e seus seguidores eliminaram todo tipo de ritual e até mesmo vestes litúrgicas. Os puritanos, em nome de uma purificação do culto, rejeitaram todos os elementos simbólicos. O pietismo, de forma radical, abandonou templos. O protestantismo como um todo foi abandonando à emoção e à contemplação.

Pode-se dizer que no metodismo tem-se um resgate do misticismo e a criação de um ambiente favorável para o surgimento de fenômenos espirituais.⁸⁰ Porém, nos primeiros anos do século XX o cristianismo tradicional ocidental estava em

⁷⁸ MENDONÇA, A. G. e VELASQUEZ FILHO, P. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p.175.

⁷⁹ MENDONÇA, A. G. e VELASQUEZ FILHO, P. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p.108

⁸⁰ MENDONÇA, A. G. e VELASQUEZ FILHO, P. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p.251.

declínio. Por exemplo, o metodismo foi crescendo na classe média e paralelamente foi abandonando as massas e a parte mais pobre da população. Vários aspectos da pregação de Wesley haviam se perdido na Igreja Metodista.⁸¹ Como destaca Velasques Filho:

Com o tempo o metodismo aboliu as reuniões de grupos – as classes – e conteve até mesmo o entusiasmo que sempre caracterizou seu culto. Além disso, relaxou regras de conduta e piedade individual, reduziu o culto a uma pregação que teoricamente deveria ser a explicação de uma passagem bíblica.⁸²

Foram crescendo nos Estados Unidos vários grupos, quase todos de origem metodista, que queriam se ocupar das classes mais humildes. E foi justamente nesse contexto de volta às classes mais pobres e resgate do misticismo que surge o movimento pentecostal. Muitos historiadores situam o berço do pentecostalismo no reavivamento da Rua Azuza em Los Angeles liderado por William Joseph Seymour. Por ser negro nos Estados Unidos e naquela época, Seymour levou uma vida sofrida e foi vítima de inúmeras brutalidades. Mas mesmo assim pôde desenvolver o avivamento na rua Azuza em 1906.⁸³

O avivamento da Rua Azuza foi se espalhando por todos os Estados Unidos. O movimento se estendeu, não somente nas igrejas de origem metodistas, mas em outras denominações também. Do movimento surgiu uma das principais denominações pentecostais do Estados Unidos: a Assembleia de Deus. O êxito dessa denominação e de outras, fez com que seus missionários levassem o “fogo pentecostal” para várias partes do mundo.⁸⁴

Nas Igrejas oriundas do movimento, os “dons do Espírito” tinham lugar especial. O falar em línguas, profecias, milagres e outros elementos ditos como espirituais, faziam parte do culto.

O importante é ressaltar que o Pentecostalismo herdou características puritanas e petistas. O dualismo histórico, o moralismo ascético e distância entre o natural e o sobrenatural muito mais valorizado são marcas do pentecostalismo. Além disso, dentro do pentecostalismo, o imediatismo na relação com o sagrado substitui a mediação do discurso. O misticismo conduz à fuga da realidade pela

⁸¹ GONZÁLEZ, J. L. A era dos novos horizontes, p.45.

⁸² MENDONÇA, A. G. e VELASQUEZ FILHO, P. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p.251.

⁸³ DREHER, M. N. História do povo de Jesus, p.473.

⁸⁴ GONZÁLEZ, J. L. A era dos novos horizontes, p. 47.

imersão no sagrado e o anti-intelectualismo se dá como uma forma de recusa de qualquer tipo de intermediação com o divino através de discursos teológicos.

O anti-intelectualismo é uma marca forte dentro do movimento pentecostal e na vida dos grandes nomes do início desse movimento. Apesar de muitos falarem que Seymour é o principal nome da origem do movimento pentecostal é preciso dizer que Seymour teve um discipulador. Charles Parham foi professor de Seymour na escola que havia fundado na cidade de Houston no Texas.⁸⁵

Em sua escola, Parham ensinava a doutrina *initial evidence* que defendia que o falar em línguas era um dos sinais que acompanhavam o batismo do Espírito Santo. Em Parham pode ser identificado um forte espírito anti-intelectual. Para ele o que valia era a educação pelo Espírito, o conhecimento dos homens de nada valia. Esta visão o tornou um grande opositor à educação formal. Sua oposição ao conhecimento humano era tão radical que ele chegava ao ponto de fazer oposição à medicina e às vacinas.⁸⁶

O anti-intelectualismo também foi marca no pensamento de Seymour e de outros líderes que vieram depois dele. Nas reuniões pentecostais, raramente alguma atividade que envolvesse o intelecto era vista com bons olhos. A medicina era vista como carnal, sermões de “homens comuns” eram condenados, e ainda eram ressaltados homens sem escolaridade que foram tremendamente usados por Deus. Quase transformavam a falta de conhecimento como condição de uma espiritualidade elevada.⁸⁷ Sobre o anti-intelectualismo na vida dos cristãos pentecostais pioneiros Nañez escreve:

Nas décadas de 1910 e 1920, muitos cristãos “cheios do Espírito” continuaram a podar a importância da mente. Apesar de alguns pentecostais pioneiros serem bem escolarizados, muitos acreditavam que tanto a instrução religiosa como a secular não deveriam ser do interesse de pessoas “cheias do Espírito”, sendo até mesmo prejudiciais à espiritualidade. Vários líderes dos primórdios da igreja pentecostal recriminavam o envolvimento em problemas políticos e sociais, além de se posicionarem contra as artes e a ciência.⁸⁸

O anti-intelectualismo perdura dentro do movimento pentecostal desde seus primórdios. Hoje com menos intensidade, mas ainda presente de forma significativa.

⁸⁵ NAÑEZ, R. Pentecostal de coração e mente, p.99.

⁸⁶ DREHER, M. N. História do povo de Jesus, p.473.

⁸⁷ NAÑEZ, R. Pentecostal de coração e mente, p.101.

⁸⁸ NAÑEZ, R. Pentecostal de coração e mente, p.102.

2.3 Fundamentalismo x liberalismo

A entrada do dualismo platônico na teologia cristã e os movimentos protestantes ascéticos apresentados até aqui podem ser considerados como elementos que ao longo do tempo foram preparando o terreno para o discurso anti-intelectual. Mas, talvez o fator mais decisivo para explicar essa aversão pelo saber, presente ainda hoje muito forte em muitas igrejas protestantes, esteja embates teológicos fruto da mudança paradigmática que transformou o pensamento teológico no século XIX.⁸⁹

Diversos fatores como a Renascença Italiana, o Humanismo, a Revolução científica do século XVII, o Iluminismo e dentre outros, configuraram o que é chamado de modernidade. Esta fase histórica teve como característica a secularização da consciência em substituição aos dogmas, a razão em substituição às crenças cristãs e o antropocentrismo em substituição aos teocentrismo.⁹⁰

No mundo teológico, este paradigma influenciou bastante. Sabe-se bem que teologia é uma reprodução humana reflexiva e sofre toda a influência histórica em que seus agentes estão envolvidos.⁹¹ No lugar do viés religioso a razão foi eleita critério de verdade. E foi diante dessa nova forma de elaboração do saber que surgiu Teologia natural ou Deísmo.⁹²

2.3.1 Deísmo e Liberalismo teológico

Diante do alargamento do campo científico, transformações na filosofia, e a exaltação da capacidade do homem de descobrir a verdade através da Razão pela escola racionalista, surgia na Inglaterra, no século XVII uma religião da razão: o deísmo. Os deístas tinham como ideal uma religião que pudesse ser aceita universalmente posta baseada na razão e não em superstições.

Uma das características do pensamento deísta foi a rejeição dos milagres. Para eles os milagres tiravam a dignidade de Deus que teria criado tudo de forma perfeita

⁸⁹ CARVALHO, C. M. Uma pedagogia para a Educação Cristã, p. 126.

⁹⁰ ROSA, W. O dualismo na teologia cristã, p.89.

⁹¹ CARVALHO, C. M. Uma pedagogia para a educação cristã, p. 126.

⁹² ROSA, W. O dualismo na teologia cristã, p. 90.

sem a necessidade de intervenções sobrenaturais. Dessa forma o deísmo colocava em xeque a Bíblia, a qual julgavam conter erros e poderia ser questionada.⁹³

Gonzales destaca que ao mesmo tempo que os deístas lutavam contra o dogmatismo, também tentavam evitar o ceticismo extremo. Porém, devido a ideia de uma religião universal, o que provocaram foi uma certa negligência pela pessoa de Jesus e sua obra. Sobre isso Gonzales escreve:

Mas, o que conseguia, mediante os argumentos dos deístas, era chegar a um suposto cristianismo onde a pessoa de Cristo ocupava um lugar muito secundário. Com efeito, se a verdadeira religião deve ser unicamente a que se encontra gravada nos corações de toda a humanidade, nenhum acontecimento histórico, tal como a vida e obra de Jesus, pode lhe ser de importância fundamental, pois o que é histórico deve aparecer por definição em um tempo e lugar particular e não terá o caráter universal dos instintos naturais.⁹⁴

Os deístas foram os precursores da teologia liberal que propunha a necessidade da reconstrução do pensamento cristão à luz da cultura, filosofia e ciências modernas, pois os dogmas tradicionais não eram mais vistos como relevantes e nem passíveis de serem cridos pelo pensamento moderno.⁹⁵ Foi exatamente a partir dessa compreensão que deu-se origem ao liberalismo protestante clássico, na Alemanha em meados do século XIX.

O liberalismo protestante clássico defendia que a fé cristã e a teologia deveriam ser reconstruídas à luz do conhecimento do mundo moderno. As ideias liberais espalhavam-se por toda a Europa e América. Na Inglaterra, por exemplo, a grande aceitação da teoria darwinista da evolução favorecia o espírito intelectual fazendo com que algumas afirmações da teologia tradicional cristã se tornassem insustentáveis. Isto levava o liberalismo a comprometer-se com a superação do abismo entre fé cristã e conhecimento moderno.⁹⁶

O teólogo alemão Friedrich Schleiermacher é considerado o pai da teologia moderna. Para ele a fé deixava de viver quando buscava proteger-se no isolamento. Schleiermacher aliou-se aos cientistas naturais e filósofos e focou num discurso sobre o natural.⁹⁷

Outro grande nome dentro do liberalismo foi Albrecht Ritschl. Este foi o principal professor dos liberais americanos. Ritschl concentrava na experiência

⁹³ ROSA, W. O dualismo na teologia cristã, p. 90.

⁹⁴ GONZÁLEZ, J. L. A era dos dogmas e das dúvidas, p. 136.

⁹⁵ ROSA, W. O dualismo na teologia cristã, p. 90.

⁹⁶ MCGRATH, A. E. Fundamentos do diálogo entre ciência e Religião, p.47.

⁹⁷ DREHER, M. N. História do povo de Jesus. p. 441

religiosa que tinha como base o Jesus histórico. Segundo o Historiador Bruce Shelley, a abordagem de Ritschl foi considerada bastante proveitosa por muitos cristãos no final do século XIX. Primeiro porque sua abordagem parecia libertar a fé cristã dos ataques da história e da ciência e também por ter permitido que o criticismo bíblico tomasse o caminho da ciência.⁹⁸

Os liberais apoiavam-se no estudo histórico-crítico da Bíblia. Deram boas-vindas à alta crítica, pois julgavam necessário uma nova leitura da Bíblia para poder alcançar os homens inteligentes do mundo moderno. Através do método histórico-crítico, reduziam as cargas sobrenaturais dos textos de maiores dificuldades da Bíblia e com isso evitavam choques com a ciência moderna.

Claro que não faltaram críticas ao liberalismo teológico. Eram acusados de abandonarem doutrinas de base da fé cristã para tornarem-se mais aceitáveis diante da cultura. Também eram acusados de esvaziarem a bíblia de suas mensagens sobrenaturais, pois até as narrativas dos milagres de Jesus ganhavam interpretações racionais e os evangelistas eram acusados de terem interpretado mal esses acontecimentos.

Muitos críticos posteriores chamavam o liberalismo de “protestantismo cultural”, justamente por sua dependência das normas culturais. Outro ponto levantado por alguns críticos posteriores foi a visão otimista demais na natureza do homem. Visão essa que talvez tenha sido abalada com a Primeira Guerra Mundial.⁹⁹

Entre erros e acertos, benefícios e malefícios, pode-se dizer que, posteriormente, o Liberalismo protestante foi considerado por muitos como um conjunto teológico que fez um uso indevido e exagerado da Razão.

É importante destacar que a teologia liberal crescia muito por toda a Europa e foi considerada um desafio aos evangélicos mais conservadores. Cresceu também bastante na América do Norte (Estados Unidos), e em consequência disso entre 1920 e 1940, surgiu um movimento contra cultural – o fundamentalismo.

O fundamentalismo, por sua vez, no lugar de denunciar o uso indevido da razão, resolveu condená-la por completo.¹⁰⁰

⁹⁸ SHELLEY, B. I. História do Cristianismo, p. 430.

⁹⁹ MCGRATH, A. E. Fundamentos do diálogo entre ciência e Religião, p. 49.

¹⁰⁰ CARVALHO, C. M. Uma pedagogia para a educação cristã, p. 128.

2.3.2 Fundamentalismo

Segundo Dreher, “os fundamentalistas viam-se como contraofensiva a um modernismo que, assim diziam, havia se apossado do mundo protestante”.¹⁰¹

Dreher continua:

Particularmente, esse fundamentalismo primeiro entendia-se como contraofensiva a uma teologia orientada pelo método histórico-crítico, que estava interpretando os conteúdos da fé, especialmente os textos bíblicos, a partir de uma perspectiva histórico-crítica. O protestantismo, este o seu pecado, estava se alienando à ciência moderna.¹⁰²

Diante disso alguns temas passaram a ser *fundamentals* (fundamentais). *Fundamentals* eram os conteúdos de fé, verdades absolutas e intocáveis, que deveriam ficar imunes à ciência e à relativização por meio do método histórico-crítico.¹⁰³

O Teólogo Wanderlei Rosa ressalta que o fundamentalismo pode ter como marco inaugural a publicação de duas importantes obras do século XX: a Bíblia de Scofield e a série de livretos conhecidos como Os fundamentos.¹⁰⁴ Pode-se dizer que através dessas obras é possível identificar as duas ênfases do movimento fundamentalista: escatologia milenarista e a inerrância Bíblica.

A Bíblia de Scofield é uma versão das escrituras cristãs editada por Cyrus I. Scofield. Ele aprofundou e aperfeiçoou a teoria dispensacionalista e a anexou no comentário que preparou para a sua edição da Bíblia. Esta teoria defende a existência de sete sistemas diferentes e sucessivos da relação de Deus com o homem, ou seja, as sete dispensações.

A escatologia milenarista tão enfatizada pelo fundamentalismo diz respeito à sétima dispensação. Com base em textos bíblicos, os milenaristas se apegavam à crença de um tempo escatológico futuro denominado “milênio”. Porém, devido as diferentes formas de interpretação que se davam a partir dos textos que embasavam a teoria do milênio, os milenaristas se dividiram em pós-milenistas e pré-milenistas. Sobre essa questão, escreve o professor Prócoro Velasques Filho:

¹⁰¹ DREHER, M. N. História do Povo de Jesus, p. 447.

¹⁰² DREHER, M. N. História do Povo de Jesus, p. 447.

¹⁰³ DREHER, M. N. História do Povo de Jesus, p. 447.

¹⁰⁴ ROSA, W. O dualismo na teologia cristã, p. 94.

Os seguidores do pós-milenismo, cada vez mais recessivos no meio protestante, afirmam que Cristo estabelecerá seu reino na terra somente no final do período chamado milênio. Para os pré-milenistas – essa tendência, aliás, detém a preferência dos fundamentalistas – o retorno de Cristo antecederá e inaugurará esse período de mil anos.¹⁰⁵

Alister McGrath aponta que a ênfase no retorno pré-milenar de Cristo tornou-se uma arma nas mãos dos fundamentalistas contra a ideia liberal de um Reino de Deus terreno que seria alcançado pelos homens através de ações sociais.¹⁰⁶

Os livretos denominados de *Os fundamentos* tinham o intuito de combaterem de forma mais direta os ensinamentos dos liberais. A proposta era a de sintetizar e expor a teologia conservadora. Muitos temas foram abordados nesses livretos, mas a defesa da “inerrância da Bíblia” se destacava.

Sustentar a “inerrância bíblica” significava provar que a Bíblia estava sempre certa. Faziam isso procurando explicações para os textos que “aparentemente” estavam em contradição e defendendo a historicidade de todas as narrativas contidas na Bíblia. Os recursos utilizados para provar a historicidade de narrativas como a da criação, do dilúvio, e outras que eram tidas como simbólicas pela crítica, iam desde dados arqueológicos até lendas de povos antigos.¹⁰⁷

Sustentando uma interpretação literal do texto bíblico, qualquer parecer da alta crítica bíblica era rejeitado. Qualquer tipo de contextualização estava totalmente fora de cogitação, o que implicava numa hostilidade à ciência moderna, à teologia moderna e por vezes à teologia como um todo.¹⁰⁸

O Fundamentalismo apresentou-se como o verdadeiro cristianismo, era um herdeiro direto da ortodoxia protestante, mas diferia dela devido a exacerbação de seu dogmatismo e ao obscurecimento intelectual.¹⁰⁹ Tornou-se um movimento sectário e intolerante. Com a convicção de que eram os verdadeiros cristãos e carregavam a absoluta verdade, os fundamentalistas não se abriam ao diálogo e faziam forte oposição a qualquer tipo de fundamentação filosófica e científica moderna.

¹⁰⁵ MENDONÇA, A. G.; VELASQUEZ FILHO, P. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p.125.

¹⁰⁶ MCGRATH, A. E. Fundamentos do diálogo entre ciência e Religião, p. 59.

¹⁰⁷ MENDONÇA, A. G.; VELASQUEZ FILHO, P. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p. 147.

¹⁰⁸ MENDONÇA, A. G.; VELASQUEZ FILHO, P. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p. 140.

¹⁰⁹ ROSA, W. O dualismo na teologia cristã, p. 93.

Em nome da defesa da Fé, os fundamentalistas declaram guerra e execraram o uso da razão. Combateram o extremo do pensamento racionalista com outro extremo. Críticas e questionamentos passaram a ser sinal de falta de Fé. Qualquer um que munido de conceitos modernos quisesse abordar o texto bíblico de uma forma diferente era tido como herege.

Como bem destaca o professor Carvalho, se os cristãos do início do século passado, no intuito de resguardar a sua Fé, execravam a reflexão teológica e a intelectualidade, isso não significa que tais atos precisam ser repetidos.¹¹⁰

2.4 Biblicismo

Antes de olhar para o protestantismo já em terras brasileiras, é pertinente destacar este que não é um movimento, mas uma maneira de enxergar as escrituras presente em quase todos os movimentos protestantes surgidos ao longo do tempo e também um fator importante no estudo do anti-intelectualismo protestante.

Pode-se entender como biblicismo a devoção exagerada à Bíblia. É ter a Bíblia como única regra de fé e conduta, “inerrante” e infalível, portanto, considerando-a como única fonte de normatização da fé cristã e inteiramente palavra de Deus, é exigida uma interpretação literal de todas as suas passagens.

Dos primeiros reformadores, João Calvino foi o que teve um olhar mais cuidadoso para a leitura bíblica. Para Calvino a Bíblia continha a doutrina celestial e deveria ser obedecida acima de qualquer coisa. Estava contida aí a ideia de autoridade bíblica. Esta autoridade se dava pela ideia da composição bíblica ser oriunda do “ditado do espírito Santo”.¹¹¹

O teólogo Paul Tillich ressalta as várias discussões existentes sobre a maneira de interpretar a doutrina da autoridade das escrituras de Calvino. Segundo Tillich, o problema foi que “esse termo “ditado do Espírito Santo”, desembocou na doutrina da inspiração verbal, transcendendo tudo o que Calvino ensinou, ao mesmo tempo em que contradizia o próprio princípio protestante”.¹¹²

À primeira vista parece que os Cristãos que insistiam em usar as escrituras para desenhar um cenário de conflito com o conhecimento estavam seguindo o

¹¹⁰ CARVALHO, C. M. Uma pedagogia para a educação cristã, p. 128.

¹¹¹ TILLICH, P. História do Pensamento Cristão, p. 270.

¹¹² TILLICH, P. História do Pensamento Cristão, p. 271.

princípio da reforma *Sola Scriptura* mas não estavam. Pois para os Lutero *Sola Scriptura* significava que a Bíblia era a autoridade final, mas isso não significava a rejeição radical do estudo teológico ou da autoridade natural da erudição e do conhecimento.¹¹³

Vale lembrar que Lutero dava ao termo “palavra de Deus” sentidos diferentes.

Sobre isso Tillich comenta:

Lutero afirmava que a Bíblia era a palavra de Deus – mas sabia muito bem o que dizia. Mas quando queria realmente expressar o que pensava, dizia que na Bíblia se encontrava a palavra de Deus, a mensagem de Cristo, a expiação, o perdão dos pecados e a dádiva da salvação. Deixava bem claro que a Bíblia continha a palavra de Deus no sentido em que transmitia a mensagem do Evangelho. Mas entendia que essa mensagem existia antes da Bíblia, na pregação dos apóstolos.¹¹⁴

Não é correto dizer que a Reforma sugeriu uma interpretação literalista da Bíblia. Lutero adotou como chave hermenêutica a doutrina da salvação pela Fé, a ponto de tratar de forma diferenciada e crítica os escritos, mesmo que bíblicos, que colocassem dúvida a respeito dessa doutrina. Pode-se dizer que em João Calvino pode ser encontrado um certo apelo a literalidade bíblica. Calvino também adotou uma chave hermenêutica. Calvino fazia com que a ênfase na soberania de Deus fosse critério seletivo da sua linha hermenêutica.¹¹⁵ Mas também é verdade que Calvino rejeitava tudo que não pudesse ser provado pela Bíblia.¹¹⁶

Voltando para o afastamento do real significado do que Lutero queria dizer sobre a Bíblia, pode-se afirmar que a Ortodoxia teve um papel importante nesse distanciamento. Entende-se como ortodoxia a forma que o protestantismo estabeleceu-se depois do término do movimento dinâmico da Reforma. Trata-se das sistematizações e consolidações das ideias que foram se desenvolvendo em contraste com a Contra-Reforma.¹¹⁷

Apropriando-se de certas ideias de Calvino, a Ortodoxia formulou uma doutrina da inspiração muito mais radical e primitiva. Entende-se por ortodoxia a maneira como a reforma estabeleceu-se, enquanto forma eclesiástica. Para Rubem Alves, “os ortodoxos são aqueles que tiveram poder político para impor suas

¹¹³ PEARCEY, N. Verdade Absoluta, p. 337.

¹¹⁴ TILLICH, P. História do Pensamento Cristão, p. 241.

¹¹⁵ MENDONÇA, A. G.; VELASQUEZ FILHO, P. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p. 112.

¹¹⁶ CAIRNS, E. E. O Cristianismo através dos séculos, p. 251

¹¹⁷ TILLICH, P. História do Pensamento Cristão, p. 272.

convicções”¹¹⁸. Eles sustentavam que os autores das Escrituras foram as mãos de Cristo. Tudo era inspirado. Letra por letra. Até mesmo os sinais no texto hebraico.

¹¹⁹ Isto levou à interpretação literal do texto.

A teologia ortodoxa foi a base de todos os movimentos posteriores. Por exemplo, uma das marcas do pietismo, movimento já abordado por esta pesquisa, foi também o apego a uma leitura literal e mística da Bíblia. Característica que também foi herdada pelo movimento metodista e suas ramificações alcançando boa parte das correntes teológicas protestantes.

O biblicismo fez com que grande parte do protestantismo se transformasse num sistema religioso do livro. Um sistema religioso que colocou a Bíblia acima da história humana, acima do tempo, acima de qualquer espaço e cultura.

O Protestantismo tornou-se um sistema religioso deslocado da experiência humana, mantendo-se totalmente fechado para qualquer senso crítico proveniente da razão.

¹¹⁸ ALVES, R. Protestantismo e Repressão, p.126.

¹¹⁹ TILLICH, P. História do Pensamento Cristão, p. 277.

3

O protestantismo no Brasil e a manutenção da teologia dos avivamentos

Depois de ter abordado elementos e movimentos na história protestante que nasceram na Europa e nos Estados Unidos, este trabalho olhará para o Brasil.

Como já mencionado, embora o protestantismo de imigração tenha sido o primeiro a chegar no Brasil, foi o protestantismo de missão que trouxe o maior impacto para o país. O protestantismo missionário brasileiro não veio da Europa e sim dos Estados Unidos. No último terço do século XIX, o sentimento nacional expansionista combinado com motivos teológicos gerou a expansão missionária americana.

O protestantismo no Brasil herdou o denominacionalismo norte-americano. O denominacionalismo é um fenômeno religioso que foi se desenvolvendo dentro dos estados Unidos. A denominação era composta de pessoas que a ela aderiam de acordo com suas preferências e convicções pessoais.¹²⁰ Missionários de diferentes denominações foram chegando ao Brasil do final do século XIX aos meados do século XX.

3.1

Teologia das primeiras denominações

As denominações chegaram aqui, cada uma carregando suas particularidades, suas características teológicas e eclesiológicas, porém, apesar de suas diferenças, tinham bastante aspectos em comum. No geral uma relativa uniformidade teológica oriunda dos “avivamentos” da era metodista foi mantida.¹²¹

É pertinente destacar o tipo de evangelho que chegou ao Brasil. Qual era o perfil dos primeiros missionários que aqui chegaram? Que tipo de teologia carregavam? Rosa responde e ajuda no entendimento do tipo de teologia que chega com os protestantes missionários:

Em resumo, creio que poderíamos afirmar que o missionário de primeira hora era um evangélico conservador, portanto, com perfil puritano-pietista, conversionista na linha

¹²⁰ MENDONÇA, A. G. O Celeste Porvir, p. 45.

¹²¹ MENDONÇA, A. G. O Celeste Porvir, p. 201.

metodista, com traços tanto ortodoxos quanto avivalistas refletindo o spectrum do protestantismo norte-americano forjado entre os séculos XVIII e XIX, com uma visão de santidade perfeccionista e imbuído de uma convicção de ter sido escolhido por Deus para pregar o verdadeiro Cristianismo ao estilo americano. Acrescente-se a isso que, o missionário de segunda hora, chegando por aqui na primeira metade do século XX, somou a este caldeirão a rigidez e intolerância fundamentalista e as doutrinas básicas do pentecostalismo com sua moral ascética extrema.¹²²

Fica claro que traços do puritanismo, do pietismo, do metodismo e posteriormente do fundamentalismo chegaram com os missionários americanos. Elementos como a moralidade ascética, apocalipsismo, conversionismo, biblicismo, e até mesmo o neoplatonismo, este último presente em toda a história do pensamento teológico protestante, chegam ao Brasil com os missionários americanos.

Sabendo que todos esses elementos que ajudam na construção de um discurso de aversão ao saber, chegam ao Brasil com os missionários americanos, a partir de agora, o foco será identificar, em alguns nomes importantes e também dentro das principais denominações protestantes brasileiras, traços de um discurso teológico influenciado por alguns dos elementos já citados.

Mendonça diz que “sob o ponto de vista formal, congregacionais, presbiterianos, metodistas e batistas, transplantaram para o Brasil o protestantismo típico norte-americano”.¹²³ Vejamos algumas particularidades desses grupos.

3.1.1

O Casal Kalley (congregacionalismo)

Para se falar de congregacionalismo no Brasil é importante falar sobre o seu fundador: o missionário escocês Robert Kalley. Émile-Guillaume Léonard diz que:

Robert Reid Kalley foi uma personalidade curiosa, característica desses propagandistas anglo-saxões, aristocratas ou burgueses ricos que, por motivos culturais ou de saúde, tornavam-se grandes viajantes, e que utilizavam fortuna e turismo na difusão da fé protestante.¹²⁴

Embora escocês, pode-se dizer que a obra de Kalley insere-se no grupo de igrejas missionárias americanas pela natureza teológica, que era a mesma dos avivamentos ingleses que se transferiram para os Estados Unidos.

Sobre a Teologia do casal, Mendonça informa:

¹²² ROSA, W. O dualismo na teologia cristã, p. 100.

¹²³ MENDONÇA, A. G. O Celeste Porvir, p.200.

¹²⁴ LEONARD, E. G. O protestantismo brasileiro, p.49.

Robert Kalley introduziu a teologia conversionista simples e superficial semelhante à dos avivamentos, e Sarah Kalley produziu um livro de hinos - salmos e hinos - compostos de uma miscelânea teológica em que prepondera a teologia do pietismo.¹²⁵

Outro dado que ajuda identificar a teologia que norteia Robert Kalley é o fato de que, ao chegar ao Rio de Janeiro, Kalley traduziu e publicou, em série, no Correio Mercantil do Rio, o livro *O peregrino* de John Bunyan, um clássico da literatura puritana inglesa.¹²⁶ Observando um breve diálogo entre o personagem principal de Bunyan e seus vizinhos é possível identificar marcas da teologia que norteia a obra e que fazia parte da espiritualidade de Kalley:

CRISTÃO – O que é que vocês querem de mim?

OBSTINADO – Queremos que volte conosco para sua casa.

CRISTÃO – Impossível. A cidade em que moramos e onde eu nasci e me criei é a Cidade da Destruição. Se vocês morrerem lá, serão sepultados em um lugar mais fundo do que a própria sepultura, onde ardem eternamente o fogo e o enxofre. Portanto, vizinhos, vocês é que devem mudar de ideia e vir comigo.

OBSTINADO – Quer dizer que nós teremos de abandonar nossa família, nossos amigos, nossos bens e nosso conforto e fugir da nossa cidade?

CRISTÃO – Sim, amigos, porque tudo isso não é nada se compararmos com os bens que alcançaremos na eternidade (Romanos 8.18). Se vocês me acompanharem gozarão de tudo isto, porque no lugar para onde estou me dirigindo há o suficiente para todos (Lucas 15.17). Venham e comprovem.¹²⁷

Nesta primeira parte do diálogo é possível perceber que com a alegorização do caminho de renúncias dos prazeres do mundo que o cristão precisa trilhar para se alcançar o céu, fica bastante evidente a teologia ascética puritana. Veja-se mais um trecho do diálogo e perceba como é evidenciado um apego forte a Bíblia na obra de Bunyan:

OBSTINADO – Mas que coisas são essas que você procura, em troca das quais está abandonando tudo o que há no mundo?

CRISTÃO – Procuo uma herança incorruptível, que não pode contaminar-se nem murchar (1 Pedro 1.4), reservada com segurança no céu (Hebreus 11.16) para ser dada, no devido tempo, aos que buscarem esforçadamente. Assim está escrito neste livro, a Bíblia. Se vocês o lerem, encontrarão em suas páginas a confirmação de tudo quanto eu estou lhes dizendo.

OBSTINADO – Ora, deixe esse negócio de ler esse livro para outra ocasião! Você vai ou não vai voltar conosco para sua casa?

CRISTÃO – Não, não voltarei jamais, pois já coloquei a mão sobre o arado (Lucas 9.62).

OBSTINADO – Nesse caso, vizinho Vacilante, vamos deixa-lo ir embora e voltemos para casa. Existem certas pessoas que quando ficam doidas e se agarram a uma ideia, passam a se achar mais sábias do que os sete sábios da Grécia.

¹²⁵ MENDONÇA, A. G.; VELASQUEZ FILHO, P. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p.34.

¹²⁶ LEONARD, E-G. O protestantismo brasileiro, p.50.

¹²⁷ BUNYAN, J. O Peregrino, p.28.

VACILANTE – Nada de insultos, Obstinados; não concordo com o seu ponto de vista. Se o que Cristão diz é verdade, não pode haver dúvida de que as coisas que ele busca alcançar são incomparavelmente superiores às que possuímos. O meu coração está muitíssimo certo no que afirma, e eu confesso que estou com vontade de acompanhá-lo.

OBSTINADO – Então você enlouqueceu também, Vacilante? Ora, deixe disso e vamos voltar para casa. Sabe lá para onde esse doido seria capaz de levar você? Vamos embora Vacilante.

CRISTÃO – Não escute o que Obstinado diz, amigo Vacilante. Acompanha-me, e você comprovará que o que eu lhe disse é verdadeiro. Se você ainda tem alguma dúvida da veracidade de minhas palavras, leia este livro. A garantia de que as palavras nele escritas são verdadeiras nos é dada pelo próprio sangue do seu Autor (Hebreus 9. 17-28).¹²⁸

É importante dá uma atenção ao *Salmos e Hinos*, o hinário mais tradicional e que mais exerceu influência no protestantismo brasileiro. Salmos e Hinos foi uma obra organizada por Sarah Kalley. Publicado pela primeira com cerca de 50 hinos e em sua última revisão com mais de 650 hinos, Salmos e Hinos é considerado hoje a mais bela e bonita coleção de hinos na história do protestantismo brasileiro.

Ao analisar os hinos, é notório a predominância da marca teológica Wesleyana e petista.¹²⁹ A exposição da situação de pecado do homem, o amor de Deus por este pecador são marcas da pregação pietista e podem ser encontradas em vários hinos. O hino intitulado como *A velha história*, traduzido por Sarah Kalley é um exemplo:

1. Conta-me a velha história
Do grande Salvador;
De Cristo e sua vida,
De Cristo e seu amor.
Com pausa e paciência,
Pois quero penetrar
A altura do mistério:
Que Deus me pode amar.
2. Fala-me com doçura
Do amado Redentor,
A mim, que tanto sofro
Por ser um pecador.
Oh! Que consolo traz-me,
Em tempos de aflição,
Ouvir a velha história
Que alegra o coração!¹³⁰

¹²⁸ BUNYAN, J. O Peregrino, p.29.

¹²⁹ MENDONÇA, A. G.; VELASQUEZ FILHO, P. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p.178.

¹³⁰ SALMOS E HINOS, p.123. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/287944578/Salmos-e-Hinos-Coletanea-Geral>. Acesso em: 15 de abril de 2021.

No próximo exemplo, é encontrado um forte apelo à conversão, outra característica marcante da teologia dos primeiros missionários. Vejam as duas últimas estrofes do hino *Vai passando o Salvador*, adaptado por Sarah Kalley:

5. Ah! Quão perverso coração
Que assim rejeita a salvação!
No dia quando o Rei voltar
Que grito, então, se irá clamar?
“É tarde, ó triste pecador!
Pois tem passado o Salvador!”
6. O tempo foge, vai findar!
Oh, não demores a aceitar!
Cristo hoje quer teu coração
Encher de paz e salvação.
Escolhe agora ao teu Senhor,
Pois vai passando o Salvador!¹³¹

Um forte transcendentalismo também sempre esteve presente na teologia de Sarah kalley fazendo com que tópicos como o céu e segunda vinda de Cristo se fizessem presentes em muitas de suas letras. É o que pode ser observado, por exemplo no hino escrito por ela intitulado como *Vinda do Senhor*:

1. Perfeita formosura
Na terra não se vê.
Descanso verdadeiro
Somente tem quem crê.
Por nós um dia, em glória,
Dos céus virá Jesus,
As trevas dissipando
Na sua excelsa luz.
2. Jesus, o bem amado!
Jesus, que nos salvou
E, para os céus subindo,
A glória nos ganhou!
O galardão trazendo,
Em breve chegará;
Coroa e recompensa
A cada um dará.
3. Com Cristo, onde ele habita,
Há paz, consolação,
Tristezas e pecados
Não mais nos cercarão.
Oh! Vem, Jesus querido,
Brilhante, em resplendor!
Revela a tua Glória,
Bondoso Salvador!¹³²

¹³¹ SALMOS E HINOS, p.136. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/287944578/Salmos-e-Hinos-Coletanea-Geral>. Acesso em: 15 de abril de 2021.

¹³² SALMOS E HINOS, p.158. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/287944578/Salmos-e-Hinos-Coletanea-Geral>. Acesso em: 15 de abril de 2021.

Robert Kalley, juntamente com sua esposa Sarah, deu início ao congregacionalismo no Brasil. Tudo começou com a fundação da Igreja Evangélica Fluminense em 1858, no Rio de Janeiro. O congregacionalismo era um ramo calvinista das Igrejas livres da Inglaterra. No Brasil, o congregacionalismo apresentou a mesma teologia das demais igrejas missionárias. Pregava o conversionismo da salvação individual e doutrinariamente se declaravam fundamentalistas.¹³³

A Igreja Congregacional, aqui no Brasil denominada de Igreja Evangélica Congregacional Cristã do Brasil, não se expandiu muito, mas a teologia que pregava, com a ajuda de seus fundadores Robert Kalley e Sarah Kalley, se propaga até os dias de hoje no pensamento popular protestante brasileiro. Pode-se dizer que, Robert Kalley, juntamente com sua esposa, Sarah Kalley, forneceram a matriz teológica do pensamento popular protestante brasileiro.¹³⁴

3.1.2 Ashbel Green Simonton (Presbiterianismo)

Antes de falar das características gerais e da teologia da Igreja Presbiteriana, é pertinente olhar para o fundador da denominação aqui no Brasil. Em 1862, no Rio de Janeiro, foi fundada a Primeira Igreja Presbiteriana. Resultado do trabalho missionário de Ashbel Green Simonton, que foi enviado pela Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América justamente para este fim.¹³⁵ No pensamento teológico de Simonton pode ser encontrado a matriz do presbiterianismo brasileiro.

Simonton formou-se em teologia no seminário de Princeton em 1858. Em Princeton, era defendida pelo pensamento conservador, a teologia da Igreja Espiritual, ou seja, a Igreja só deve se preocupar com o que é eterno. Este pensamento levava a uma negligência por parte da igreja a tudo que era humano e terreno.¹³⁶

¹³³ MENDONÇA, A. G.; VELASQUEZ FILHO, P. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p.35.

¹³⁴ MENDONÇA, A. G.; VELASQUEZ FILHO, P. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p.34.

¹³⁵ BITTENCOURT FILHO, J. Matriz Religiosa Brasileira, p.109.

¹³⁶ MENDONÇA, A. G. O Celeste Porvir, p.189.

Existe um dualismo muito forte no pensamento de Simonton. Antônio Gouvêa Mendonça destaca que Simonton era espiritualista no sentido mais rigoroso da palavra, ou seja, sustentava uma duplicação do mundo, em que um é inferior, mau e provisório e o outro é divino e bom.¹³⁷

Existe uma coletânea de sermões que Simonton pregou no Rio de Janeiro entre 1864 e 1867 que permite um acesso mais profundo ao pensamento desse homem que influenciou não só o presbiterianismo, mas todo o pensamento protestante brasileiro. Esta coletânea foi editada por seu cunhado, Reverendo Alexander L. Blackford, que também foi o responsável por dá continuidade ao trabalho missionário presbiteriano no Brasil.¹³⁸

Analisando um dos sermões de Simonton presente na coletânea editada por seu cunhado, fica claro a sua teologia dualista e seu apego à doutrina da Igreja Espiritual. Veja alguns trechos do sermão intitulado por *Entrai pela Porta estreita*:

Nosso Senhor aqui compara a vida de cada homem a uma viagem, e a comparação é tão bela como própria para nos instruir. Com efeito somos viajantes e peregrinos na terra. Não temos morada fixa e permanente; porque, como é provável, daqui a cinquenta anos nenhum de nós estará morando neste mundo. Nós vamos gastando rapidamente os poucos dias ou anos que nos restam, e ao pôr do sol de cada dia o termo da nossa jornada fica cada vez mais perto. Nem nos é dado onde parar no meio do caminho. A sepultura é o paradeiro do corpo, e além da campa, a alma, parte imortal do homem, ou descansa no gozo da bem aventurança ou lastima e pena os seus crimes. É forçoso caminhar até o fim da carreira. Nem a vida nem a morte depende da vontade dos homens, mas sim do decreto de Deus.¹³⁹

Percebe-se que Simonton possui em sua teologia uma influência do dualismo. Simonton faz questão de destacar que o destino do corpo é sepultura inferiorizando o mesmo. Já a alma é eterna e desfrutará do céu ou do tormento. Sobre a caminhada cristã, assim como a teologia do Peregrino de Bunyan, Simonton entende que deve ser uma vida de renúncia aos prazeres da carne. Veja este trecho do sermão:

A vida de um cristão é uma luta continua contra a concupiscência da carne, contra o excessivo apego às cousas mundanas, e contra os assaltos do inimigo das almas. Aquele que nunca se sentia apertado dos seus inimigos tanto de dentro como de fora, que nunca chegou a sentir e confessar que só a graça onipotente de Jesus o podia livrar da escravidão do pecado, esse pôde ficar certo que anda errado. A porta verdadeira é estreita e a muito custo se entra. Da parte de Jesus não há dificuldade nenhuma. Ele convida a todos. O que tanto vos embaraça, tanto vos impede, é o vosso orgulho, que vos faz desprezar os merecimentos do Salvador e viver satisfeitos

¹³⁷ MENDONÇA, A. G. O Celeste Porvir, p.192.

¹³⁸ MENDONÇA, A. G. O Celeste Porvir, p.187.

¹³⁹ SIMONTON, A. G. Sermões escolhidos do Rev^o Simonton, p.11.

com os vossos próprios; é o amor que tendes às vaidades e prazeres; é o vosso coração endurecido e rebelde contra Deus: essas são as cousas que tornam tão estreita a porta e tão apertado o caminho onde entram e caminham os que são servos do Senhor.¹⁴⁰

O apelo à conversão, típico do pietismo, também era uma marca dos sermões de Simonton:

Hoje é o tempo conveniente para dar ouvidos ao conselho do Salvador. Bem que a porta seja estreita, contudo está aberta. Virá o tempo em que será fechada. O dia de amanhã é incerto para todos. As promessas e convites de graça se referem ao presente. Nem uma só vez faliam do futuro. Aqui se diz: "Entrai pela porta estreita," isto é—"entrai agora," "já," "sem demora." Será verdade que quereis obedecer? Estais dispostos a entrar na carreira cristã e perseverar até o fim? Belo propósito! Sábia escolha! Escutai a voz do Salvador: "Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo. Eu sou o caminho, e a verdade e a vida. Vinde a mim todos os que vos achais carregados. Em verdade, em verdade vos digo, o que crê em mim tem a vida eterna."¹⁴¹

Este olhar mais profundo para o pensamento de Simonton é importante, pois sua maneira de pensar contribui para a teologia do presbiterianismo brasileiro. E sendo a Igreja Presbiteriana uma das denominações que mais cresceram nas primeiras décadas, pode-se dizer que a teologia de Simonton influenciou todo o pensamento popular protestante brasileiro.

Além da Junta de Nova York, que Simonton representava, o presbiterianismo no Brasil também é fruto das ações missionárias do Comitê de Nashville, que passou a enviar muitos missionários para o Brasil a partir de 1870. Missionários que atuaram em frentes de evangelização fazendo com que o presbiterianismo se espalhasse pelo Brasil e também em frentes de caráter educacional.¹⁴²

De um modo geral a Igreja presbiteriana é conservadora, fiel a João Calvino quanto ao governo eclesiástico, mas sua teologia é o contrário do calvinismo ortodoxo. Sua teologia também é conversionista oriunda dos avivamentos.

Para nossa pesquisa é interessante destacar que apesar de ter surgido dentro do presbiterianismo um movimento mais intelectual que inclusive gerou algumas rupturas ao longo do tempo, o presbiterianismo em sua maior parte sempre teve uma tendência ao fundamentalismo, inclusive com histórico de periodicamente expulsar intelectuais sob a acusação de liberalismo teológico.

¹⁴⁰ SIMONTON, A. G. Sermões escolhidos do Rev^o Simonton, p.17.

¹⁴¹ SIMONTON, A. G. Sermões escolhidos do Rev^o Simonton, p.25.

¹⁴² MENDONÇA, A. G.; VELASQUEZ FILHO, P. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p.36

3.1.3 Metodistas e Batistas

Metodistas e Batistas estão classificados dentro do grupo que os estudiosos do protestantismo chamam de protestantismo tardio.

Em 1835, chegava ao Brasil o Missionário metodista Fountain E. Pitts, e em 1836, aporta outro metodista, Justus Spaulding, responsável por fundar uma igreja de quarenta membros. Outro grande missionário metodista, Daniel P. Kider, chega ao Brasil em 1837. Como membro da Sociedade Bíblia norte-americana, Kider percorreu grandes distâncias distribuindo Bíblias por todo o território brasileiro.¹⁴³

Mesmo com o trabalho pioneiro desses homens, o metodismo só foi se fixar por aqui por volta de 1886 com os missionários Junius E. Newman. John J. Ransom, J. W. Koger e James L. Kennedy.¹⁴⁴

Uma das marcas dos metodistas era sua atuação na educação, marca também presente nos presbiterianos e batistas, porém com menos intensidade. Inclusive o metodismo se beneficiou bastante dessa prioridade à educação e abriram colégios por toda parte.

Apesar dessa expansão educacional, o metodismo cresceu menos que os presbiterianos e batistas, justamente por sua preocupação prioritária pela educação. Os próprios metodistas reconhecem que a preocupação com a educação diminuiu a ação evangelizadora da denominação.¹⁴⁵ Mas isso não tira do metodismo o mérito de juntamente com os congregacionais, presbiterianos e batistas ter contribuído para a consolidação do pensamento popular protestante brasileiro, inclusive muitos pastores metodistas contribuíram com hinos pietistas na coletânea organizada pelos kalley. Sobre a teologia metodista, Mendonça afirma:

Sob o ponto de vista da tradição e da teologia, a Igreja Metodista é, dentre as de origem missionária norte-americana, a mais coerente. Mantém a tradição episcopal norte-americana e a teologia arminiano-wesleyana conversionista e individualista dos avivamentos da Inglaterra e dos Estados Unidos. O wesleyanismo deu a matriz teológica desses movimentos e a Inglaterra Metodista se mantém fiel a ele. É, portanto, a matriz teológica da base das demais Igrejas brasileiras de origem missionária, pois todas são conversionistas.¹⁴⁶

¹⁴³ BITTENCOURT FILHO, J. Matriz Religiosa Brasileira, p.108.

¹⁴⁴ MENDONÇA, A. G.; VELASQUEZ FILHO, P. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p.40.

¹⁴⁵ MENDONÇA, A. G.; VELASQUEZ FILHO, P. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p.40

¹⁴⁶ MENDONÇA, A. G.; VELASQUEZ FILHO, P.. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p.40

O início do movimento Batista no Brasil é marcado pela atuação de dois casais de missionários: Willian Bagby com sua esposa Ana Luther Bagby e Zacarias Taylor com sua esposa Kate Taylor. Em 1882 era fundada na Bahia a primeira igreja da denominação.¹⁴⁷

A teologia das Igrejas batistas do Brasil é a mesma teologia arminiano-wesleyana, individualista, conversionista presente nas demais igrejas de origem missionária norte-americana. Por serem originários da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, bastante conservadora, os batistas brasileiros são muito intransigentes em seus princípios e identidade. Isso se agrava pelo fato dos primeiros missionários terem sido adeptos de uma corrente radical dos batistas norte-americanos chamada de landmarkismo.¹⁴⁸

A expressão *landmarkismo* tem origem na palavra inglesa “*Landmark*” que significa o ponto de referência, na terra, que orienta o marinheiro em sua viagem. Dessa forma os iniciadores desse movimento, os Pastores J. R. Graves e J. M. Pendleton, queriam mostra que os “*landmarks*”, ou seja, os pontos de referências, que eram, o ministério batista e o povo Batista deveriam ser preservados.¹⁴⁹

O radicalismo do movimento era tão grande que somente os batistas eram considerados cristãos verdadeiros já que era defendido que os cristãos apostólicos eram batistas. Sobre a propagação do landmarkismo no Brasil é importante o que Professor e Pastor Batista Carlos Novaes escreveu em dos seus artigos para o Jornal Batista:

A posição landmarquista foi popularizada no Brasil por um livrinho chamado O Rastro de sangue, de J. M. Carroll, publicado em 1931. Dizia que os batistas atravessaram esses dois mil anos usando vários nomes, até adotarem o nome de batistas. A obra foi um sucesso. Amaciou como ninguém os nossos egos denominacionais.¹⁵⁰

Pode-se dizer que apesar das diferenças na eclesiologia dessas denominações tratadas até aqui, uma uniformidade teológica da era metodista e dos avivamentos do protestantismo norte-americano foi mantido. Sobre isso, Mendonça faz um destaque interessante:

A teologia explícita nos sermões e hinos dos congregacionais, presbiterianos, metodistas e batistas, nos seus contornos gerais, é a do metodismo americano: o amor

¹⁴⁷ CRABTREE, A. R. História dos Batistas do Brasil até o ano de 1906, p.68.

¹⁴⁸ MENDONÇA, A. G. e VELASQUEZ FILHO, Prócoro. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p.42.

¹⁴⁹ LUPER, J. D. Três Movimentos batistas que vieram ao Brasil, p.30.

¹⁵⁰ NOVAES, C. C. P. O landmarquismo batista, p.6.

de Deus por todos os homens pecadores, o perdão gracioso pela aceitação, através da fé, do sacrifício expiatório de Cristo, a vida regenerada visível na ética mundana e a expectativa da vida eterna no céu. Dois novos elementos são superpostos a essa teologia: a teologia da Igreja Espiritual, justificadora e conservadora do “status-quo” social e certos traços da teologia do pietismo, com seu emocionalismo característico.¹⁵¹

3.2. Teologia do pentecostalismo pioneiro

Grande parte dos estudiosos chamam de pentecostalismo clássico as denominações pentecostais pioneiras. Isto por elas estarem vinculadas diretamente ao movimento pentecostal original. É importante para esta pesquisa olhar para o protestantismo clássico, pois o mesmo dominou o cenário brasileiro de forma bastante homogênea até a década de 50 quando começaram as fracionamentos dentro do movimento.¹⁵² Diante disso pode-se dizer que o pentecostalismo clássico é o grande responsável pela consolidação das características gerais da teologia pentecostal em solo brasileiro e vale destacar que o mesmo possui como agente eclesial umas das maiores expressões do crescimento pentecostal no Brasil: A Assembleia de Deus.¹⁵³

A primeira denominação pentecostal a surgir no Brasil foi a Congregação Cristã do Brasil em 1910. Esta denominação pode ser considerada brasileira, pois foi fundada no Brasil por Luigi Francescon, um Italiano emigrado nos Estados Unidos. Luigi pertencia a Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago e depois de afirmar ter recebido o dom de línguas, viajou para a América do Sul para divulgar a nova mensagem.¹⁵⁴ Em 1910 ele fundava a Congregação Cristã do Brasil no estado de São Paulo.

A Congregação Cristã do Brasil possui marcas teológicas do calvinismo. É uma igreja fundamentalista, proselitista e possui cultos com traços pietistas. As decisões da igreja são buscadas nas revelações. Literaturas são rejeitadas e a cultura é tida como inútil para fé.¹⁵⁵ Todas essas características fazem da Congregação

¹⁵¹ MENDONÇA, A. G. O Celeste Porvir, p.203.

¹⁵² ALENCAR, G. Protestantismo Tupiniquin, p.46.

¹⁵³ TERRA, K. R. C.; MESQUIATI DE OLIVEIRA, D. Êxtase como locus hermenêutico na Experiência Religiosa dos Pentecostalismos, p.68.

¹⁵⁴ MENDONÇA, A. G. e VELASQUEZ FILHO, P. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p.48.

¹⁵⁵ FRESTON, P. Protestantes e política no Brasil, p. 80.

Crista uma denominação dualista onde o discurso de aversão ao saber é facilmente propagado.

Em 1911 surgia a Assembleia de Deus do Brasil, a Igreja mais popular do Brasil. Foi fundada pelos suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, que embora Europeus converteram-se ao Pentecostalismo nos Estados Unidos de onde vieram para o Brasil.¹⁵⁶

A Assembleia de Deus, sendo a denominação pentecostal que mais cresceu no Brasil, foi a maior responsável pela consolidação do pensamento pentecostal no imaginário popular brasileiro.

A Assembleia de Deus herdou resíduos teológicos dos batistas, metodistas e presbiterianos. Sua eclesiologia é bem parecida com os batistas e sua teologia é arminiano-wesleyana e conversionista.¹⁵⁷

Uma das melhores maneiras de identificar sua teologia e mensagem propagada pela Igreja Assembleia de Deus ao longo de todos esses anos é olhar para seu hinário oficial: a Harpa Cristã.

Durante os primeiros anos no Brasil, os pentecostais usaram o hinário Salmos e hinos, mas em 1921 entraria em seus cultos a harpa cristã, hinário pentecostal usado até os dias de hoje e que nos ajuda bastante a identificar a pregação propagada pelos pentecostais.

Assim como o hinário Salmos e Hinos, a Harpa Cristã também é rica em hinos com características pietistas. Muitos hinos possuem mensagens conversionistas, que exploram a condição de pecador do homem e exaltam a salvação por meio do sacrifício de Jesus na cruz. Também é possível identificar um forte transcendentalismo em muitos hinos. O mundo é visto como inferior e como um campo de batalha entre o cristão peregrino e as forças demoníacas. Hinos com esse enredo de batalha são comuns na harpa cristã. Veja a letra do hino 153 intitulado de *Soldados de Cristo*:

Soldados de Cristo que entrastes na lida.
Lutai sem desmaio, lutai com valor;
E o inimigo levai de vencida,
Dizendo que Cristo é nosso Senhor.
Soldados de Cristo, marchai sempre avante,

Levando à destra as armas da luz;
As almas perdidas buscai triunfantes

¹⁵⁶ MENDONÇA, A. G. e VELASQUEZ FILHO, P. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p.47.

¹⁵⁷ MENDONÇA, A. G. e VELASQUEZ FILHO, P. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p.51.

E prestes, levai-as a Cristo Jesus.

Peleja. ó crente, a santa peleja,
 Prossegue avante por Cristo Jesus;
 E sê mui valente; na frente estejas,
 Dizendo que Cristo morreu numa cruz.

A aurora se acerca do dia faustoso,
 Em que prêmio terão a fé e o valor;
 E nele, Jesus, galardão grandioso,
 Dará a qualquer que sair vencedor.¹⁵⁸

Este, escrito por Charles Austin Miles, intitulado de *Os Guerreiros se preparam* destaca o mesmo pensamento de guerra:

Os guerreiros se preparam para a grande luta
 E Jesus, o Capitão, que avante os levará.
 A milícia dos remidos marcha impoluta;
 Certa que vitória alcançará!

Eu quero estar com Cristo,
 Onde a luta se travar,
 No lance imprevisto
 Na frente m'encontrar.
 Até que O possa ver na glória,
 Se alegrando da vitória,
 Onde Deus vai me coroar!

Eis os batalhões de Cristo prosseguindo avante,
 Não os vês com que valor combatem contra o mal?
 Podes tu ficar dormindo, mesmo vacilante,
 Quando atacam outros a Belial?

Dá-te pressa, não vaciles, hoje Deus te chama
 Para vires pelejar ao lado do Senhor;
 Entra na batalha onde mais o fogo inflama,
 E peleja contra o vil tentador!

A peleja é tremenda, torna-se renhida,
 Mas são poucos os soldados para batalhar;
 Ó vem libertar as pobres almas oprimidas
 De quem furioso, as quer tragar!¹⁵⁹

O Hino 619, intitulado de *Meu lar, Jerusalém* exemplifica bem a teologia escapista presente em boa parte da Harpa Cristã. Evidenciando assim um forte transcendentalismo na teologia do pentecostalismo clássico:

¹⁵⁸ HARPA CRISTÃ. Hino de N.º 153

¹⁵⁹ HARPA CRISTÃ. Hino de N.º 212

Feliz Jerusalém, meu lar!
 Em ti almejo estar!
 Sentir a calma em glória ali,
 E teu prazer gozar.

Oh! lar feliz de amor e paz!
 Jardim sem outro igual!
 O teu fulgor de glória e luz,
 Jamais o viu mortal.

Jesus em breve irá voltar,
 E a paz do lar de além
 Irá, então, em ti reinar,
 Meu lar - Jerusalém¹⁶⁰

O apocalipsismo presente no hino acima está presente no protestantismo como um todo, mas sempre foi muito forte dentro de pentecostalismo. A ideia de um mundo mal que está prestes a acabar faz com que o cristão não queira outra coisa a não ser morar no céu. Desenvolve-se assim uma espiritualidade passiva e escapista.

O objetivo em destacar essas letras é demonstrar que, assim como as denominações históricas protestantes, o pentecostalismo também herdou elementos que contribuíram para a construção de um discurso de desprezo do saber humano. Como já visto no capítulo anterior, o pentecostalismo foi um movimento que ajudou na manutenção do dualismo dentro da história protestante e desde de sua gênese sempre foi anti-intelectual.

É importante dizer que até aqui foi dada uma atenção especial ao pentecostalismo clássico devido sua forte contribuição para propagação da teologia pentecostal em terras brasileiras, porém, após 1950, outros movimentos aparecem. O pesquisador Freston, em 1993, dividia a entrada do pentecostalismo em território brasileiro em três grandes ondas:

O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implementação de igrejas. A primeira onda é a década de 1910, com a chegada da congregação cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911). Estas duas igrejas têm o campo para si durante 40 anos, pois suas rivais são inexpressivas. A Congregação, após grande êxito inicial, permanece mais acanhada, mas a AD se expande geograficamente como igreja protestante nacional por excelência, firmando presença nos pontos de saída do futuro fluxo migratório. A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é amor (1962). O contexto dessa pulverização é *paulista*. A terceira onda começa no final do anos 70

¹⁶⁰ HARPA CRISTÃ. Hino de N.º 619.

e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do reino de Deus (1977) e a Internacional da Graça de Deus (1980).¹⁶¹

Um olhar para a teologia das primeiras denominações pentecostais já basta para entender como as mesmas ajudaram na consolidação do discurso anti-intelectual protestante no Brasil, mas é preciso ficar claro que o pentecostalismo brasileiro é muito plural. Desde que o primeiro missionário pentecostal pisou em terras brasileiras até os dias de hoje, surgiram diferentes movimentos, muitos até autônomos. Vale olhar para as inúmeras igrejas denominadas de Assembleia de Deus que, embora tenham o nome da denominação pentecostal que mais cresceu no Brasil, não possuem vínculo institucional com a mesma e caminham de forma independentes.

Mesmo considerando a divisão feita por Freston como bastante consistente, deve-se também destacar que alguns estudiosos dividem o pentecostalismo de forma diferente. Alguns falam em quatro ondas, outros duas. E conforme o tempo vai passando, novos movimentos vão se formando e distintas maneiras de se olhar para o fenômeno pentecostal no Brasil vão surgindo.

Vale ressaltar que mesmo com toda essa complexidade e pluralidade dentro do pentecostalismo, a centralidade da experiência religiosa a partir do êxtase é um ponto em comum dentro dos diversos pentecostalismos brasileiros.¹⁶²

Dentro do misticismo pentecostal brasileiro, o êxtase religioso constitui o mais forte componente de acesso direto ao sagrado. Compreendendo como pertencente ao misticismo um caminho de recusa de qualquer tipo de intermediação entre o crente e o sagrado, o êxtase pode ser considerado como a obtenção de um contato direto com o sagrado no seu mais alto grau.¹⁶³ Deve-se destacar que este tipo de misticismo não faz parte da vida dos intelectuais, pois se trata de uma ação anti-intelectualista na religião. Sobre isso Mendonça escreve o seguinte:

O antiintelectualismo é uma forma de recusa de intermediação com o sagrado representada pelo discurso teológico. Mas o mundo constitui-se noutra forma de obstáculo por causa da biparticipação que introduz o indivíduo; ele não tem poder suficiente para canalizar energias para dois amores, o mundano e o extramundano. Não pode amar dois senhores. Por isso, a indiferença absoluta pelo mundo e pelas

¹⁶¹ FRESTON, P. Protestantes e política no Brasil, p. 66.

¹⁶² TERRA, K. R. C.; MESQUIATI DE OLIVEIRA, D. Êxtase como locus hermenêutico na Experiência Religiosa dos Pentecostalismos, p.68.

¹⁶³ MENDONÇA, A. G. e VELASQUEZ FILHO, P. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p.244.

elucubrações intelectuais indiretas em relação ao sagrado constitui o que poderíamos chamar de tipo puro de misticismo.¹⁶⁴

Diante de tudo que foi exposto até aqui, pode-se dizer que o pentecostalismo foi e continua sendo um grande instrumento de consolidação e propagação de um discurso anti-intelectual dentro do protestantismo brasileiro.

3.3

Educação Cristã Protestante – uma ferramenta poderosa.

Sem dúvida a educação cristã protestante sempre foi uma poderosa ferramenta para consolidação e manutenção de um discurso anti-intelectual dentro das Igrejas protestantes brasileiras. A igreja protestante sempre usou seus métodos pedagógicos para passar sua mensagem.

Quando o assunto é educação cristã dentro da igreja protestante, deve-se destacar a EBD (Escola Bíblica Dominical), principal modelo presente hoje na maioria das comunidades de fé protestantes.

3.3.1

(EBD) - Como tudo começou.

O movimento religioso que deu origem ao que chamamos de escola dominical hoje, começou no ano de 1780, na cidade de Gloucester, no sul da Inglaterra. Antônio Gilberto faz um breve comentário sobre o fundador deste movimento, o jornalista Roberto Raikes:

O fundador foi o jornalista evangélico (episcopal) Roberto Raikes, de 44 anos, redator do “Gloucester Journal”. Raikes foi inspirado a fundar a Escola Dominical ao sentir compaixão pelas crianças de sua cidade, perambulando pelas ruas, entregue à ociosidade, ao abandono e ao vício, sem qualquer orientação espiritual. Ele que já trabalhava entre os detentos das prisões da cidade, pensou no futuro daquelas crianças e decidiu fazer algo em seu favor, a fim de que mais tarde também não fossem parar na cadeia. Procurava as crianças em plena rua e as conduzia ao local de reunião, fazendo-lhes apelos para que todos os domingos estivessem ali reunidas.¹⁶⁵

¹⁶⁴ MENDONÇA, A. G. e VELASQUEZ FILHO, P. Introdução ao Protestantismo no Brasil, p.241.

¹⁶⁵ GILBERTO, A. A escola dominical, p.24

Raikes não trabalhou sozinho. “Outro grande promotor da escola Dominical então incipiente foi o batista londrino Willian Fox, trabalhando harmonicamente com Raikes.”¹⁶⁶

Quanto ao conteúdo, era ministrado as crianças não só o ensino das Escrituras, mas também rudimentos de linguagem, aritmética e instrução moral e cívica. O método usado para ensinar as escrituras era a leitura e recitação. Em seguida deu-se início a prática de comentar os versículos lidos. Algum tempo depois surgiu a revista *Escola Dominical*, com lições seguidas e apropriadas.¹⁶⁷

O início do trabalho foi bastante complicado, “Raikes encontrou resistência ao seu trabalho entre aqueles que ele menos esperava – os líderes das igrejas”.¹⁶⁸ Sofria ataques de alguns opositores que diziam que reuniões de crianças mal comportadas, no templo, era profanação.¹⁶⁹ Raikes foi considerado um inovador e paganizador do domingo e seus feitos foram considerados uma heresia.¹⁷⁰

Raikes não tomava conhecimento disso e seu trabalho tomava vulto. O trabalho começou crescer e Raikes decidiu iniciar um movimento de expansão, criando novas escolas. Isto aconteceu em 3 de novembro de 1783, data que é considerada até hoje o dia natalício da *Escola Dominical*.¹⁷¹

O movimento passou a ser adotado pela Igreja, transformando-se em uma escola bíblica não só para as crianças, mas para todas as idades. A Escola cresceu tanto que em 1784, já contava com 250 mil alunos matriculados. Após o dealbar do Século XIX, muitos outros países adotaram a *Escola Dominical*, sempre com resultados significativos.¹⁷²

A *Escola Dominical* teve seu início aqui no Brasil em 19 de agosto de 1855 na cidade de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro. O fundador foi o missionário Robert Read Kalley e sua esposa Sarah Poulton Kalley.¹⁷³

Deve-se destacar que antes de 1855, houve sim algumas reuniões de *Escola Dominical* no Rio de Janeiro, mas em caráter interno e entre os membros da

¹⁶⁶ GILBERTO, A. A escola dominical, p.24

¹⁶⁷ GILBERTO, A. A escola dominical, p.24

¹⁶⁸ CARVALHO, C. M. Uma pedagogia para a Educação Cristã, p.89.

¹⁶⁹ CARVALHO, C. M. Uma pedagogia para a Educação Cristã, p.25.

¹⁷⁰ JÚNIOR, A. G. Você Acredita em Escola Dominical? p.50.

¹⁷¹ GILBERTO, A. A escola dominical, p.25.

¹⁷² GILBERTO, A. A escola dominical, p.26.

¹⁷³ GILBERTO, A. A escola dominical, p.27.

comunidade americana. O Professor Antônio Gilberto faz um pequeno relato sobre essas primeiras reuniões:

1-Remontando ao passado, as primeiras reuniões de instrução bíblica no Brasil, do ponto de vista evangélico, ocorreram durante a permanência aqui, dos calvinistas que desembarcaram na Guanabara em 1557. Nessa ocasião realizaram o primeiro culto evangélico em terras do continente americano em 10 de março de mesmo ano. 2-segunda fase de tais reuniões deu-se durante o domínio holandês no Nordeste, a partir de 1630, por crentes de igreja reformada Holandesa, quando vários núcleos evangélicos foram estabelecidos naquela região. Na mesma época que foram realizados cultos na Bahia, por ocasião da primeira invasão holandesa.¹⁷⁴

Apesar dessas reuniões primárias, foi em 1985 que a Escola Dominical avançou. Desde então, veio crescendo em todas as denominações. Foi assim que começou a Escola Dominical. O começo de um dos mais poderosos movimentos da história da Igreja Protestante.

3.3.2 Objetivo e Conteúdo da Educação Cristã Protestante

Do ponto de vista moderno, a mais alta função da educação consiste em formar um indivíduo integrado, capaz de lidar com a vida como um todo.¹⁷⁵ Pode-se dizer que a educação é o processo pelo qual a vida se desenvolve, e aperfeiçoa. É um processo interior, mas que se estimula pela ação de elementos exteriores. O resultado deste tipo de educação é a produção de pessoas vigorosas, frutíferas, capazes de aperfeiçoar as normas da vida humana. Para alcançar este resultado, a unidade de ensino não pode ser apenas um tema teórico uma simples matéria ou disciplina, mas muito mais do que isso, precisa ser um aspecto, ou problema da experiência típica do aluno.¹⁷⁶

O professor Carvalho comenta que “a educação está sempre sendo moldada por uma determinada teoria ou concepção de mundo, homem, natureza e realidade”.¹⁷⁷ Diante disso, antes de qualquer tipo de inovação na educação, é preciso conhecer a concepção de mundo e tipo de ser humano que a educação possui e quer formar. Educadores precisam dessa conscientização a respeito do seu

¹⁷⁴ GILBERTO, A. A escola dominical, p.28.

¹⁷⁵ KRISHNAMURTI, Jiddu. O educação e o significado da vida. Krishnamurti Foundation Trust Ltd., 2003.p.21.

¹⁷⁶ BAEZ-CAMARGO, Gonzalo. Princípios e método da educação cristã, p.29.

¹⁷⁷ CARVALHO, César Moisés. Uma pedagogia para a Educação Cristã p.89.

trabalho, para entenderem que o ato de educar o indivíduo para o mundo de hoje possui implicações mais profundas do que ensinar teorias e conceitos prontos.¹⁷⁸ Segundo Carvalho “superar a condição de meros reprodutores dos livros didáticos (mesmo que isso seja feito com uma metodologia eficaz) é um dos maiores avanços que os professores deste país precisam fazer”.¹⁷⁹

Não pode ser diferente com a educação dentro da Igreja. A educação cristã não pode ser vista, exclusivamente, como uma forma de passar às crianças, adolescentes e jovens um corpo de doutrina ou instruí-las na prática de ritos.¹⁸⁰ Este tipo de visão, que já fez parte de um passado, não cabe mais atualmente. Educação cristã hoje não pode ser somente ensinar o indivíduo a colocar em prática ensinamentos do Mestre, é também “situar no centro da experiência, como pivô para sua reinterpretação e reorganização, o Deus revelado em Cristo”.¹⁸¹

Segundo o professor Carvalho a leitura da realidade que a educação se lança é algo fundamental para o alcance de seu propósito principal, que é a humanização com vistas à transformação da realidade.¹⁸² Ele continua argumentando que esta educação “quer tornar o homem mais humanizado e artífice de sua própria história. Isto significa conscientizá-lo de que é sujeito do processo histórico, ou seja, ele influencia e é influenciado”.¹⁸³

Diante disso, é preciso reconhecer a importância das diferentes finalidades da educação cristã, acentuadas em diversas épocas históricas. Por exemplo, “Houve um tempo em que a educação cristã – ou melhor dito, a instrução doutrinária – teve marcado acento dogmático e catequista”.¹⁸⁴ Mas teve sua importância para determinada época. Sobre as finalidades da educação dentro de diferentes épocas, Gonzalo diz:

A princípio, ante os rudes ataques do paganismo, se acentuava o aspecto de controvérsia; mais tarde, pela necessidade de fortalecer a organização “Igreja”, o objetivo foi marcadamente institucional e eclesiástico; com a Reforma o protestantismo acentuou outra vez a fase de controvérsia e doutrinal, exaltando a posição das sagradas Escrituras; posteriormente, a ênfase foi “evangelizante”. Depois podemos notar uma tendência para acentuar o aspecto do serviço social. Atualmente, volta a colocar-se em primeiro lugar a relação pessoal com o Deus vivo

¹⁷⁸ CARVALHO, César Moisés. Uma pedagogia para a Educação Cristã, p.90.

¹⁷⁹ CARVALHO, César Moisés. Uma pedagogia para a Educação Cristã, p.91.

¹⁸⁰ BAEZ-CAMARGO, G. Princípios e método da educação cristã, p.37.

¹⁸¹ BAEZ-CAMARGO, G. Princípios e método da educação cristã, p.38.

¹⁸² CARVALHO, C. M. Uma pedagogia para a Educação Cristã, p.101.

¹⁸³ CARVALHO, C. M. Uma pedagogia para a Educação Cristã, p.102.

¹⁸⁴ BAEZ-CAMARGO, G. Princípios e método da educação cristã, p.50.

revelado em Jesus Cristo, e a experiência vital de sua graça redentora em Cristo Jesus.¹⁸⁵

Não podemos descartar a importância que esses modelos de educação tiveram em suas determinadas épocas, mas a pergunta que deve ser feita é: Será que a Escola Dominical preparou os cristãos para a vida ou simplesmente os colocaram dentro de uma bolha, julgando assim protegê-los? Ainda hoje pode-se observar uma ênfase na memorização de definições dogmáticas e formulações teológicas ortodoxas.

Dentro do protestantismo brasileiro sempre foi de costume vincular a educação cristã a um “curso de Bíblia”, curso este que se resume a simples distribuição de conhecimentos bíblicos com seus respectivos livros de texto auxiliares.¹⁸⁶

Mas no início do movimento no Brasil a Escola Dominical operava de forma independente das igrejas e atendendo crianças carentes alfabetizando e ensinando a Bíblia. O objetivo principal não era o ensino da Bíblia e sim a alfabetização com o propósito de ajudar a reformar a sociedade. Com o avanço das escolas públicas nesse propósito de alfabetização, as igrejas foram abandonando esta ideia e desde então a Bíblia passou a ser o elemento principal da Educação cristã dentro da Igreja protestante.¹⁸⁷

Claro que o ensinamento bíblico é importante e essencial, mas será que só a memorização de histórias bíblicas é o suficiente? Existem na igreja pessoas em crise, jovens com questionamentos existenciais, necessitados de orientação eficaz, mas acabam “encontrando um estudo frio, teórico e superficial de assuntos como a História da Igreja, Catecismo Maior, Os Reis de Israel, etc..., escolhidos e determinados por uma central ou junta religiosa”.¹⁸⁸, que muitas vezes não leva em consideração as perguntas e necessidades do tempo de hoje.

Uma grande questão que deve ser exposta é que o grau de complexidade dos problemas atuais não comportam mais um fazer “pedagógico” do senso comum, restrito a memorização e reprodução manual. É importante o reconhecimento de que a instrução Cristã está calcada numa teologia antiga que foi produzida numa

¹⁸⁵ BAEZ-CAMARGO, G. Princípios e método da educação cristã, p.66.

¹⁸⁶ BAEZ-CAMARGO, G. Princípios e método da educação cristã, p.54.

¹⁸⁷ CUNHA, C. A. M. Hermenêutica pentecostal e Hermenêutica da Libertação, p. 28.

¹⁸⁸ JÚNIOR, A. G. Você acredita em escola dominical. p.26.

época em que não havia a maioria dos questionamentos contemporâneos a ser respondidos.¹⁸⁹

A mudança de sistematizações causa medo. É o velho medo do saber, o medo da ciência e muitos líderes preferem pensar em “imutabilidade teológica”. Só afirmam o que já sabem, como uma receita pronta de bolo e acabam resistindo à necessidade de um aperfeiçoamento e do conhecer um processo educativo que faça sentido para a vida hoje.¹⁹⁰ Claro que não há nenhum mal que a fé seja sistematizada. Tal ato pode até ser considerado uma necessidade, mas é preciso que haja a consciência das “influências filosóficas, sociológicas e culturais nessas sistematizações, e a natureza revisável da tarefa”.¹⁹¹ O problema maior não se encontra na sistematização, mas sim na inflexibilidade de uma possível reconsideração de postulados que podem conter erros ou mesmo estarem desatualizados, não tendo mais a capacidade de comunicar ao homem atual.¹⁹²

Diante disso, deve-se destacar a responsabilidade dos pastores e teólogos hoje: “produzir uma teologia que se mova no horizonte real da experiência”. Precisam fazer mais do que difundir a Fé da Igreja. Precisam assegurar uma atualização na linguagem e proclamação da Igreja.¹⁹³

Este ponto será lembrado mais à frente no capítulo quatro deste trabalho, quando for tratado sobre mudança de paradigma. Mas por hora pode-se dizer que além dessa errada ideia de “imutabilidade teológica” que influencia no conteúdo da Escola Bíblica Dominical, infelizmente quando se trata dos mais jovens, o ensino religioso também tende a ficar restrito no âmbito da moralidade e entretenimento.

Quanto a isto, deve-se considerar que Jesus Cristo, em seus ensinamentos, não era superficial e meramente prescritivo ou restritivo à observância da Lei. Sua educação não tinha como objetivo somente informar, mas também formar o indivíduo e transformar suas vidas. Isto é muito mais do que somente forjar atitudes legalistas irrefletidas.¹⁹⁴ Carvalho diz:

“Conforme vemos em Mateus 7.28,29, o ensinamento de Jesus possuía alguns diferenciais que o tornava abissalmente distinto. Na realidade, analisando mais profundamente, a questão maior é que Jesus era coerente, orientado à realidade e relacional; a sua mensagem foi revelada, pertinente, tinha autoridade e era eficaz; os

¹⁸⁹ CARVALHO, C. M. Uma pedagogia para a Educação Cristã, p.26.

¹⁹⁰ CARVALHO, C. M. Uma pedagogia para a Educação Cristã, p.27.

¹⁹¹ CARVALHO, C. M. Uma pedagogia para a Educação Cristã, p.98.

¹⁹² CARVALHO, C. M. Uma pedagogia para a Educação Cristã, p.98

¹⁹³ CARVALHO, C. M. Uma pedagogia para a Educação Cristã, p.99.

¹⁹⁴ CARVALHO, C. M. Uma pedagogia para a Educação Cristã, p.55.

motivos que o levaram a ensinar não era egoístas, mas fundamentados no amor, na aceitação e na afirmação; sua metodologia, didática ou métodos eram criativos, sem igual cativante e evolucionário”.¹⁹⁵

Resumindo, a educação de Jesus Cristo era reflexiva e crítica. Ele nunca dava respostas prontas e acabadas, ele ajudava as pessoas a descobrir a verdade por si mesmas para que, dessa forma pudessem construir sua cosmovisão.¹⁹⁶

Um grande problema que este modelo de educação, carregado dessas características citadas acima, é que ele esquece que o indivíduo vive dentro de uma sociedade dinâmica, como bem destaca Camargo, uma sociedade “cujas forma de vida, instituições e conceitos correntes influem nele de maneira energética e determinante”.¹⁹⁷

A Educação Cristã precisa estar preocupada com o mundo, sociedade-cultura, conhecimento, ciência, transformação da realidade, etc. Sobre isto Carvalho comenta:

A Escola Dominical não pode, assim como ocorreu com a ciência vislumbrada pelo viés do positivismo, transformar-se em um ente “independente do sujeito”, como se ela pudesse pura e autonomamente existir. Essa visão positivista ilude e faz com que se acredite que a escola Dominical pode existir separada e imune às influências sociais. A Escola Dominical é gerida por pessoas. Mesmo que o material didático seja de boa qualidade, nada mudará se a perspectiva de quem a faz (líderes, superintendentes, professores) for de que ela nada mais é que uma reunião domingueira que, tradicionalmente, acontece aos domingos.¹⁹⁸

Negligenciar a experiência da pessoa, negligenciar as demandas do tempo, foram erros que, infelizmente o processo de educação cristã dentro do protestantismo sempre cometeu. E as consequências não são boas.

3.3.3

Consequências de uma educação Cristã protestante dualista

Um dos grandes erros da educação cristã protestante brasileira foi não levar em conta a experiência das pessoas. O processo de educação dentro da igreja precisa de um ponto de partida. Este ponto de partida geralmente é o livro de texto, os manuais enviados por uma determinada central com tempo determinado para serem passados.¹⁹⁹ Isto é um erro. O que se tem depois disso são pessoas que tiveram

¹⁹⁵ CARVALHO, C. M. Uma pedagogia para a Educação Cristã, p.57.

¹⁹⁶ CARVALHO, C. M. Uma pedagogia para a Educação Cristã, p.57.

¹⁹⁷ BAEZ-CAMARGO, G. Princípios e método da educação cristã, p.84.

¹⁹⁸ CARVALHO, C. M. Uma pedagogia para a Educação Cristã, p.134.

¹⁹⁹ BAEZ-CAMARGO, G. Princípios e método da educação cristã, p.105.

muitas lições e que aprenderam uma diversidade de histórias, mas a maioria deles ficam às margens dos problema e crises fundamentais que estão enfrentando fora do ambiente da comunidade de Fé.

Este modelo de educação que fez e ainda faz parte da história do protestantismo brasileiro está diretamente ligado com a forma com que a Igreja enxerga sua missão e tratando-se de missão da Igreja Protestante esta é extremamente influenciada pelo dualismo.

É preciso que haja a superação do dualismo teológico(sagrado/profano) que a Igreja vive hoje, que segundo Carvalho, restringiu sua missão protestante “à simplesmente ‘ganhar almas’ (e não seres humanos integrais!), esquecendo inclusive de educá-las para se manterem no Caminho”.²⁰⁰

Sobre isto vale citar algumas palavras do professor César Moisés Carvalho que diz que no início da escola dominical, “Raikes não viu as crianças somente como “almas” que precisavam livrar-se do inferno, mas como seres humanos integrais que precisavam de salvação, mas também alimentação, conhecimento, instrução, educação e, sobretudo, a garantia de um futuro melhor”.²⁰¹

Uma atenção especial precisa ser dada a este dualismo mencionado acima. Devido sua influência, a Igreja assumiu de forma nítida esta divisão preocupando-se apenas com a vida religiosa das pessoas restringindo a Fé à esfera religiosa contida estritamente nos limites da adoração e moralidade pessoal.

Com a educação cristã reduzida a uma área especializada de crença religiosa e devoção pessoal as consequências não são boas. As pessoas acabam não tendo uma base sólida de uma cosmovisão cristã e quando, dentro das instituições acadêmicas, entram em contato com o relativismo, o determinismo físico, o subjetivismo epistemológico, vivem uma tremenda crise que muitas vezes pode ocasionar o abandono da fé. Enquanto não houver a superação desse dualismo dentro da igreja, fica muito difícil ajudar as pessoas a formarem uma cosmovisão cristã.

Claro que ao longo do tempo esta definição do que é sagrado e do que é profano tem variado. Certos puritanos afirmaram que usar roupas coloridas era algo profano, e ser santo significava usar roupas escuras.²⁰²

²⁰⁰ CARVALHO, C. M. Uma pedagogia para a Educação Cristã, p.132.

²⁰¹ CARVALHO, C. M. Uma pedagogia para a Educação Cristã, p.134.

²⁰² PEARCEY, N. Verdade absoluta, p.93.

Hoje é possível identificar uma forte demonização ao discurso científico moderno e à cultura. Isto é algo extremamente ruim, visto que a inserção de um estudo intelectual científico e filosófico dentro das comunidades de Fé ajudaria muito os cristãos protestantes a desenvolverem uma boa base de conhecimento e desta forma lidarem melhor com suas grandes crises existenciais.

Nesta época de ceticismo e de dúvida é importante uma educação cristã que ajude o indivíduo a entender “o verdadeiro significado, à luz da revelação divina, da dor, do pecado, das catástrofes naturais, da alma e seu destino, do lugar do homem no universo, das relações da ciência e a religião.”²⁰³

O homem contemporâneo está perguntando se é viável o caminho do cristianismo diante de todas as mazelas da sociedade, diante do avanço da tecnologia, diante do avanço da ciência, diante do avanço da medicina.

É preciso ajudar as pessoas a lidarem com estes difíceis questionamentos. Mas para isso acontecer dentro do movimento protestante será necessário que ele se liberte do cativeiro cultural que encontra-se até os dias de hoje.

Diante de tudo que foi exposto sobre a educação dentro das Igrejas Protestantes, pode-se dizer que o sistema educacional protestante, instalado no Brasil com a ajuda dos primeiros missionários, principalmente pelo casal Kalley, foi uma excelente ferramenta para consolidar no pensamento popular protestante brasileiro toda uma gama de conceitos teológicos e doutrinários do protestantismo norte-americano.

²⁰³ BAEZ-CAMARGO, G. Princípios e método da educação cristã, p.86.

4 Hermenêutica protestante – anticientificismo

É importante destacar que os protestantes possuem um sério problema histórico devido a defesa do livre exame das Escrituras Sagradas. O problema é a situação da hermenêutica. Rubem Alves destaca a seguinte pergunta: “Como resolver o problema da unidade da verdade em contraposição à diversidade de interpretações?”²⁰⁴

Rubem Alves ressalta que a paixão do protestantismo por certezas o levou a criar uma alternativa funcional para resolver o problema: as confissões. As confissões além de estabelecerem uma leitura uniforme do texto, também contêm o sistema de doutrinas que as pessoas pertencentes a determinada denominação seguirão.²⁰⁵

Sobre isso Rubem Alves enfatiza:

Resumindo: o conhecimento, para o protestante, começa com o ato de submissão a um texto de proposições verdadeiras, absoluto, que contém a verdade do tempo e a verdade da eternidade. A fim de preservar o caráter absoluto do conhecimento, acima de toda a dúvida, interdita-se o exercício da consciência interpretativa e da Razão crítica, por meio de uma confissão que se torna o critério final para a leitura do texto sagrado.²⁰⁶

Ao longo do terceiro capítulo foi evidenciado características teológicas das denominações pioneiras responsáveis pela consolidação do pensamento teológico do protestantismo brasileiro. É um bom exercício olhar para as confissões dessas denominações e enxergar o forte apelo a uma leitura fundamentalista da Bíblia, leitura esta que dificulta qualquer tipo de diálogo com a ciência.

4.1 Confissões – Apelo a uma hermenêutica fundamentalista

Na declaração de fé da Igreja Congregacional é possível identificar um forte apelo a uma leitura literalista das Escrituras. O primeiro capítulo da declaração diz

²⁰⁴ ALVES, R. A. Protestantismo e Repressão, p.111.

²⁰⁵ ALVES, R. A. Protestantismo e Repressão, p.111.

²⁰⁶ ALVES, R. A. Protestantismo e Repressão, p.111.

respeito a Bíblia. No primeiro parágrafo é feita uma apresentação da Bíblia como Escritura Sagrada e revelação indispensável:

I - Ainda que a luz da natureza e as obras da criação e da providência manifestem a bondade, a sabedoria e o poder de Deus, de tal modo que os homens ficam indesculpáveis, contudo elas não são suficientes para dar aquele conhecimento de Deus e de sua vontade que é necessário à salvação; portanto, aprouve ao Senhor, em vários momentos e de várias maneiras, revelar-se, e declarar sua vontade à sua Igreja. E depois, para melhor propagar e preservar a verdade, e para o mais seguro estabelecimento e conforto da Igreja contra a corrupção da carne e a malícia de Satanás e do mundo, aprouve-lhe entregá-la para que fosse plenamente escrita. Isso torna Sagrada Escritura totalmente indispensável, tendo agora cessado aquelas antigas formas de Deus revelar sua vontade a seu povo.²⁰⁷

No terceiro parágrafo está escrito o seguinte:

III – Os livros comentados chamados de Apócrifos, não sendo de inspiração divina, não fazem parte do cânon da Escritura; e, portanto, não são de nenhuma autoridade na Igreja de Deus, nem de modo algum podem ser aprovados ou utilizados senão como meros escritos humanos.²⁰⁸

Observando o trecho acima da declaração, fica notório como os livros do cânon protestante são vistos como escritos pelo próprio Deus. Anula-se totalmente a humanidade por trás do texto. Todo o processo civilizatório humano, cultura e história são negligenciados nesse tipo de visão do texto sagrado.

O apelo a uma leitura literalista e simplista da Bíblia fica muito mais evidente no primeiro parágrafo do quarto capítulo, onde a declaração vai tratar sobre o tema da criação. Veja:

I – Cremos e confessamos que aprouve a Deus o Pai, o Filho e o Espírito Santo, para a manifestação da glória de seu eterno poder, sabedoria e bondade, no princípio, criar, ou fazer do nada, o mundo e todas as coisas existentes nele, quer visíveis, quer invisíveis, no espaço de seis dias, e tudo muito bom.²⁰⁹

No trecho acima é evidenciado a crença na criação do mundo em seis dias. Trata-se de uma leitura fundamentalista que dificulta qualquer tipo de diálogo com a ciência moderna.

Na hermenêutica presbiteriana, a mesma visão pode ser constatada quando analisado seus documentos doutrinários. Os Símbolos oficiais de Fé da Igreja Presbiteriana do Brasil são: Confissão de Fé de Westminster, Catecismo Maior de

²⁰⁷CONFISSÃO DE FÉ CONGREGACIONAL. Disponível em: <https://www.aliancacongregacional.com.br/confissao-de-fe.php>. Acesso em 02 de maio de 2021.

²⁰⁸CONFISSÃO DE FÉ CONGREGACIONAL. Disponível em: <https://www.aliancacongregacional.com.br/confissao-de-fe.php>. Acesso em 02 de Maio de 2021.

²⁰⁹CONFISSÃO DE FÉ CONGREGACIONAL. Disponível em: <https://www.aliancacongregacional.com.br/confissao-de-fe.php>. Acesso em 02 de maio de 2021.

Westminster e Breve Catecismo de Westminster. Estes documentos foram produzidos durante a Assembléia de Westminster convocada pelo Parlamento Puritano dentro da História da Reforma Inglesa. Observe o décimo quinto ponto do Catecismo Maior:

15. Que é a obra da criação?

A obra da criação é aquela pela qual Deus, pela palavra de seu poder, fez do nada o mundo, e tudo que nele há, para si no espaço de seis dias, e tudo muito bom.

Gn 1.1; Hb 11.3; Ap 4.11; Rm 11.36.²¹⁰

Percebe-se que a mesma linha hermenêutica fundamentalista é seguida pela Igreja Presbiteriana do Brasil. Agora veja o trecho da Declaração de Fé da Convenção Batista Brasileira:

A Bíblia é a Palavra de Deus em linguagem humana. É o registro da revelação que Deus fez de si mesmo aos homens. Sendo Deus seu verdadeiro autor, foi escrita por homens inspirados e dirigidos pelo Espírito Santo. Tem por finalidade revelar os propósitos de Deus, levar pecadores à salvação, edificar os crentes e promover a glória de Deus. Seu conteúdo é a verdade, sem mescla de erro e por isso é um perfeito tesouro de instrução divina.²¹¹

Neste trecho da declaração Batista, a Bíblia é vista como um livro sem mescla de erros. O grande problema é que não conter erros implica em dizer que todos os fatos narrados devem ser considerados fatos que aconteceram na história, ou seja, qualquer tipo de leitura simbólica é descartada.

No primeiro capítulo do conjunto de doutrinas da Igreja Metodista diz que sua tradição doutrinária se orienta pelo Credo Apostólico, pelos vinte e cinco artigos de religião do Metodismo histórico e pelos sermões de John Wesley e suas notas sobre o Novo Testamento.

É interessante como na Igreja Metodista os sermões de John Wesley possuem um caráter pedagógico doutrinário. Ao realizar a análise de alguns sermões é possível perceber que a linha hermenêutica já citada anteriormente também é preservada no universo Metodista. No sermão intitulado *Pecado Original*, Wesley defende os ensinamentos Bíblicos sobre a natureza pecaminosa do homem se baseando numa leitura literalista do livro de gênese:

2.Nem só os pagãos, homens que eram guiados em suas pesquisas por pouco mais do que a obscura luz da razão, mas igualmente muitos dos que trazem o nome de Cristo, e a quem foram confiados os Oráculos de Deus, falaram tão pomposamente a respeito da natureza do homem, como se este fora toda

²¹⁰ CATECISMO MAIOR DE WESTMINSTER, disponível em: <http://ipb.org.br/uploads/catecismo-maior.pdf>. Acesso em 02 de Maio de 2021.

²¹¹ FERREIRA, E. S. Manual da igreja e do obreiro, p.165.

inocência e perfeição (...). 3. Será para espantar que essas exposições sejam tão prontamente recebidas pela generalidade dos homens? Quem não será facilmente persuadido a pensar favoravelmente de si mesmo? Conseqüentemente, os escritos dessa espécie são os mais universalmente lidos, admirados, aplaudidos. E inumeráveis são os prosélitos que eles têm feito, não somente em meio do mundo leviano, mas também no mundo culto. Assim, está agora bastante fora de moda falar de modo contrário, isto é, dizer alguma coisa em desabono da natureza humana, geralmente tida, à parte umas poucas enfermidades, na conta de muito inocente, sábia e virtuosa! 4. **Mas, enquanto isso, que devemos fazer de nossas Bíblias? Porque elas jamais concordarão com isto! Aquelas páginas, conquanto acariciem a carne e o sangue, são profundamente irreconciliáveis com a narrativa bíblica. As Escrituras asseveram que “pela desobediência de um homem todos os homens foram constituídos pecadores”; que “em Adão todos morreram”, morreram espiritualmente, perderam a vida e a imagem de Deus: que, pecador decaído, Adão então “gerou um filho à sua própria semelhança” — e nem era possível que o gerasse segundo outra qualquer imagem, porque, “quem pode tirar uma coisa pura de uma coisa-impura?” — que, conseqüentemente, nós, como quaisquer outros homens, estamos por natureza “mortos em delitos e pecados”, “sem esperança e sem Deus no mundo”, e, portanto, somos “filhos da ira”; que todo homem pode dizer: “Fui gerado em iniquidade e em pecado minha mãe me concebeu”; que “não há diferença”, visto que “todos pecaram e foram destituídos da glória de Deus”, daquela gloriosa imagem de Deus segundo a qual o homem fora originariamente criado.**²¹²

No universo pentecostal não é diferente. Como exemplo, basta olhar para a Confissão de Fé da Assembleia de Deus, a denominação que mais cresceu no Brasil. Sobre a Bíblia eles afirmam:

Nossa declaração de fé é esta: cremos, professamos e ensinamos que a Bíblia Sagrada é a Palavra de Deus, única revelação escrita de Deus¹ dada pelo Espírito Santo,² escrita para a humanidade e que o Senhor Jesus Cristo chamou as Escrituras Sagradas de a “Palavra de Deus”;³ que os livros da Bíblia foram produzidos sob inspiração divina: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil” (2 Tm 3.16 – ARA). Isso significa que toda a Escritura foi respirada ou soprada por Deus, o que a distingue de qualquer outra literatura, manifestando, assim, o seu caráter sui generis. As Escrituras Sagradas são de origem divina; seus autores humanos falaram e escreveram por inspiração verbal e plenária do Espírito Santo: “Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo” (2 Pe 1.21). Deus soprou nos escritores sagrados, os quais viveram numa região e numa época da história e cuja cultura influenciou na composição do texto. Esses homens não foram usados automaticamente; eles foram instrumentos usados por Deus, cada um com sua própria personalidade e talento. A inspiração da Bíblia é especial e única, não existindo um livro mais inspirado e outro menos inspirado, tendo todos o mesmo grau de inspiração e autoridade. A Bíblia é nossa única regra de fé e prática,⁴ a inerrante, completa e infalível Palavra de Deus: “A lei do SENHOR é perfeita” (Sl

²¹² WESLEY, J. Pecado original. Sermão disponível em <https://www.metodista.org.br/sermoes-de-john-wesley-disponiveis-para-download>. Acesso em 20 de maio de 2021.

19.7). É a Palavra de Deus, que não pode ser anulada: “e a Escritura não pode falhar” (Jo 10.35 – ARA).²¹³

Analisando todos esses documentos doutrinários é possível perceber como a doutrina da inspiração verbal e plenária da Bíblia é forte nas primeiras denominações protestantes. E a grande questão é que para os protestantes a Bíblia não só é inspirada; é também, por causa de sua inspiração, inerrante. A lógica é que se Deus soprou nos escritores sagrados, como lido na declaração acima, tudo que vem de Deus é isento de erros.

Um trecho de um livro bastante conhecido e difundido no meio protestante escrito por Norman Geisler e William Nix, dois importantes teólogos pentecostais nos ajudam a entender essa lógica protestante:

Nada do que a Bíblia ensina contém erro, visto que a inerrância é consequência lógica da inspiração divina. Deus não pode mentir (Hb 6.18); sua Palavra é a verdade (Jo 17.17). Por isso, seja qual for o assunto sobre o qual a Bíblia diga alguma coisa, ela só dirá a verdade. Não existem erros históricos e nem científicos nos ensinamentos das escrituras. Tudo quanto a Bíblia ensina vem de Deus e, por isso, não tem mácula do erro.²¹⁴

Algumas características dessa maneira fundamentalista de enxergar o texto bíblico precisam ser ressaltadas. A doutrina da inspiração verbal e plena da Bíblia leva a uma hermenêutica que exclui elementos que quando não levados em consideração, o que se tem é uma fé cada vez mais afastada do conhecimento humano.

4.1.1 Anulação do tempo e da história

A doutrina da inspiração verbal da Bíblia anula totalmente o fator tempo. O texto é atemporal, pois sua fonte é a própria eternidade, tornando-se assim verdade absoluta e imutável. Para o protestante fundamentalista, o texto passa por cima de qualquer tempo. O que está escrito veio diretamente de Deus e por isso pode e deve ser considerado apropriado à aplicação direta do texto para todos os seres humanos, de qualquer povo e vivendo em qualquer época.

²¹³DECLARAÇÃO DE FÉ DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS, p.15. Disponível em: <https://assembleia.org.br/wp-content/uploads/2017/07/declaracao-de-fe-das-assembleias-de-deus.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2021.

²¹⁴ GEISLER, N.; NIX, W. Introdução bíblica, p.24.

A história também é totalmente anulada. A Bíblia acaba sendo vista como um texto único, como se fosse um livro mágico que caiu do céu. Todo o processo civilizatório humano por trás de suas páginas é descartado. E com todo o processo histórico automaticamente também se anula a cultura. Não se enxerga a pluralidade cultural no texto. É totalmente negligenciada a conexão entre o texto e o humano situado em um tempo e espaço.

Aquele que ousa, a fim de uma fé mais racional, apontar para as diferentes tradições dentro do texto, para as diferentes linguagens, para as diferentes teologias, para as diferenças culturais ou para qualquer outro elemento que evidencie a natureza humana do texto bíblico, é visto como alguém que está atacando a doutrina da Inspiração verbal e plena da Bíblia, ou seja, alguém que não possui Fé, um herege.²¹⁵

4.1.2 Anulação das dúvidas

Paul Tilich identifica a importância dos dogmas e doutrinas, pois os mesmos podem também ser vistos como expressões profundas da verdadeira vida da Igreja, porém o teólogo chama a atenção para uma interpretação errada dos mesmos de tal modo que venham significar poderes de repressão que produzem desonestidade e fuga.²¹⁶

É exatamente desse jeito que as confissões protestantes se comportam. Ao defenderem a doutrina da inspiração verbal e plena, existe uma fuga dos grandes questionamentos da alma humana. Não existe espaço para a dúvida. Dúvida torna-se sinônimo de falta de Fé.

Tilich afirma que a dúvida não deveria ser vista como elemento de oposição à Fé, mas sim como um elemento da própria Fé.²¹⁷ Rubem Alves compartilha da mesma linha de pensamento. Para ele “Fé e dúvida se pertencem. A dúvida é uma das dimensões da fé, exatamente porque existe um abismo intransponível entre a intensidade da paixão subjetiva e a incerteza permanente da experiência objetiva”.²¹⁸

²¹⁵ ALVES, R. A. Protestantismo e Repressão, p.105.

²¹⁶ Tilich, P. História do Pensamento Cristão, p.23.

²¹⁷ Tilich, P. História do Pensamento Cristão, p.23

²¹⁸ ALVES, R. A. Protestantismo e Repressão, p.87.

A dúvida sempre abrirá espaço para a verdade do outro, para o diálogo, para o enriquecimento mútuo, para a troca com as ciências. Infelizmente no universo protestante é preferível o conhecimento absoluto. Conhecimento este que se propõe a ter todas as respostas, mesmo que isso signifique colocar Deus com toda sua grandiosidade dentro de uma caixinha doutrinária. O resultado desse conhecimento absoluto e das certezas frias é o autoritarismo que por sua vez gera a repressão, a alienação e a morte.

Como muito bem expressa Rubem Alves:

O conhecimento assim conquistado se transforma num ídolo. Ídolos são produtos da criatividade humana que se tornam, posteriormente, senhores do homem que os criou. A linguagem sociológica dá o nome de reificação e alienação a este processo. O homem produz. Seu produto se torna autônomo. E o homem se submete ao seu produto como se fora uma entidade independente e superior a ele. O produto assume a função de um deus, de um absoluto. A busca do conhecimento absoluto, impulsionada pela obsessão da certeza, tende, inevitavelmente, à produção de ídolos.²¹⁹

4.1.3 Anulação dos símbolos

Como já visto com a anulação da cultura, anula-se também a linguagem proveniente dessa mesma cultura. A linguagem que povos antigos tinham para acessar e tentar explicar de alguma forma elementos da realidade, não são levados em consideração. Não existe espaço para uma linguagem simbólica e mítica.

O grande problema das confissões é olhar para a Bíblia e enxergá-la como um livro de ciência.

Um grande exemplo do que foi dito no parágrafo anterior e já destacado em tópicos anteriores, é a narrativa da criação de Gênesis. Sob a ótica fundamentalista de leitura bíblica, sugerida pelas confissões, o livro de Gênesis está realmente descrevendo um fato histórico e se propondo a explicar como o mundo surgiu. Toda a possível simbologia do livro é negligenciada.

Provavelmente o autor de Gênesis, cercado por outros povos e dispondo de uma linguagem limitada em que pudesse de alguma forma acessar sua realidade, escreve tentando ressaltar princípios importantes de sua crença em Deus.

Olhar para a narrativa da criação como se Gênesis fosse um livro científico, faz o indivíduo cair no erro de que o texto tem como objetivo direto explicar

²¹⁹ ALVES, R. A. Protestantismo e Repressão, p.92.

detalhes de como o mundo surgiu. Definitivamente a ênfase do livro de Gênesis não é explicar o “como” e sim o “de onde”. O que deveria ser evidenciado na narrativa da criação é o princípio de que tudo vem de Deus. Isto realmente não é negociável.

Rubem Alves destaca muito bem que o protestantismo comete o erro de fazer uma verdade espiritual depender de uma verdade histórica do texto. Isto faz com que os mitos e símbolos sejam vistos como elementos negativos para Fé, não havendo lugar para eles nas escrituras.²²⁰

Mais uma vez Norman Geisler e William Nix, defensores da Inspiração verbal e plena da Bíblia ajudam a entender esta ótica fundamentalista protestante:

Grande parte da Bíblia apresenta-se como história. Bastam as tediosas genealogias para atestar essa realidade. (...) se a Bíblia não fosse inerrante e não estivesse certa nas questões factuais, empíricas, comprováveis, de que maneira seria possível confiar nela em questões espirituais, não sujeitas a testes? Como disse Jesus a Nicodemos: “Se vos falei de coisas terrestres, e não crestes, como creereis, se vos falar das celestiais?” (Jo3.12).²²¹

A consequência de não enxergar em alguns textos toda uma linguagem simbólica faz com que a Fé protestante afaste-se ainda mais das ciências modernas. Para o protestante, a ciência só é válida se estiver em perfeita harmonia com a leitura literalista do texto, conforme sugerido pela confissão. Cria-se uma ciência boa e uma ciência má, uma verdadeira e uma falsa.²²²

4.2 Rejeição do método histórico-crítico

Observando os elementos que são anulados pela sugestão de leitura bíblica pelas confissões, conclui-se que o método exegético conhecido como Histórico-crítico é totalmente rejeitado. O método Histórico Crítico (MHC) é conhecido por ser um método exegético extremamente questionador. Essa característica pode ser explicada pela influência do Iluminismo na crítica bíblica. Para o Iluminismo, verdadeiro era o que poderia ser explicado racionalmente. O MHC, influenciado pelo Iluminismo, torna-se assim um método profundamente racional.²²³

É preciso dizer que o MHC quando levado ao extremo pode gerar a não admissão de revelações divinas únicas. Pode-se dizer que elevar à condição de não

²²⁰ ALVES, R. A. Protestantismo e Repressão, p.103.

²²¹ GEISLER, N.; NIX, W. Introdução bíblica, p.24.

²²² ALVES, R. A. Protestantismo e Repressão, p.121.

²²³ WEGNER, U. Exegese do Novo Testamento, p.30.

fatual o que não cabe nos limites de nossas experiências é fazer um uso indevido da Razão.²²⁴ Ao longo dos anos, críticas, como exemplo, as que diziam que o método cultivava uma academicidade alheia à vida e que gerava uma certa arrogância em seus adeptos, foram moldando e o lapidando o MHC de seu radicalismo.

Pode-se entender essa visão equilibrada do MHC nas palavras de Uwe Wegner:

A crítica histórica ajuda-nos a entender melhor a Bíblia como livro de expressão de fé, oportunizando uma diferenciação sadia entre o que se pode ser considerado como histórico-fatual e aquilo que, revestido de forma histórica, procura dar testemunho de verdade cridas e vividas no discipulado. Pode-se duvidar, p. ex., do mundo ter sido criado – de fato – em seis dias, como nos relata a história da criação. Mas significa isso que aquilo que seus autores quiseram expressar com esse revestimento histórico não é verdade de fé? Devemos colocar a ênfase no número de dias ou no fato da Escritura afirmar ter sido Deus o responsável pela criação? O método histórico-crítico, portanto, não defende um puro historicismo nem objetiva unicamente o exame da veracidade fatual das narrativas dos textos. A crítica procura ir às origens históricas do texto, mas não se esgota nessa verificação. “Crítica” significa, aqui, fazer uso de um juízo sadio que busca realmente as raízes dos textos, seja como eventos históricos que, de fato, ocorreram, seja como expressão de crenças e esperanças que cabia proclamar.²²⁵

No Século XX, A Igreja Católica, com a ajuda do pontificado de Pio XII e principalmente através do Concílio do Vaticano II, assumiu o método histórico-crítico e conseguiu estabelecer laços com o mundo moderno. Com isso a Igreja Católica consolidou um importante diálogo com as ciências. Sobre isso o professor Luis Corrêa comenta:

No Concílio Vaticano II (1962-1965), houve um grande encontro da Igreja com o mundo moderno, permitindo a resolução de vários problemas e a superação de muito mal-estar. A Igreja Católica, após séculos de relutância, aceitou a liberdade de consciência e a liberdade religiosa, bem com a ‘autonomia das realidades temporais’, que incluem a separação entre Igreja e Estado, e a autonomia da ciência.²²⁶

O Concílio Vaticano II conseguiu fazer com que a Igreja Católica evitasse os extremos de uma leitura ingênua e fundamentalista e a leitura seca vinda da teologia liberal. Com uma visão equilibrada do método-histórico crítico, o papel do Espírito na leitura do texto bíblico e a importância da atualização do texto para a vida da Igreja não foi desconsiderada.²²⁷

É importante lembrar que o fundamentalismo protestante, enquanto movimento histórico, lutou contra o método histórico-crítico. Um sistema religioso

²²⁴ WEGNER, U. Exegese do Novo Testamento, p.32.

²²⁵ WEGNER, U. Exegese do Novo Testamento, p.35.

²²⁶ LIMA, L. C. Bíblia e Ciência, p. 8.

²²⁷ CUNHA, C. A. M. Hermenêutica pentecostal e Hermenêutica da Libertação, p.22.

que se diz ter um conhecimento absoluto jamais enxergaria com bons olhos uma abordagem exegética tão questionadora como era o MHC. Infelizmente esta herança é vista até os dias atuais de maneira bem forte dentro do protestantismo brasileiro. O MHC ainda é condenado. E é preferível uma abordagem fundamentalista do texto.

Diante disso, o universo protestante continua com uma ruptura forte com a ciência. O resultado é uma Igreja que parece não enxergar as transformações do mundo, uma Igreja fechada para si mesma e que não consegue desenvolver bem sua missão diante das demandas do tempo presente.

Deve-se destacar que o Cristão não deveria pressupor a morte da Razão. O que o Cristão pressupõe é que a Razão por si só é insuficiente.²²⁸ Mas infelizmente na prática não é dessa forma que acontece. O protestantismo, através de suas confissões, perpetua uma separação entre a Fé e a razão devido uma leitura fundamentalista da Bíblia.

4.3

Considerações importantes entre Fé e Ciência

Poder-se-ia apontar inúmeros assuntos que enriqueceriam intelectualmente o currículo educacional cristão protestante e tornaria mais relevante o agir da Igreja protestante dentro da sociedade. Literatura, filosofia, a relação evangelho e cultura e até mesmo um aprofundamento teológico. A lista é grande. Mas diante dos eventos pós-modernos e suas demandas, pode-se dizer que o diálogo entre fé e ciência é essencial para esse processo.

A ciência da maneira como se entende hoje, causa um certo medo no protestantismo. Como visto, a maneira como o protestante enxerga o texto bíblico, como o protestantismo construiu o seu conceito de verdade, choca-se com a estrutura lógica e com a metodologia da ciência moderna.

Compreender os territórios da ciência e da religião é essencial para a construção de uma boa e sólida cosmovisão cristã. Essa é uma discussão importante que precisa entrar nas igrejas protestantes.

Ao olhar para a modernidade é possível identificar uma guerra entre Fé e razão e ganho de causa para a razão. Como escreve Rubio, “no mundo moderno, a

²²⁸ MADUREIRA, J. Inteligência Humilhada, p.63.

medida em que se alarga o horizonte intelectual do homem, verifica-se progressiva perda da função da religião”.²²⁹ Deus e religião foram silenciados. Pode-se dizer que hoje os ecos desse conflito são menores, como visto no tópico anterior, mas ainda são ouvidos e propagados.²³⁰ Existe uma crença generalizada de que ciência e fé cristã ocupam territórios distintos. Por isso é comum ouvir afirmações dizendo que ciência tem a ver com o mundo material e cristianismo com o mundo espiritual.²³¹

A igreja protestante deveria ensinar seus membros a desenvolverem uma análise crítica dessa relação de guerra entre fé e ciência que ainda é difundida nos dias de hoje. Nem sempre foi assim e que muitos se surpreendem ao saber que é recente este estereótipo de guerra, já que hoje faz parte da cultura do povo.

Por cerca de trezentos anos após a revolução científica, o cristianismo era julgado como compatível com a ciência. Muitos cientistas eram cristãos. As complexidades da natureza reveladas pela ciência não eram vistas como desafios à crença em Deus, mas sim como confirmação da sua sabedoria e desígnio. Como bem destaca a professora Pearcey “muitos estudiosos como Copérnico, Kepler, Newton, Boyle, Galileu, Harvey, Ray sentiam-se chamados para usar seus talentos científicos em louvor a Deus e a serviço da humanidade”.²³²

Segundo Pearcey, hoje muitas pessoas “mantêm uma imagem idealizada da ciência, como uma investigação empírica imparcial e equânime que se aplica estritamente a evidências”.²³³ Esta é a definição oficial encontrada nos livros didáticos. Mas o problema é que na prática ciência é agregada no campo dos naturalistas filosóficos. O naturalismo metodológico é o princípio central da ciência moderna. Ele procura explicar o universo em termos de mecanismos naturais observados ou analisáveis.²³⁴

Diante desse materialismo filosófico instalado em grande parte da cultura ocidental moderna, é importante discernir como reafirmar e recolocar uma cosmovisão cristã em seu devido lugar na cabeça dos protestantes.²³⁵

²²⁹ RUBIO, A. G. Unidade na pluralidade, p.34.

²³⁰ ZILLES, U. Filosofia da religião, p.45.

²³¹ HUMPHREYS, C. Verdadeiros cientistas, Fé verdadeira, p.70.

²³² PEARCEY, N. Verdade Absoluta, p.174.

²³³ PEARCEY, N. Verdade Absoluta, p.189.

²³⁴ PEARCEY, N. Verdade Absoluta, p.189.

²³⁵ WRIGHT, N. T. Surpreendido pelas escrituras, p.28.

É preciso fazer com que o cristão entenda que o verdadeiro conflito não deveria ser entre fé e ciência mas sim entre uma visão de mundo que separa as duas (tanto do lado da religião quanto do lado da academia) e uma que as une. Vale dizer que o tempo pós-moderno favorece para este tipo de relação.

Alguns pontos que muitas das vezes são negligenciados e até omitidos serão expostos a seguir com a finalidade de ajudar neste processo de resgate de uma relação saudável entre fé e ciência no meio protestante.

4.3.1 “Ciência” e “Religião” ontem e hoje.

O Professor Peter Harrison em seu livro *Territórios da ciência e da religião* destaca que antes de tudo é importante saber que “ciência” e “religião” como entendidos hoje são conceitos recentes. Saber o que esses termos significam no passado e o que significam hoje é importante para o esclarecimento sobre a relação contemporânea dessas duas esferas.²³⁶

Nas palavras do professor Ronald L. Numbers “ciência e religião não significavam o mesmo que significam hoje. A diferença é particularmente gritante com relação à ciência. Não havia a figura do cientista – a palavra não existia até o século 19”.²³⁷

Harrison olha para o passado e demonstra como o significado de religião e ciência mudaram da época de Tomás de Aquino para cá. Tomás de Aquino investiga a natureza da religião na seção da sua monumental *Suma Teológica*, que é dedicada a uma discussão das virtudes da justiça e da prudência.

O professor argumenta que para Tomás, religião (*religio*) é uma virtude, ou seja, *religio* refere-se aos atos interiores de devoção e oração. Tomás reconhece que comportamentos exteriores como voto, dízimos, ofertas e outros se associam a *religio* mas os considera secundários. Pode-se dizer que entre a época de Tomás e a atual, *religio* transformou-se de virtude humana para algo mais genérico. Nas palavras de Harrison “tornou-se o modo mais comum de caracterizar atitudes, crenças e práticas ligadas ao sagrado ou sobrenatural”.²³⁸

²³⁶ HARRISON, P. Os territórios da ciência e da religião, p.19.

²³⁷ NUMBERS, R. L. Terra Plana, Galileu na Prisão e outros mitos sobre ciência e religião, p. 130.

²³⁸ HARRISON, P. Os territórios da ciência e da religião, p.23.

O professor ainda destaca que antes do século XVII, a palavra “religião” era usada com infreqüência e os equivalentes do termo são praticamente inexistentes nos documentos das religiões ocidentais - a Bíblia hebraica, o novo testamento e o Alcorão. No ocidente pré-moderno o termo “religião” não se referia ao conjunto de crenças e práticas, mas sim a algo como piedade interior, como no caso de Tomás de Aquino, ou “culto”.²³⁹

Harrison ressalta que a expressão “religião verdadeira” encontrada nos escritos dos pais da igreja estavam vinculadas a discussões não de religião verdadeira ou falsas, não estavam vinculadas a crenças, como entende-se hoje, mas sim a culto. Estas expressões estavam vinculadas com a questão da direção correta ou não do culto. Tertuliano foi o primeiro a usar a expressão “religião verdadeira”, mas ao fazer isso ele se referia a um Deus real e não fictício.²⁴⁰

Outro exemplo foi Jerônimo, sobre isto Harrison escreve:

A opção de Jerônimo por *religio* em sua tradução do grego relativamente incomum, *thrēskeia*, em Tiago 1.27, igualmente associa a palavra com culto e adoração. Na versão Almeida 21, o versículo é assim traduzido: “A religião [*thrēskeia*] pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo”. O sentido dessa passagem é que a “religião” dos cristãos é um modo de culto que consiste em atos de caridade, mais do que de rituais. No caso, o contraste se dá entre religião que é vã [*vana*] e aquela que é “pura e imaculada” [*religio munda et immaculata*].²⁴¹

Esse entendimento de religião como disposição interior persistiu até a renascença. A partir do século XVI é possível testemunhar o começo da transformação desse entendimento. O que antes era um ato interior transformou-se numa entidade sistemática e genérica.

O aparecimento dessa nova concepção é considerado por Harrison como pré-condição para relação atual entre fé (religião) e ciência.²⁴²

Sobre a ciência o racionalismo moderno fez com que a palavra “ciência” passasse a significar conhecimento exato e dados absolutamente confiáveis.²⁴³ A ciência hoje é entendida como “uma atividade secular no sentido em que sua força

²³⁹ HARRISON, P. Os territórios da ciência e da religião, p.23.

²⁴⁰ HARRISON, P. Os territórios da ciência e da religião, p.24.

²⁴¹ HARRISON, P. Os territórios da ciência e da religião, p.24.

²⁴² HARRISON, P. Os territórios da ciência e da religião, p.25.

²⁴³ BOSCH, D. J. Missão Transformadora, p.420.

reside em não recorrer a causas externas (como atividade divina)”.²⁴⁴ Mas assim como acontece com “religião”, esta compreensão é recente.

Retornando a Tomás de Aquino, tanto *religio* quanto ciência (*scientia*) eram, em primeiro lugar, atributos pessoais. Portanto a ciência não estava exclusivamente interessada em considerações racionais e especulativas.²⁴⁵ Influenciado por Aristóteles, Tomás de Aquino identificava três virtudes intelectuais que para ele aperfeiçoava as potências intelectuais: entendimento (*intellectus*), ciência (*scientia*) e sabedoria (*sapientia*). Harrison esclarece o significado dessas três virtudes:

Em resumo, entendimento dizia respeito à apreensão dos primeiros princípios; ciência, à derivação de verdades a partir desses primeiros princípios; e sabedoria, à apreensão das causas superiores, incluindo a causa primeira, Deus. Progredir na ciência, então, não se tratava de acrescentar a um conjunto de conhecimento sistemático acerca do mundo, mas sim tornar-se mais competente em tirar conclusões “científicas” a partir de premissas gerais.²⁴⁶

Diante disso Harrison argumenta que na Idade média tanto a noção de religião quanto de ciência possuem uma dimensão interior significativa, mas este equilíbrio entre interior e exterior passa a cair sobre o último no início do período moderno. Ele continua dizendo que no transcorrer dos séculos 16 e 17 a ideia de religião e ciência como virtudes passa a ser ofuscada pelas entidades modernas de “ciência” e “religião”.²⁴⁷

A esta altura já está claro que o que se entende por ciência hoje é bastante diferente do passado, logo este conceito de ciência fechada em si mesma vem acompanhado de um certo esquecimento histórico.

Trabalhar em cima dessas questões ajuda na dissipação de mitos que estão na base de toda essa relação desarmoniosa entre fé(religião) e ciência. Outro ponto que deve ser esclarecido é a origem da ciência.

4.3.2

A “origem” fantasiosa da ciência

Outro ponto importante que muitas vezes é usado por aqueles que fomentam uma relação de atrito entre fé e ciência é a origem da ciência.

²⁴⁴ WHITE, B. Verdadeiros cientistas, Fé verdadeira, p.244.

²⁴⁵ HARRISON, P. Os territórios da ciência e da religião, p.26.

²⁴⁶ HARRISON, P. Os territórios da ciência e da religião, p.28.

²⁴⁷ HARRISON, P. Os territórios da ciência e da religião, p.30.

Segundo um entendimento muito comum, a história da ciência é dada em três estágios distintos. Primeiramente, é comum ouvir que a ciência teve sua origem na antiguidade grega, quando filósofos no lugar de usar os mitos dos seus antepassados começam a buscar explicações racionais para os fenômenos naturais.

Normalmente é Tales (m. 546 a.C.) quem recebe a honra de ter fundado a ciência ocidental. Num segundo estágio a Ciência entra em declínio com o advento do Cristianismo na Idade Média e por último ela emergi em triunfo com a revolução científica do século XII.²⁴⁸ O professor Ronald L. Numbers, diz que é um grande mito esta ideia de que a Revolução científica liberta a ciência das garras da religião.²⁴⁹

Uma das características dessa visão da ciência e sua história é que desde sua gênese, a ciência é colocada em relação particular com a religião. Nessas narrativas a ciência é distinguida pela capacidade de propor explicações mais racionais do cosmo do que as propostas pela religião.²⁵⁰ Embora essa narrativa deixe muita gente em paz é preciso esclarecer que a realidade é bem diferente.

Harrison argumenta que somente em se concentrar no papel atribuído a ciência grega, já pode-se dizer que esta suposta incompatibilidade com a religião e rejeição do mito entra em colapso, quando submetido a uma análise mais minuciosa. O professor continua dizendo que dificilmente passa despercebido as referências a deuses e princípios divinos nos fragmentos ainda existentes dos filósofos pré-socráticos²⁵¹ Harrison continua seus argumentos:

Tales, o suposto progenitor da ciência, declarou que “todas as coisas estão cheias de deuses” e, ao descobrir seu famoso teorema, teria sacrificado um touro. Não se tratam de ações de um naturalista científico intransigente. Anaxágoras (n.c 500 a.C), assim como Tales, é com frequência retratado como se exemplificasse um naturalismo científico essencialmente incompatível com um entendimento teológico do cosmo. Essa caracterização ganha alguma credibilidade a partir da alegação de que Anaxágoras fora banido de Atenas por causa das suas afirmações céticas segundo as quais o sol era apenas uma massa de metal fundido, que a lua era constituída de substância telúrica e que as estrelas eram puramente pedras flamejantes. No entanto, foi o mesmo Anaxágoras que defendeu que o universo inteiro era controlado por um princípio causal divino (*nous* – mente ou intelecto), um ponto de vista que veio a influenciar, de diversas maneiras Platão, Aristóteles, os estoicos e os neoplatonistas, e que passou a sustentar boa parte da subsequente crença grega antiga na racionalidade inerente do mundo natural. De fato, de vários modos outros filósofos pré-socráticos tinham postulado princípios semelhantes – o Apeiron

²⁴⁸ HARRISON, P. Os territórios da ciência e da religião, p.38.

²⁴⁹ NUMBERS, R. L. Terra Plana, Galileu na Prisão e outros mitos sobre ciência e religião, p. 130.

²⁵⁰ HARRISON, P. Os territórios da ciência e da religião, p.39.

²⁵¹ HARRISON, P. Os territórios da ciência e da religião, p.40.

de Anaximandro, o Logos de Heráclito, o “Deus Uno” de Xenófanos – que implicam um cosmo ordenado, mas divinamente animado.²⁵²

Olhando para um passado mais recente, o professor Ronald L. Numbers afirma que filósofos naturais do século XVII não agiam como os cientistas contemporâneos. Suas explorações do mundo natural não eram desvinculadas de visões religiosas e teológicas. Filosofia natural e teologia eram inseparáveis para muitos dos filósofos naturais do século XVII.²⁵³ Uma história que negligencia isso significa não conseguir entender que a perspectiva religiosa permeava todas as áreas da vida à época. Diante disso é um erro, então, pensar nos mitos como se fossem incompatíveis com as explicações racionais, pois além de serem considerados compatíveis também eram vistos como veículos importantes para a transmissão de verdades filosóficas.²⁵⁴

4.3.3 Ciência como dádiva de Deus

Diante de tudo que foi exposto é cabível afirmar que a ciência não precisa ser vista como inimiga da fé cristã e muito menos temida pelos cristãos. A inteligência humana é uma dádiva de Deus e esta ideia precisa estar cada vez mais presente dentro de nossas comunidades de fé.

Não se pode negar que a ciência é responsável por toda transformação moderna do mundo e se encontra na base de todo avanço de determinadas áreas que contribuem para uma melhor qualidade de vida do ser humano, como por exemplo a medicina. Para Afonso Garcia Rubio a Teologia não precisa diminuir a importância da ciência para o homem. Mas deve lembrar que quando a racionalidade científica é absolutizada acaba desumanizando o homem.²⁵⁵ Claro que seria uma ingenuidade considerar superada a guerra entre ciência e fé cristã, mas deve-se reconhecer maior respeito mútuo entre defensores de uma e de outra.²⁵⁶

O professor Donald M. Mackay afirma que esse conflito merece morrer, já que não tem nada a ver com ciência e cristianismo, mas sim com visões distorcidas de cada um deles.²⁵⁷

²⁵² HARRISON, P. Os territórios da ciência e da religião, p.41.

²⁵³ NUMBERS, R. L. Terra Plana, Galileu na Prisão e outros mitos sobre ciência e religião, p. 137.

²⁵⁴ HARRISON, P. Os territórios da ciência e da religião, p.41.

²⁵⁵ RUBIO, A. G. Unidade na Pluralidade, p.364.

²⁵⁶ RUBIO, A. G. Unidade na Pluralidade, p.364.

²⁵⁷ MACKAY, D. M. Verdadeiros cientistas, Fé verdadeira, p.323.

O professor ainda afirma alguns pontos na história dizendo que há três séculos, fundadores da sociedade Real não viam incoerência na dedicação dos trabalhos científicos à glória de Deus. Há dois séculos a novas descobertas científicas eram vinculadas a argumentos em favor do design e apoiavam a fé cristã. Um século passa e a atmosfera de conflito entre ciência e fé se espalhava e hoje os ecos do conflito da modernidade estão sendo abafados.²⁵⁸

A igreja protestante precisa estar atenta a isto e compreender que “o verdadeiro espírito científico expressa algo que não é apenas um ingrediente possível, mas necessário à fé cristã total”.²⁵⁹

O cristão a fim de formar uma cosmogonia séria e genuinamente cristã precisa aprender o verdadeiro significado de Colossenses 1.16. O versículo diz: “Porque nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis: Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades, tudo foi criado por ele e para ele”.²⁶⁰

Logo não é interessante um modelo territorial para a fé. Ciência e Cristianismo devem ser tratados como esferas que referem-se ao mesmo território: O universo e tudo que nele há.²⁶¹

4.4

Ondas de um protestantismo intelectual

Até aqui foi possível observar que nos primeiros anos do protestantismo no Brasil, de uma forma geral, o que aconteceu foi a transposição de uma teologia estrangeira para os solos brasileiros. Uma teologia que não partiu da experiência do povo Brasileiro, uma teologia que não enxergou a cultura do povo brasileiro.

O protestantismo de missão nunca se preocupou com questões sociais. Seu objetivo sempre foi de ganhar almas. A integralidade do ser humano era negligenciada. Não havia interesse no envolvimento com uma transformação social. E não havia interesse em dialogar com as ciências.

Mas é importante para este trabalho destacar que o protestantismo com seu crescimento plural e heterogêneo, apresentou ondas de teólogos e pastores que se

²⁵⁸ MACKAY, D. M. Verdadeiros cientistas, Fé verdadeira, p.325.

²⁵⁹ MACKAY, D. M. Verdadeiros cientistas, Fé verdadeira, p.323.

²⁶⁰ DE JERUSALÉM, Bíblia. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.p.2054.

²⁶¹ HUMPHREYS, C. Verdadeiros cientistas, Fé verdadeira, p.71.

preocupavam com as ciências, com o diálogo com a cultura e com as demandas sociais do seu tempo.

4.4.1 Os pioneiros – “Os Liberais”

O primeiro modelo de protestante intelectual acontece dentro do conservadorismo. E a figura mais marcante desse protestantismo intelectual conservador foi o Pastor Eduardo Carlos Pereira.

Nascido em Minas, em 1885, Eduardo Carlos Pereira conheceu o protestantismo durante o término de seus estudos em um colégio suíço em campinas. Anos depois, este colégio foi transferido para São Paulo, e Eduardo Carlos Pereira tornou-se um dos professores. Foi assim que ele iniciou sua carreira de Magistério.²⁶²

Conquistado e orientado pelo missionário presbiteriano de São Paulo, Reverendo Chamberlain, Eduardo Carlos Pereira tornou-se Pastor presbiteriano no ano de 1881. Sua vida dentro da academia e ao mesmo tempo dentro da Igreja o fez ser bastante conhecido dentro do meio protestante, mas também fora dele.²⁶³

Seus trabalhos acadêmicos e suas obras conceituadas como a *Gramática Expositiva e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, fizeram com que Eduardo Carlos Pereira fosse conhecido por acadêmicos, professores e escritores.²⁶⁴

Uma das características mais fortes do Pastor Eduardo Carlos Pereira era seu espírito nacionalista. Um dos grandes marcos de sua carreira ministerial foi romper com os missionários norte-americanos. Em 1903, Eduardo Carlos Pereira, liderou um grupo de pastores e presbíteros num movimento que rompeu com a Igreja Presbiteriana do Brasil, justamente por buscar independência administrativa em relação aos norte-americanos. Surgiu ali a Igreja Presbiteriana Independente (IPI) que foi dirigida por Eduardo Carlos Pereira até o dia de sua morte.²⁶⁵

Dentro da história pioneira do protestantismo do Brasil a Igreja Presbiteriana Independente torna-se referência quando o assunto é protestantismo e intelectualidade. É claro que dentro de outras denominações também sugeram

²⁶² LEONARD. E. G. O protestantismo brasileiro, p. 136.

²⁶³ LEONARD. E. G. O protestantismo brasileiro, p. 137.

²⁶⁴ LEONARD. E. G. O protestantismo brasileiro, p. 136.

²⁶⁵ LIMA. E. F. S. Entre a sacristia e o laboratório, p. 42.

intelectuais, mas a IPI, por ter assumido um discurso nacionalista, e de fato ter rompido com a gerência missionária estrangeira, tornou-se um espaço informal de articulação de muitos protestantes intelectuais.²⁶⁶

Esta característica de atrair intelectuais acabou trazendo uma briga interna dentro da IPI. Para entender esse embate, antes deve ser destacado que, embora muitos dos seus membros pertencessem a vida acadêmica secular, teologicamente a maioria dos pastores dentro da IPI eram conservadores. O Próprio Eduardo Carlos Pereira era um defensor da literalidade do texto bíblico. Para ele a Bíblia seria um livro no qual cada palavra teria sido ditada pelo próprio Deus, não havendo qualquer possibilidade do texto bíblico ser submetido a qualquer tipo de crítica.²⁶⁷ A grande questão do embate é que começou a surgir dentro da IPI aqueles que pensavam diferente. Os chamados “liberais”.

Os liberais, diferente de Eduardo Carlos Pereira e da maioria dos membros da IPI, acreditavam que a Bíblia poderia sim ser criticada cientificamente sem perder o brilho religioso e não dependia de uma interpretação literal para ser considerada Palavra de Deus.

Esse grupo chamado de “liberais”, estavam afastados dos ensinamentos dos missionários norte-americanos e mais voltados para cultura da Europa. Era o caso de Othoniel Motta, Erasmo Braga, Jorge Bertolaso Stella e Theodoro Henrique Maurer Júnior.

O envolvimento de muitos deles com diversas áreas do saber, como literatura, filosofia, filologia e estudos sociológicos ajudou-os a adquirirem uma admiração e respeito pela ciência humanística Europeia. E como bem afirma Eber Lima, “de posse dessa bagagem, procuraram injetar em sua Igreja o antídoto contra o preconceito científico e o conservadorismo teológico, ao longo das décadas de 20, 30 e 40 do século XX”.²⁶⁸

No ano de 1940, a situação encontrava-se insustentável entre os conservadores e liberais dentro da IPI. Os conservadores pediam a expulsão desses liberais da denominação. Acusando a IPI de uma falta de um posicionamento severo contra os liberais, um grupo de conservadores decidiram deixar a denominação e fundaram a Igreja Presbiteriana Conservadora. Como consequência os liberais

²⁶⁶ LIMA. E. F. S. Entre a sacristia e o laboratório, p. 16.

²⁶⁷ LIMA. E. F. S. Entre a sacristia e o laboratório, p. 59.

²⁶⁸ LIMA. E. F. S. Entre a sacristia e o laboratório, p. 13.

foram pressionados dentro da denominação e em 1941 deixaram a denominação e fundaram uma nova comunidade protestante em 1942, a Igreja Cristã de São Paulo.

O principal nome dentro desse movimento de “liberais” do Pastor Othoniel Motta, também fundador da nova igreja. Sobre isso Eber Lima pontua:

O Pastor Othoniel Motta, uma espécie de inspirador e patrono do grupo intelectual protestante, que já deixara a IPI em 1938 no início da “questão doutrinária”, também veio a ser um dos fundadores da nova igreja. Modelo de cristão protestante moderno esclarecido, nascido no seio de uma importante família ligada ao café, Motta foi um modelo dessa intelectualidade protestante brasileira.²⁶⁹

Deve-se destacar que não é justo dizer que todos os que se opuseram às ideias dos liberais tinham atitudes anti-intelectuais. Como foi destacado aqui, homens conservadores como o pastor Eduardo Carlos Pereira foram excelentes acadêmicos e através de suas atitudes nacionalistas, possibilitaram um espaço em que outros intelectuais protestantes pudessem amadurecer, debater, produzir e estabelecer contato com o pensamento moderno.

A grande questão é que Eduardo Carlos Pereira pertencia a um modelo de intelectualidade que não conseguia estabelecer contato com as transformações do mundo moderno, principalmente no campo científico. A questão é que a mentalidade dos missionários norte-americanos ajudou a gerar o modelo de intelectualidade encontrado em Eduardo Carlos Pereira. Nas palavras de Eber Lima o modo de pensar norte-americano, trata-se de uma “mentalidade carregada de ambigüidades, pois misturava valores da revolucionária fé reformada do século XVI com a teologia reacionária das igrejas presbiterianas dos Estados Unidos ao fim do século XIX”.²⁷⁰

É importante destacar que desde a ousadia do Pastor Eduardo Carlos Pereira de romper com a gerência eclesiástica norte-americana, foi se desenvolvendo, ao longo da primeira metade do século XX, um ramo protestante brasileiro intelectualizado “liberal”.

Homens como o Pastor Othoniel Motta (Filólogo), Erasmo Braga (educador e autor de livros didáticos), Lívio Teixeira (filósofo), Isaac Nicolau Salum (linguista), dentre outros, atuaram na docência e ajudaram na construção de um ramo protestante que soube influenciar também fora do meio religioso. Um ramo do protestantismo, ainda que bem pequeno, que conseguiu dialogar com a

²⁶⁹ LIMA. E. F. S. Entre a sacristia e o laboratório, p. 17.

²⁷⁰ LIMA. E. F. S. Entre a sacristia e o laboratório, p. 17.

comunidade científica nacional.²⁷¹ Simpáticos à teologia liberal, muitos desses homens eram leitores de revistas europeias. E através dessas leituras estabeleceram contato com o movimento do cristianismo social que nos Estados Unidos ficou conhecido como “evangelho social” associado ao nome de Walter Rauschenbusch.²⁷²

Em meados do século XX, o Brasil vivia uma transformação social e econômica. As palavras de José Bittencourt Filho expõem uma característica importante dessa época:

Sabe-se que surgiram no cenário político, ao longo das décadas de 1950 e 1960, novos atores: os movimentos sociais, populares estudantis. As ruas das capitais latino-americanas estavam frequentemente tomadas por trabalhadores grevistas e estudantes combativos. Os intelectuais questionavam as teorias clássicas e começavam a deslindar as sutilezas da dominação capitalista no Continente. Em face de condições econômicas difíceis, setores populares responderam com maior organização na cidade e no campo. A luta armada também se apresentava como alternativa recorrente, na esfera cultural as propostas esquerdizantes eram divulgadas como desenvoltura: a literatura, a música popular, o teatro e o cinema converteram-se em meios quase proféticos que anunciavam um novo tempo.²⁷³

Diante desse cenário o Protestantismo de missão conservador puritano-pietista chegava em certa estagnação. Os liberais intelectuais estavam envelhecidos, mas é importante dizer que os liberais durante anos escreveram para revistas que entre as décadas de 20 e 60, foram instrumentos de propagação de seus ideais para todo o território nacional. O objetivo era habilitar os protestantes para o diálogo inteligente com o que eles chamavam de classe culta brasileira.²⁷⁴

Esta primeira geração de liberais, através de suas produções, deixara como herança uma protestantismo arejado, preocupado em estabelecer diálogo com a cultura brasileira, com as ciências e focado nas demandas sociais com pretensões ecumênicas.

Como será visto a partir daqui os herdeiros dessa herança seriam aqueles que se agrupariam em torno do setor de responsabilidade social da Confederação Evangélica Brasileira.

²⁷¹ LIMA. E. F. S. Entre a sacristia e o laboratório, p. 19.

²⁷² CALVANI, C. E. B. Protestantismo liberal, ecumênico, revolucionário e pluralista no Brasil, p.10.

²⁷³ BITTENCOURT FILHO, J. Matriz Religiosa Brasileira, p.124.

²⁷⁴ LIMA. E. F. S. Entre a sacristia e o laboratório, p. 91.

4.4.2 Os herdeiros – “Evangelho Social”

A tomada de consciência dos problemas sociais como a pobreza, a desigualdade e as injustiças fez aparecer a pergunta sobre a relevância do protestantismo para a sociedade brasileira.²⁷⁵

É tentando responder essa pergunta e sob influência da primeira geração dos chamados liberais que surgem movimentos que de alguma forma representaram uma tentativa de superação de um protestantismo dualista puritano-pietista americano. Um protestantismo preocupado com a produção de uma teologia mais próxima da cultura brasileira. Um protestantismo que estava disposto a romper as barreiras denominacionais em favor de uma unidade cristã, do ecumenismo, e da luta por justiça social. É daí que surgem as correntes progressistas.

Para entender melhor este ramo do protestantismo brasileiro é importante olhar para movimentos que aconteciam no mundo. É preciso destacar o nascimento do Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Este nasceu na Europa num contexto de pós-guerra e tinha como um de seus objetivos produzir nas igrejas afiliadas um pensamento crítico e reflexivo sobre a responsabilidade dos cristãos diante das demandas sociais. As reuniões produzidas pelo conselho contavam com participantes Latino-americanos que mais tarde foram os incentivadores da formação do movimento Igreja e Sociedade na América Latina (ISAL).²⁷⁶

A criação de organizações como União Latino-americana de Juventudes Evangélicas (ULAJE) e a Confederação Evangélica do Brasil (CEB) são exemplos de como a busca pela unidade dos cristãos já emitia seus sinais, na América, desde as primeiras décadas do século XX²⁷⁷

Pensando em Brasil, o ISAL e a CEB foram bastante importantes. Este primeiro contou com a participação de muitos protestantes e católicos brasileiros. No ISAL, pensadores militavam com a intenção de implementar na América Latina uma proposta teológico-política mais comprometida com os interesses das maiorias empobrecidas.²⁷⁸ Dentro do movimento trabalhos como os de Richard Shaull e

²⁷⁵ ALVES, R. A. Protestantismo e Repressão, p.216.

²⁷⁶ BITTENCOURT FILHO, J. Caminhos do Protestantismo Militante, p.41.

²⁷⁷ BITTENCOURT FILHO, J. Caminhos do Protestantismo Militante, p.40.

²⁷⁸ BITTENCOURT FILHO, J. Matriz Religiosa Brasileira, p.158.

Rubem A. Alves foram marcantes para o período. Os dois pensadores são tidos como duas figuras que desempenharam um papel pioneiro importante do desenvolvimento do cristianismo da libertação protestante.

Ricahrd Shaull, foi um missionário presbiteriano que chegou ao Brasil no início da década de 1950. Sua prática pastoral mostrava seu interesse pelos desafios que a igreja enfrentava com as transformações sociais no continente. As contribuições do trabalho de Shaull foram importantes para a Igreja brasileira redefinir a sua forma interna e a forma que lidava com a sociedade. Dentro do ISAL, Shall foi responsável por produzir uma teologia a partir da América Latina, mas sem desconsiderar nomes da teologia protestante mundial da época como os de Karl Barth, Dietrich Bonhoeffer e Paul Lemahn. Assimilando e moldando o pensamento Europeu para a realidade latino-americana, Shaull foi capaz de fazer com que o ISAL alcançasse uma maturidade teórica relativamente independente da Europa.²⁷⁹

Rubem Alves foi acadêmico na mesma instituição e época que Shaull dava aulas. Trata-se do Seminário Presbiteriano de Campinas. Dentro deste seminário, Rubem Alves foi tendo contato com a teologia de Shaull e foi questionando suas próprias raízes fundamentalistas. Aos poucos o olhar de Rubem Alves foi se voltando para uma teologia que partisse da experiência humana, uma teologia que se voltou para o espírito lúdico da cultura latino-americana.²⁸⁰

Devido trabalhos e ações como as de Shaull e de Rubem Alves, pode-se dizer que o ISAL foi um movimento que pavimentou o caminho para a Teologia da Libertação.

A CEB chegou a ter escritórios em todo território brasileiro. Ministrava cursos e palestras por todo Brasil. Com isso, seus ideais atingiram instâncias fundamentais da vida das igrejas. Pode-se dizer que a CEB foi um grande reduto dos protestantes intelectuais, libertários e progressistas.²⁸¹

Com toda essa movimentação o protestantismo militante ganhava forças e teve como um grande marco a Conferência do Nordeste em 1962. Sobre esta conferência Bittencourt Filho escreve:

Nela, o protestantismo nacional adquiriu uma projeção inédita até então. A realização do evento na cidade de Recife; a cobertura da Imprensa secular e religiosa;

²⁷⁹ BITTENCOURT FILHO, J. Caminhos do Protestantismo Militante, p.59.

²⁸⁰ REBLIN, I. A. Teologia: outros cheiros, outros sabores, p.17.

²⁸¹ ROSA, W. O Dualismo na Teologia Cristã, p. 109.

a presença de cientistas sociais renomados, numa demonstração da relevância da mediação científica; as recomendações dos grupos de estudos; a publicação de manifestos; e a presença destacada de novas abordagens bíblico-teológicas; foram alguns dos ingredientes que fizeram dessa Conferência, o mais importante evento ecumênico que o protestantismo brasileiro já pôde auspiciar.²⁸²

É bastante importante evidenciar que, por trás de todos esses movimentos que fizeram parte dessa dinâmica de um protestantismo mais social, encontrava-se uma hermenêutica diferente da sugerida nas confissões das denominações vistas até aqui.

A hermenêutica que brotava desses movimentos tinha muitos pontos em comum com a hermenêutica liberal europeia mas era diferente no sentido que procurava estabelecer a relação texto-leitor. Assim como a teologia liberal, a hermenêutica dos movimentos de libertação tinha interesse pelo mundo, pela história e pela vontade de encarnar o cristianismo no mundo de hoje. Recorriam às ciências, e ao pensamento moderno.²⁸³

Mas é preciso pontuar que diferente da Teologia liberal que não ligava para os problemas dos mais pobres, dentro dos movimentos de libertação, também importava a experiência do povo sofrido, a reflexão da realidade. Essa preocupação com a experiência e realidade fica bem clara nas palavras de Carlos Mesters:

Interpretar a Bíblia, sem olhar a realidade da vida, é o mesmo que manter o sal fora da comida, a semente fora da terra, a luz debaixo da mesa; é como galho sem tronco, olhos sem cabeça, rio sem leito.

Pois a Bíblia não é o primeiro livro que Deus escreveu para nós, nem o mais importante. O primeiro livro é a natureza, criada pela palavra de Deus; são os fatos, os acontecimentos, a história, tudo que existe e acontece na vida do povo; é a realidade que nos envolve. Deus quer comunicar-se conosco através da vida que vivemos. Por meio dela, ele nos transmite a sua mensagem de amor e de justiça.²⁸⁴

É preciso ressaltar que nem todos os protestantes brasileiros agiram da mesma forma frente as mudanças sociais do século XX. Além da linha progressista de um evangelho social, houve aqueles que preferiram solidificar mais ainda a linha puritano-pietista. Grupos fundamentalistas americanos visitaram o Brasil durante esse período para investir e apoiar os segmentos mais conservadores contra todas as expressões do liberalismo teológico. E estes grupos ganharam notoriedade e também foram favorecidos com a implantação do governo militar.²⁸⁵

²⁸² BITTENCOURT FILHO, J. Caminhos do Protestantismo Militante, p.56.

²⁸³ CUNHA, C. A. M. Hermenêutica pentecostal e Hermenêutica da Libertação, p.68.

²⁸⁴ MESTERS, C. Flor sem defesa, p.26.

²⁸⁵ BITTENCOURT FILHO, J. Matriz Religiosa Brasileira, p.123.

Dentro das denominações aconteciam fervorosos embates sobre a CMI, sobre a CEB e sobre os movimentos estudantis. Tanto a CMI, como a CEB e todos os movimentos estudantis da época eram acusados de propagarem mensagens comunistas. Livros eram escritos com o objetivo de demonizar tais movimentos. É o exemplo do livro *A confederação evangélica do Brasil e o Evangelho social* escrito por Robert S. Rapp, missionário do Conselho Independente para Missões Presbiterianas no Exterior, servindo no Brasil na década de 1960. No prefácio do livro já é evidenciado o objetivo do autor de combater a CEB e é assumida a visão fundamentalista:

Este livro foi escrito porque os que se acham nas igrejas evangélicas do Brasil precisam ouvir, honesta e francamente, o que está acontecendo às suas igrejas. É nossa convicção de que os líderes das igrejas, as que fazem parte da Confederação Evangélica do Brasil, não estão informando aos crentes o fato de que Satanás está tomando controle dessas igrejas pela razão de que estes mesmos líderes estão numa triste aliança com as forças da iniquidade e da incredulidade. Alguém, portanto, de dentro ou de fora dessas igrejas, precisa contar-lhes isso.

Este livro é polêmico. Defende um ponto de vista – o ponto de vista da Fé Cristã Histórica, isto é, a Fé apostólica, a dos reformadores e a do Movimento Fundamentalista do Século XX.²⁸⁶

Nas páginas do livro é possível ver como o chamado “Evangelho Social” é condenado. As instituições que promovem tal evangelho são vistas como instrumentos de satanás e Pastores estrangeiros e brasileiros, que de alguma forma tinham em sua bagagem ministerial compromisso com as lutas sociais são difamados. É importante destacar as ideias desse livro, pois elas representam as ideias dos missionários fundamentalistas que vieram para o Brasil e de grande maioria dos protestantes brasileiros. Tais ideias ganharam ainda mais força durante governo militar. Veja este comentário que Robert Rapp faz em seu livro sobre o Evangelho Social:

(...) o “evangelho social” despreza a Palavra de Deus e desonra seu nome. Temos verificado como ele é um instrumento para iludir as multidões e para perverter o Evangelho. Temos visto como ele está desviando as forças missionárias da igreja para um programa que não está ensinado nas Escrituras.²⁸⁷

Dentro das denominações, crescia o sentimento de aversão ao evangelho social, devido uma forte influência fundamentalista dos missionários estrangeiros.

²⁸⁶ RAPP, R. S. *A Confederação Evangélica do Brasil e o Evangelho social*, p.3.

²⁸⁷ RAPP, R. S. *A Confederação Evangélica do Brasil e o Evangelho social*, p.71.

Era comum a publicação de artigos que evidenciavam de forma negativa o evangelho social em alguns jornais denominacionais protestantes.

Veja como exemplo um trecho do artigo intitulado *Missionários Comunistas* escrito pelo Pastor Batista Ebenézer Cavalcanti para uma coluna do Jornal Batista publicado no dia 18 janeiro de 1964:

Dou logo nome aos bois. Trata-se dos agentes internos e externos da União Cristã de Estudantes do Brasil, particularmente de suas células locais – as associações cristãs acadêmicas (...). Aquilo que, em 1927, era uma União de Estudantes para o trabalho de Cristo, hoje não passa de mais um órgão muito bem disfarçado do Comunismo Internacional. O que mais impressiona é a estilização do disfarce. A exposição vai prendendo, vai agradando, vai interessando até certo ponto, por seu sabor cristão, por seu sentido profundamente humano, pela irresistível sedução dos problemas político-sociais que aflora.²⁸⁸

Com o crescimento das ideias de um Evangelho Social começou-se no Brasil um movimento de reação por parte das denominações conservadoras. Essas começaram a conspirar contra os movimentos de libertação. E tal conspiração teve seu sucesso garantido com o estabelecimento do governo militar de 1964.

O movimento progressista protestante sofreu um esvaziamento. Muitos teólogos protestantes que lideravam os movimentos estudantis que estavam ligados a projetos como a CEB e ISAL, foram caçados, presos, torturados e exilados do país pelo regime militar. Nas instituições oficiais de ensino teológico houve um verdadeiro expurgo de intelectuais, favorecendo para um obscurecimento do saber dentro do protestantismo. Isto implicou no fortalecimento, manutenção e consolidação da mentalidade fundamentalista e pietista presente na grande maioria das denominações.²⁸⁹

Rubem Alves considera que diferente de outros países, o protestantismo brasileiro não teve uma experiência direta com o evangelho social, porém o pouco que se aproximou e desenvolveu foi o suficiente para que os movimentos mais conservadores transformassem tudo que tivesse ligação com o termo “Evangelho Social” em elementos de oposição à fé cristã. E este triste legado permanece até os dias de hoje.²⁹⁰

²⁸⁸ CAVALCANTI, E. *Missionários Comunistas*, p.4. Artigo publicado no Jornal Batista no dia 18 de Janeiro de 1964.

²⁸⁹ NETO, L. L. *O Novo Rosto da Missão*, p. 10.

²⁹⁰ ALVES, R. A. *Protestantismo e Repressão*, p.268.

4.4 Mudanças de paradigma

Como bem escreveu David Bosch “em épocas anteriores a igreja reagiu imaginosa e a mudanças de paradigma; somos desafiados a fazer o mesmo em relação a nosso tempo e contexto”²⁹¹. Bosch afirma que é preciso avançar e escrever o significado da missão para o nosso tempo, lembrando que a época presente difere do período em que Mateus, Lucas e Paulo escreveram seus evangelhos e suas cartas para os cristãos dos primeiros séculos do cristianismo.²⁹²

Isto implica que não basta pegar as palavras dos autores bíblicos e aplicar à situação atual como se houvesse uma correspondência exata. Ao contrário, de forma crítica mas responsável deve-se prolongar a lógica do ministério de Cristo e da igreja primitiva para os dias atuais. Vale lembrar que a Fé cristã é uma Fé histórica, ou seja, Deus comunica sua revelação através de pessoas e eventos. Fé bíblica tanto no Antigo quanto no Novo Testamento é encarnatória, com a realidade de Deus adentrando os assuntos do homem.²⁹³

Bosch destaca que ao longo da história a igreja entendeu de formas diferentes sua missão. Logo, por exemplo, dizer que os cristãos primitivos e os medievais entendiam da mesma forma a fé cristã e a missão da igreja é algo supérfluo, pois em cada época dessa, os cristãos, a partir de seus próprios contextos, debateram-se com a questão do que significava a fé cristã para eles.²⁹⁴ Já que o período primitivo da igreja e parte do período chamado de modernidade é passado, cabe aqui o seguinte questionamento: qual seria o paradigma do tempo presente?

Antes de tentar responder tal pergunta é oportuno comentar sobre a crítica que geralmente é feita em relação à ideia de mudança de paradigmas. Uma das críticas que se faz à esta ideia de que a igreja precisa estar atenta às transformações do mundo e mudar seu paradigma, é que tal ideia fomenta o relativismo.

Para Bosch a grande questão é que talvez não se deveria pensar, em qualquer tipo de pesquisa, teológica ou científica em termos de categorias como “absoluto” e “relativo”. É preciso ter em mente que qualquer pensamento teológico é influenciado cultural e socialmente, ou seja, são parciais. Contudo isso não o torna

²⁹¹ BOSCH, D. J. Missão Transformadora, p.21.

²⁹² BOSCH, D. J. Missão Transformadora, p.227.

²⁹³ BOSCH, D. J. Missão Transformadora, p.227.

²⁹⁴ BOSCH, D. J. Missão Transformadora, p.228.

relativista. O cristão precisa estar comprometido com sua compreensão de revelação, mas isso não significa uma exclusão de uma atitude de autocrítica. E como bem escreve Bosch “mostramo-nos, em princípio, abertos para outros pontos de vistas, uma atitude que, no entanto, não se opõe a um compromisso total com nossa própria compreensão da verdade”.²⁹⁵

Alguns pensadores contemporâneos afirmam que já se vive um novo paradigma outros dizem que o momento é de transição. Bosch lembra que “novos paradigmas não se firmam de um dia para o outro. São necessários décadas, às vezes até séculos para que desenvolvam contornos nítidos”.²⁹⁶ Mas o que se pode afirmar com certeza é que é possível identificar uma crise nos círculos teológicos e eclesiais. Crise que é fruto da consciência de uma fundamental mudança de paradigma que atinge na experiência e no pensamento do mundo inteiro.

Dentro da proposta do trabalho que é de fazer com que a educação cristã tenha uma maior relevância hoje, pode-se afirmar que algumas leituras a respeito das demandas do tempo presente já estão nítidas. Um exemplo é o avanço da ciência e da tecnologia, e junto com elas o processo mundial de secularização. A igreja precisa estar atenta às transformações como estas a fim de atender as reais demandas de seus membros. A partir daqui é válido destacar alguns outros eventos aos quais a igreja precisa estar atenta.

Bosch diz que não é possível traçar com exatidão os desdobramentos que levaram a uma fragmentação do paradigma iluminista, mas pode-se obter um esboço amplo e geral.²⁹⁷ Dessa forma fica mais fácil compreender o tempo presente.

O Racionalismo da modernidade era soberbo, especialmente porque suas conquistas científicas e avanços tecnológicos eram tão evidentes, que questioná-lo era absurdo. A superioridade da Razão era inabalada, mas nas palavras de Bosch “atualmente, esse edifício todo está sendo contestado”²⁹⁸. Entre a Primeira Guerra Mundial e a Segunda, alguns filósofos tentaram esboçar as alterações radicais que estavam ocorrendo na cultura ocidental. Muitos reconheceram que a ciência em si do jeito que estava sendo praticada segundo o iluminismo estava tornando-se questionável.²⁹⁹

²⁹⁵ BOSCH, D. J. Missão Transformadora, p.233.

²⁹⁶ BOSCH, D. J. Missão Transformadora, p.419.

²⁹⁷ BOSCH, D. J. Missão Transformadora, p.419.

²⁹⁸ BOSCH, D. J. Missão Transformadora, p.420.

²⁹⁹ BOSCH, D. J. Missão Transformadora, p.421.

Para Bosch o problema com o cientificismo é que ele escraviza o pensamento humano da mesma maneira cruel que qualquer outro sistema autoritário de crença. Bosch deixa claro que não está sugerindo um abandono da racionalidade, mas chama atenção para recolher o melhor da ciência, porém rejeitando seu reducionismo.³⁰⁰

Diante desse processo de libertação das garras do pensamento racionalista, a Igreja precisa se encontrar e entender qual é o seu papel na situação atual.

Tratando-se de educação cristã e de missão os tempos hodiernos têm mostrado cada vez mais a necessidade de a Fé cristã dialogar com as diferentes áreas do saber humano e principalmente com a ciência moderna. Os desdobramentos atuais têm demonstrado que a ciência não precisa ser uma inimiga da Fé cristã.³⁰¹

Portanto, é importante que se combata qualquer tipo de discurso que insista em desenhar um cenário de guerra entre a Fé e a Razão.

³⁰⁰ BOSCH, D. J. Missão Transformadora, p.424.

³⁰¹ BOSCH, D. J. Missão Transformadora, p.425.

5 Conclusão

O caminho realizado pelo trabalho teve o objetivo de mostrar para o leitor como que, ao longo do tempo, foi se consolidando um discurso anti-intelectual dentro do protestantismo brasileiro. Para isto foi realizado uma diagnose do problema.

O segundo capítulo teve como objetivo evidenciar elementos que contribuíram para o processo de formação do discurso de aversão ao saber dentro do protestantismo, mesmo antes dele chegar em solo brasileiro. O Dualismo inserido na gênese do cristianismo, os inúmeros movimentos ascéticos nascidos na Europa e nos Estados Unidos e principalmente a guerra entre o Fundamentalismo e o Liberalismo teológico foram elementos cruciais nesse processo. A soma de todos esses movimentos fez com que o protestantismo se tornasse uma religião do livro. Uma religião presa em seu cativeiro cultural e, com isso, uma enorme dificuldade de diálogo com o mundo.

Na terceira parte do trabalho, o olhar voltou-se para o Brasil. Foi visto que o protestantismo que impactou as terras brasileiras, foi o que chegou com os missionários norte-americanos. O chamado protestantismo de missão. Um protestantismo marcado por uma teologia puritano-pietista. Foi visto que, mesmo com a pluralidade e distintas características entre as denominações, com a ajuda de nomes como os de Robert Kalley, Sarah Kalley e Ashbel Green Simonton, de uma forma geral, uma certa unidade teológica foi mantida. Trata-se da teologia avivalista norte-americana. Esta, com sucesso, foi implantada para o pensamento popular protestante brasileiro.

Através de um sistema educacional cristão que tinha como princípio maior o salvar almas, o protestantismo foi formando cristãos cada vez mais distantes da realidade e demanda do tempo presente.

No quarto capítulo, o que se mostrou foi que através de seus documentos doutrinários e confissões de Fé, as denominações pioneiras apelam para uma hermenêutica fundamentalista. A Bíblia para o protestante é constituída de toda a verdade e está acima de tudo. Anulando a história e o tempo, o protestante faz com que a Bíblia torne-se um livro distante do todo processo civilizatório humano.

Qualquer conhecimento humano que proponha uma abordagem diferente ao texto bíblico não é digno de confiança e deve ser desconsiderado.

Também foi mostrado que ao longo da primeira metade do século XX, foi se desenvolvendo no Brasil um ramo do protestantismo que, rompendo com a influência norte-americana e influenciados pela Teologia Liberal europeia, pastores e teólogos procuraram trilhar uma fé que pudesse estabelecer diálogos com o mundo do saber humano. De início o que se buscava era somente uma hermenêutica diferente que pudesse estabelecer contato com as classes cultas do país, e mais tarde, com a influência do Evangelho Social, surgiria os movimentos de libertação.

A reação da ala conservadora protestante foi dura e cruel. Com a ajuda do Governo militar, pastores envolvidos com movimentos sociais foram taxados de hereges. Alguns mais influentes foram literalmente caçados e presos. Uma era de trevas foi estabelecida, fazendo com que o protestantismo brasileiro reforçasse ainda mais suas raízes puritano-pietistas, fundamentalistas e anti-intelectuais.

Olhando para o protestantismo brasileiro nos dias de hoje o cenário é desanimador. O protestantismo brasileiro ainda não conseguiu estabelecer uma visão equilibrada com a razão. Ainda continua em conflito com a ciência moderna. É verdade que alguns movimentos de diálogo com a ciência surgiram, mas em sua grande maioria tais movimentos possuem mais um caráter apologético da fé. Ou seja, tentam fazer com que a ciência se encaixe dentro da visão tradicional da fé. A ciência é obra de Deus, mas enquanto ela estiver de acordo com a visão tradicional bíblica. Quando não, o que se tem é uma má ciência.

Nos seminários protestantes vive-se a crise: Casa de profetas ou academia? O principal objetivo dos seminários teológicos é de formar pastores que, mais importante do que serem relevantes para o avanço do reino de Deus é que eles sejam relevantes para suas denominações. Portanto, todo o conteúdo teológico das faculdades de teologia protestantes possui um compromisso com as expectativas doutrinárias da denominação à qual tal escola está vinculada. Professores que de alguma forma tentarem ensinar algo fora das diretrizes são retirados.

É claro que tudo isso acaba desembocando em igrejas que serão conduzidas por esses líderes de formação limitada. O modelo continua sendo passado. O método de educação por reprodução se perpetua e a ideia de imutabilidade teológica não é vencida. O tipo de espiritualidade que esse modelo de educação cristã provoca tem sido devastador.

Homens e mulheres que não conseguem viver a Fé de maneira saudável diante dos problemas do tempo presente. Jovens que quando ingressam na vida acadêmica abandonam a Fé devido ao sentimento de terem sido enganados. O povo protestante não entende sua própria Fé.

As correntes escatológicas voltadas para o transcendente geram um povo protestante que vive uma espiritualidade passiva e escapista. O cristão precisa enxergar-se parte da criação e não como um ser desconectado de um “mundo mal” vivendo à espera do dia do resgate. Lutar em favor das causas ambientais e humanitárias, definitivamente, não faz parte do imaginário popular protestante brasileiro. O que importa é um dia chegar ao céu.

Reconhecendo todos esses problemas, o que se procurou até aqui foi realizar um olhar para o passado, pois este é um excelente lugar de aprendizado. O olhar para história é importante para ajudar na identificação dos acertos e dos erros. Os erros, mesmo que não mais possíveis de serem corrigidos, não mais precisam ser cometidos. Foi observado que pela defesa da Fé a razão foi condenada. Tal erro não precisa continuar sendo cometido. Não é a morte da razão que o protestante deve pregar, mas sim a insuficiência dela. Ao olhar para a modernidade pode-se dizer que a Razão por si só foi incapaz de resolver os grandes problemas da humanidade. É certo que o Racionalismo cego, prepotente e orgulhoso foi e continua sendo um grande problema, porém o fideísmo também é.

É claro que os problemas do protestantismo são se resumem somente ao campo da intelectualidade, porém diante da complexidade do mundo moderno, da crítica feita pela ciência moderna, do aumento da medicina, do aumento da tecnologia, do aumento das forças de opressão e de um processo cada vez mais forte de marginalização, pode-se dizer que viver uma Fé mais crítica e menos ingênua da realidade é essencial. E essa essencialidade não se justifica na tentativa de defender a Fé, pois Deus não precisa ser defendido, mas sim para entender a Fé diante das demandas do tempo presente e assim vivê-la de uma forma que o Reino de Deus seja evidenciado no aqui e agora.

Hoje, os problemas do protestantismo são muitos. Mas é importante sempre destacar que as constatações realizadas nesse trabalho não negligenciam as pluralidades dentro do protestantismo. O que se procurou foi, através de um olhar para o passado, tornar viável a análise de uma realidade que pode ser observada no pensamento popular do protestante brasileiro.

É preciso reconhecer que existem movimentos tentando a mudança do triste cenário protestante. Porém, também é preciso reconhecer que ainda se faz necessário um esforço muito grande para uma mudança significativa do cenário atual.

6 Referências Bibliográficas

ALENCAR, G. **Protestantismo Tupiniquim**: Hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira. Arte editorial, 2005.

ALVES. **Religião e Repressão**. São Paulo: Loyola, 2005.

BAEZ-CAMARGO, G. **Princípios e método da educação cristã**. Rio de Janeiro: confederação Evangélica do Brasil, 1961.

BÍBLIA Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. Impr. São Paulo: Paulus, 2003.

BITTENCOURT FILHO, J. **Caminhos do Protestantismo Militante: ISAL e Conferência do Nordeste**. Vitória: Unida, 2014.

BITTENCOURT FILHO, J. **Matriz Religiosa Brasileira: Religiosidade e Mudança Social**. Vitória: Unida, 2019.

BOSCH, D. J. **Missão transformadora**—Mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BUNYAN, J. **O peregrino**: A viagem de Cristão da cidade da Destruição para a Jerusalém Celestial. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2004.

CAIRNS, E. E. **O cristianismo através dos séculos**: Uma história da igreja cristã. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CALVANI, Carlos Eduardo B. Protestantismo liberal, ecumênico, revolucionário e pluralista no Brasil: um projeto que ainda não se extinguiu. **Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 13, n. 40, p. 1896-1929, 2015.

CARVALHO, C. M. **Uma pedagogia para a Educação Cristã**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

CATECISMO MAIOR DE WESTMINSTER, disponível em: <http://ipb.org.br/uploads/catecismo-maior.pdf>. Acesso em 02 de Maio de 2021.

CAVALCANTI, E. Missionários comunistas. **O Jornal Batista**, p. 4, 18 de Janeiro de 1964. Disponível para consulta na biblioteca do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.

CONFISSÃO DE FÉ CONGREGACIONAL. Disponível em: <https://www.aliancacongregacional.com.br/confissao-de-fe.php>. Acesso em 02 de maio de 2021.

CRABTREE, A. R. **História dos Batistas do Brasil até o ano de 1906**. Rio de Janeiro: Casa publicadora Batista, 1962.

CUNHA, C. A. **Hermenêutica pentecostal e Hermenêutica da Libertação: estudo sobre dois projetos de leitura bíblica no Brasil**. 2011. 130 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

DECLARAÇÃO DE FÉ DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS, p.15. Disponível em: <https://assembleia.org.br/wp-content/uploads/2017/07/declaracao-de-fe-das-assembleias-de-deus.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2021.

DREHER, M. **História do povo de Jesus: uma leitura latino-americana**. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

DULCE, P. **Inteligência pra quê? Como usar seu cérebro para a glória de Deus**. São Paulo: Mundo Cristão, 2018.

FERREIRA, E. S. **Manual da igreja e do obreiro**. Rio de Janeiro: JUERP, 1995.

FRESTON, P. **Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment**. 1993. 303 f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, 1993.

GEISLER, N.; NIX, W. **Introdução bíblica: Como a Bíblia chegou até nós**. São Paulo: Vida, 2006.

GILBERTO, Antônio. **A escola dominical**. Miami, Florida: Editora Vida, 1977.

GONZÁLEZ, J. L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo: A Era dos Novos Horizontes**. v.3. São Paulo: Vida Nova, 2003.

GONZALES, J. L. **Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores**. v. 5. São Paulo: Vida Nova, 2003.

GONZALEZ, J. L. **História Ilustrada do Cristianismo: a era dos dogmas e das dúvidas**. v.8. São Paulo: Vida Nova, 1993.

HARPA CRISTÃ. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. Não paginado.

HARRISON, P. **Os territórios da ciência e da religião**. Viçosa: Ultimato, 2017.

HUMPHREYS, Colin. **Verdadeiros cientistas, Fé verdadeira**. Viçosa: Ultimato, 2016.

JAEGER, W. **Cristianismo primitivo e Paideia Grega**. Santo André: Academia Cristã, 2014.

JÚNIOR, A. Gagliard. **Você Acredita em Escola Dominical?** Niterói: Editora Vinde, 1991.

KRISHNAMURTI, Jiddu. **O educação e o significado da vida**. Krishnamurti Foundation Trust Ltd., 2003.

LÉONARD, E. G. **O protestantismo brasileiro**: Estudo de eclesiologia e de história social. Rio de Janeiro: JUERP; São Paulo: ASTE, 1981.

LIMA, L. C. **Bíblia e Ciência: interações e conflitos. Exegese, Teologia e Pastoral**: relações, tensões e desafios. Santo André: Academia Cristã; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2015, p. 395-418.

LIMA, E. F. S. **Entre a sacristia e o laboratório**: os intelectuais protestantes brasileiros e a produção da cultura (1903-1942). 2008. 195 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis.

LORIZIO, G. **Fede e ragione**: due ali verso il vero. Roma: Paoline, 2003.

LUPER, J. D. Três Movimentos batistas que vieram ao Brasil. **Revista Teológica**: Publicada pelo Seminário Batista do sul do Brasil. Ano XII, N.º 24, Junho de 1961.

MADUREIRA, J. **Inteligência Humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

MARCONDES, D. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

MCGRATH, A. **Fundamentos do diálogo entre ciência e religião**. São Paulo: Loyola, 2005.

MENDONÇA, A. G.; VELASQUEZ FILHO, P. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1992.

MENDONÇA, A. G. **Celeste Porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984.

MESTERS, C. **Flor sem defesa**: Uma explicação da Bíblia a partir do povo. Petrópolis: Vozes, 1983.

- MONDIN, B. **Curso de filosofia (I)**. São Paulo: Paulinas, 1981.
- NAÑES, R. M. **Pentecostal de coração e mente: um chamado ao dom divino do intelecto**. São Paulo: Vida, 2007.
- NETO, L. L. **O Novo Rosto da Missão: Os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano**. Viçosa: Ultimato, 2002.
- NOVAES, C. C. P. O landmarquismo batista. **O Jornal Batista**, p.10, 19 de Janeiro de 2003. Disponível para consulta na biblioteca do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.
- PANNENBERG, W. **Teologia Sistemática**. Volume 2. Santo André: Editora Academia Cristã; Paulus, 2009.
- PEARCEY, N. **Verdade absoluta**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- PLATINGA, A. **Ciência, religião e naturalismo: Onde está o conflito?** São Paulo: Vida Nova, 2018.
- RAPP, R. S. **A Confederação Evangélica do Brasil e o Evangelho social**. Missão Bíblica Presbiteriana no Brasil, 1965.
- REBLIN, I. A. **Teologia : outros cheiros, outros sabores – : a teologia na perspectiva crítica e poética de Rubem Alves : caminhos para uma teologia do cotidiano**. 2007. 148 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) Escola Superior de Teologia.
- ROSA, W. **O dualismo na teologia cristã: a deformação da antropologia bíblica e suas conseqüências**. Fonte editorial, 2010.
- RUBIO, A. G. **Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**. São Paulo: Paulus, 2001.
- SALMOS E HINOS. Edição revista e aumentada conforme o texto da 5ª edição, 1975. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/287944578/Salmos-e-Hinos-Coletanea-Geral>. Acesso em: 15 de abril de 2021.
- SHELLEY, B. L. **História do Cristianismo: Uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

SIMONTON, A. G. **Sermões escolhidos do Revº. A. G. Simonton**. Nova York: G. L. Shearer, 1869. Disponível em: <http://institutoaletheia.com/wp-content/uploads/2019/08/Serm%C3%B5es-do-Rev.-Ashbel-Green-Simonton.pdf>.

Acesso em: 20 de abril de 2021.

TERRA, K. R. C.; MESQUIATI DE OLIVEIRA, D. Êxtase como locus hermenêutico na Experiência Religiosa dos Pentecostalismos. **REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES**, v. 31, p. 65-86, 2018.

Disponível em: periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/41882.

Acesso em 05 de Maio de 2021.

TILLICH. **História do Pensamento Cristão**. São Paulo: ASTE, 2015.

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEGNER, U. **Exegese do Novo Testamento: Manual de metodologia**. São Leopoldo: Sinodal, 2016.

WESLEY, J. Pecado original. Sermão disponível em <https://www.metodista.org.br/sermoes-de-john-wesley-disponiveis-para-download>. Acesso em 20 de maio de 2021.

WRIGHT, N. T. **Surpreendido pelas escrituras: questões atuais desafiadoras**. Viçosa, MG: Ultimato, 2015.

ZILLES, U. **Filosofia da religião**. São Paulo: Paulus, 1991.